

# Macau

Junho, 2010

IV Série - Nº 19

Trimestral



Lei Heong lok

A cooperação que vem de longe

## 007 - ORDEM PARA ESCREVER

Macau inspirou Ian Fleming,  
o criador de James Bond

## O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO

Território quase triplicou a sua área

## BARCOS-DRAGÃO

A lenda por detrás da festa





**Director**

Victor Chan Chi Ping

**Director Executivo**

Louie Wong Lok I

**Editor Executivo**

Fernando Sales Lopes

**Propriedade**

Gabinete de Comunicação Social

da Região Administrativa Especial de Macau

**Endereço**

Avenida da Praia Grande, n.ºs. 762 a 804

Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau

Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426

e-mail: info@gcs.gov.mo

**Produção, Gestão e Distribuição**

Delta Edições, Lda.

Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601

**Editor**

Luís Ortet

**Direcção Gráfica**

José Manuel Cardoso

Graffiti - Arte &amp; Comunicação

**Colaboraram nesta edição**

Alexandra Lages, António Falcão (fotografia), António-

Mil Homens (fotografia), Hélder Beja, Ilda Cristina

Ferreira, Isabel Castro, José Costa Santos, João Cortesão

(fotografia), José Simões Morais, Luís Almoater (fotografia),

Márcia Schmaltz, Rogério Miguel Puga e Tiago Azevedo

**Administração, Redacção e Publicidade**

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600E

Edif. Centro Comercial "First International"

14.º andar, Sala 1404

Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601

e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

**Impressão**

Tipografia Welfare, Macau

**Tiragem**

3 000 exemplares

ISSN: 0871-004X

■ ANGOLA: AOA 291.00 ■ BRASIL: BRL 6.60 ■ CABO VERDE: CVE 278.00

■ GUINÉ-BISSAU: XOF 1,602.00 ■ MACAU: MOP 30.00

■ MOÇAMBIQUE: MZN 96.00 ■ PORTUGAL: EUROS 2.50

■ S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 56,400.00 ■ TIMOR-LESTE: USD 4.00

■ RESTO DO MUNDO: USD 4.00

# Macau

Na apresentação das Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2010, feita em Março pelo Chefe do Executivo Fernando Chui Sai On, é referido o princípio estratégico de "estabelecer relações com territórios e países distantes e consolidar a integração com países e territórios vizinhos".

No que diz respeito a países e territórios distantes continua a merecer realce a intensificação da cooperação com os países de língua portuguesa e a União Europeia.

Quanto ao relacionamento com territórios vizinhos, dois documentos aprovados pelo Conselho de Estado em 2008 e 2009, respectivamente, consubstanciam e enquadram as novas políticas: as Linhas Gerais do Planeamento para a Reforma e Desenvolvimento da Região do Delta do Rio das Pérolas e o Plano de Desenvolvimento Geral da Ilha da Montanha.

Como explicamos num artigo publicado nesta edição, a Região do Delta do Rio das Pérolas inclui nove cidades da Província de Guangdong e as regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong.

No contexto dessa estratégia regional é visada a organização conjunta de convenções e exposições, bem como a cooperação nas áreas das indústrias da cultura, da medicina e medicamentos chineses, da logística e da educação.

No campo das infra-estruturas é apontado o apoio da RAEM à construção de dois grandes projectos: a ponte Hong Kong – Zhuhai – Macau e o reservatório de água Yin Zhu, em Zhuhai. É ainda referida a necessidade de criar condições para "a construção de uma zona habitacional de qualidade na Região do Delta do Rio das Pérolas" e dedicar uma atenção especial "à interconexão das infra-estruturas de trânsito transfronteiriço". Finalmente as LAG dão um realce especial às relações com Taiwan, estabelecendo que "a RAEM irá tirar partido das suas vantagens em prol do desenvolvimento das relações com Taiwan e com vista a beneficiar as respectivas populações e contribuir activa e adequadamente para a reunificação pacífica da Pátria".

Luís Ortet

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista Macau.







dois lados....

**GEOGRAFIAS****Macau vezes três, 6***José Costa Santos***REGIÃO****Juntos na Montanha, 16****Uma região três metrópoles, 20****“Não faz sentido pensarmos numa cidade isolada”, 28***Tiago Azevedo***ENSINO****“Portugal é o nosso parceiro principal”, 30****Ensino sem fronteiras, 34***Alexandra Lages***MACAU****Linhas de Acção Governativa para 2010, 38****ARTE****Por esta China acima, 49***Isabel Castro***ANÁLISE****Dez anos após a Reunificação, 54***Ilda Cristina Ferreira***MEMÓRIA****O “território enigmático” de Ian Fleming, 64***Rogério Miguel Puga***BIOGRAFIA****Matteo Ricci, o poder da amizade, 72***Isabel Castro***CONHECER****Cidade antiga de Langzhong, 80***José Simões Morais***FOTOREPORTAGEM****Expo em imagens, 96****FESTIVIDADES****O dia do duplo cinco, 104****A lenda dos cálamos na porta, 108***Prof<sup>ª</sup> Márcia Schmaltz***EVENTO****A “marca cultural” de Macau, 110***Hélder Beja***SECÇÕES****INSTANTE, 2-3****ACONTECEU/MARÇO, 44-47****ACONTECEU/ABRIL, 62-63****ACONTECEU/MAIO, 92-94****CARTAZ, 114-124****RETRATO, 126-127****MISSÃO EM MACAU**

Em 1957 Macau foi visitado pelo escritor britânico Ian Fleming, criador da figura de James Bond, o agente secreto. A missão de Fleming era conhecer a realidade local e transmitir as suas impressões aos leitores do jornal *Sunday Times*.

A magia da cidade que não dorme seduziram e inspiraram o escritor e essa influência transparece nos ambientes das aventuras do agente 007.

**P64****JOSÉ DRUMMOND**

Nas suas vertentes de artista plástico e de DJ, partiu à descoberta do Interior do País. José Drummond, em Macau há 17 anos, vê em Pequim um importante centro de arte contemporânea mundial. A capital chinesa, diz, “tem muita energia, as coisas estão realmente a acontecer em Pequim”.

**P49****MATTEO RICCI**

Hoje a Cidade Proibida, em Pequim, é visitada por cerca de oito milhões de pessoas por ano. Mas nem sempre foi assim, na zona onde, durante séculos, viveram os imperadores da China. Nos primeiros anos do século XVII, Matteo Ricci foi o primeiro missionário a conseguir entrar na Cidade Proibida.

**P72****LANGZHONG**

Langzhong, no nordeste da Província de Sichuan, foi classificada pelo Conselho de Estado, em 1986, como cidade cultural e histórica. Na sua zona antiga

vive-se um quotidiano despreocupado, por entre ruas pedonais e casas térreas sugerindo uma vida de outras eras.

**P80**

# MACAU 2009

## LIVRO DO ANO

MACAU 2009 Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2009 Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições em línguas portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e sucursal da "The Commercial Press (HK) Ltd" ou, ainda, no Centro de Informações ao Público, na Rua do Campo e na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos Serviços de Correios do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) Ltd e Cosmos Books Ltd.

# Macau vezes três

Nos últimos 100 anos realizaram-se aterros de grandes dimensões junto à Ilha Verde, na Areia Preta, no Porto Interior, no Porto Exterior, na antiga Baía da Praia Grande, na ilha da Taipa, na zona do aeroporto e na área entre as ilhas da Taipa e Coloane. Nesse espaço de tempo o território de Macau foi crescendo a uma velocidade notável e quase triplicou a sua área. E não vai ficar por aqui pois novos aterros estão em preparação

TEXTO: JOSÉ COSTA SANTOS\*



**M**acau está sempre a mudar. Os residentes vão notando isso quando, a espaços, deixam de passar numa determinada zona que, semanas mais tarde, tem uma nova loja, um novo prédio, ou mais um pouco de terra conquistada à foz do rio das Pérolas.

Ao longo dos anos, Macau foi crescendo, quer pela construção intencional de aterros quer pelo assoreamento das zonas cos-

teiras, fruto da corrente dos rios que aqui desaguam vindos do Interior do País.

Desde 1912, o território de Macau, constituído pela península e as ilhas da Taipa (Grande e Pequena) e de Coloane, quase que triplicou a sua área, passando de 11,6 quilómetros quadrados para 29,5 quilómetros quadrados, no final de 2009.

E, em breve, Macau vai voltar a crescer. Em Novembro passado o Conselho de Es-



Esta fotografia, de 1940, mostra, ainda desabitada, a Zona de Aterros do Porto Exterior (ZAPE)

tado deu luz verde ao Governo local para a execução de mais três aterros (*ver texto sobre este assunto*).

Há um século, a península de Macau tinha apenas 3,4 quilómetros quadrados e a linha da cidade terminava no sopé das colinas existentes. A actual ilha da Taipa ainda estava dividida em Taipa Grande e Taipa Pequena e as duas ocupavam, em conjunto, 2,3 quilómetros quadrados.

Já a ilha de Coloane, o agora chamado pulmão da cidade, detinha a maior área – 5,9 quilómetros quadrados. Ao longo dos anos, foi a zona de Macau que menos cresceu, já que no final do ano passado detinha apenas 7,6 quilómetros quadrados, ou apenas mais 1,7 quilómetros quadrados do que em 1912. A maior parte dos aterros de Coloane foi executada em 1986, na zona da Concórdia, onde foi



Com a única excepção da Ponte 16, no Porto Interior, os casinos da península de Macau estão presentemente instalados em zonas de aterro: o ZAPE e o NAPE.

edificado um parque industrial.

Os primeiros aterros, em princípios do século passado, decorreram na sobre-povoada zona do Porto Interior, onde aportavam os navios e se desenrolava o comércio da cidade, com todas as estruturas de apoio aí concentradas.

A necessidade de reordenamento de toda a zona do Porto Interior e a expansão da cidade levaram, explica o arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro, as autoridades portuguesas a regularizarem a linha de costa com uma muralha e cais de desembarque, “encurtando” o canal de navegação que era assoreado “alguns centímetros por ano” pelos inertes que corriam no rio. A urgência da obra era grande pela necessidade de possuir estruturas físicas modernas, à semelhança de Hong Kong, mais adequadas ao comércio que ali se realizava.

O desejo português, nos últimos anos da monarquia, que pretendia o prolongamento do território, através de aterros, a norte da Ilha Verde, numa área que agora está ocupada por aterros de Zhuhai, terá esbarrado com a negativa das autoridades chinesas, explica Vizeu Pinheiro.

A implantação da República em Portugal conduziu a alterações na política de terras em Macau, iniciando-se a construção dos aterros do que é hoje a zona do ZAPE que, como sublinha também o arquitecto José Maneiras, foram pensados para ser o grande porto de Macau, em substituição do Porto Interior.

A administração portuguesa de Macau visava a transferência do comércio do Porto Interior para o Porto Exterior criando, conforme manifesto num mapa de 1927, dois bairros industriais (zona da praia da Areia Preta e Reservatório, onde estava previsto o terminal de caminhos de ferro Macau-Cantão) e uma zona comercial (entre o actual Casino Lisboa e o actual Instituto Politécnico). Vizeu Pinheiro explica, contudo, que, mesmo após a conclusão das obras, os navios continuaram a deslocar-se para o Porto Interior, considerado durante séculos como o “Porto Seguro”, gorando assim os planos dos portugueses de transferência do porto para uma área muito exposta e sem infra-estruturas.

Como indica um mapa de Macau com os projectos para depois de 1926, a admi-

nistração portuguesa não queria apenas um porto de águas profundas na zona do Porto Exterior, mas também tinha planos para fechar o canal de acesso ao Porto Interior, junto à Barra, através da construção de um aterro a partir das, ainda à época, duas ilhas da Taipa. Além disso, planeava construir um outro aterro ligando a Taipa Grande a Coloane, ocupando a actual zona do Cotai, onde presentemente estão edificadas diversas infra-estruturas públicas e ligadas à indústria do Jogo.

No entanto, nenhum desses projectos se concretizou.

O primeiro grande aterro construído em Macau depois de 1926 ficou concluído dez anos depois, tendo sido reclamada ao mar uma zona compreendida entre o Jardim de São Francisco e a zona onde seria posteriormente construído o Hotel Lisboa e daí até ao Reservatório e à Areia Preta, ampliando ainda, e em ambos os lados, a língua de terra que ligava Macau ao continente chinês, sem contudo incluir a actual zona da saída da Ponte da Amizade até à Rotunda da Pérola.

Ainda em 1936 está identificado um outro aterro que marca o reordenamento do Porto Interior, que, ao longo dos anos, sofreu intervenções pontuais de ampliação – natural ou produzida pelo Homem -, incluindo algumas bem recentes, como, em 2004, ao lado da Escola de Pilotagem, e em frente ao templo de A-Má.

A península de Macau passou – em 1936 - a ter 5,2 quilómetros quadrados e a Taipa, que entretanto ficou com as suas duas ilhas unidas por um istmo, 2,6 quilómetros quadrados.

Outra grande transformação de Macau aconteceu em 1957, quando foi concluído o aterro entre as ilhas da Taipa Grande e Taipa Pequena, fazendo crescer em 600 mil metros quadrados a zona do actual centro da ilha e criando os espaços que conduzem à entrada do istmo entre Taipa e Coloane.

Mas, refere outro arquitecto, José Maneiras, a união entre as duas ilhas foi um processo gradual que aliou a sedimentação natural dos terrenos usados para a agricultura e a vontade do Homem em

conquistar terrenos ao mar.

Das praias de Macau até à ilha da Taipa, José Maneiras recorda, nos anos 40 e 50 do século passado, os campos de cultivo, as estradas de terra ladeadas pelo mar em aterros, que “ficavam um pouco acima do nível da água”.

“Lembro-me muito bem de um pequeno istmo que ligava as duas ilhas da Taipa”, conta o arquitecto, referindo ainda que na Taipa Grande existia uma estrada que “contornava” a ilha até à zona onde hoje se encontra a rotunda que fica junto à fábrica da Hovione.

A Taipa Pequena, acrescenta, chegava à zona onde é hoje o mercado da Taipa e, mais à frente, junto à actual estrada que segue da Ponte Sai Van até à rotunda de entrada no istmo, existia um pequeno cais onde os pequenos barcos atracavam depois de fazerem o transbordo dos passageiros e carga que vinham de Macau para as praias existentes nas ilhas.

Em 1996 acontece outro grande salto na área do território, quando, na península, foi fechada a velha baía da Praia Grande para criar os Lagos Nam Van e construir os aterros onde estão hoje a Torre de Macau, o edifício da Assembleia Legislativa e o dos tribunais superiores. Estes aterros estão ligados por estrada à zona dos Novos Aterros do Porto Exterior (NAPE), também concluída nos anos 1990 e que foi recentemente aumentada com pequenos reordenamentos onde estão implantados hotéis-casinos como o *Wynn* e o *MGM* ou o *Le Arch* e ainda o Museu de Ciência junto ao Centro Cultural de Macau.

Na ilha da Taipa, ficam concluídos os aterros do Aeroporto Internacional e, em Coloane, um pequeno reordenamento onde está construído o Westin Resort.

A península de Macau passou a ter 7,7 quilómetros quadrados, a Taipa 5,8 quilómetros quadrados e Coloane 7,8 quilómetros quadrados, num total de 21,3 quilómetros quadrados, mais 2,2 quilómetros do que em 1991. Entre 1996 e 1999, mais 2,2 quilómetros quadrados foram conquistados no COTAI.

Muitos dos aterros construídos durante o



De um e do outro lado do antigo istmo que ligava as ilhas da Taipa e Coloane cresceu a mais extensa zona de aterros do território, já ocupada por diversos casinos e complexos hoteleiros e comerciais



## Cem anos de aterros

Eis os mais importantes aterros dos últimos 100 anos:

**1923** – Aterro de ligação da Ilha Verde à península de Macau.

**1936** – Conclusão da Zona de Aterros do Porto Exterior (ZAPE).

**1957** – Aterro entre as ilhas da Taipa Grande e da Taipa Pequena, passando a existir uma única ilha.

**1990** – Novos Aterros do Porto Exterior (NAPE). A chamada zona A ficou concluída nessa altura, ao passo que a zona B, junto à Ponte Nobre de Carvalho, surgiu mais tarde, integrada no Plano de Fecho da Baía da Praia Grande.

**1995** – Aeroporto de Macau.

**1996** – Conclusão das Obras de Fecho da Baía da Praia Grande e construção da zona dos Lagos Nam Van.

**1996** – Aterro da Areia Preta.

**2003** – Aterros da zona do Cotai, entre as ilhas da Taipa e de Coloane. É difícil de estabelecer uma data precisa para a conclusão das obras já que foi e continua a ser um processo em constante evolução.

**2006** – Zona de aterro onde foi construído o complexo City of Dreams. É parte do Cotai. ■



Mapa I



Mapa II



**Mapa I** - Mapa do território de Macau em princípios do século XX, incluindo a península e as ilhas da Taipa Grande, Taipa Pequena e Coloane.



**Mapa II** - (1936 -1957) Nesse período foi feita a ligação entre a Taipa Grande e a Taipa Pequena e o aumento da, já existente, união entre a península e a Ilha Verde. A obra de maior impacto, no entanto, foi a construção dos aterros do Porto Exterior visando estabelecer, aí, um porto de águas profundas, o que veio a revelar-se como um projecto inviável. Mas sobrou uma extensa zona, o ZAPE (Zona de Aterros do Porto Exterior) que só viria a ser ocupada de forma consistente na segunda metade da década de 80 do século passado.

**Mapa III**



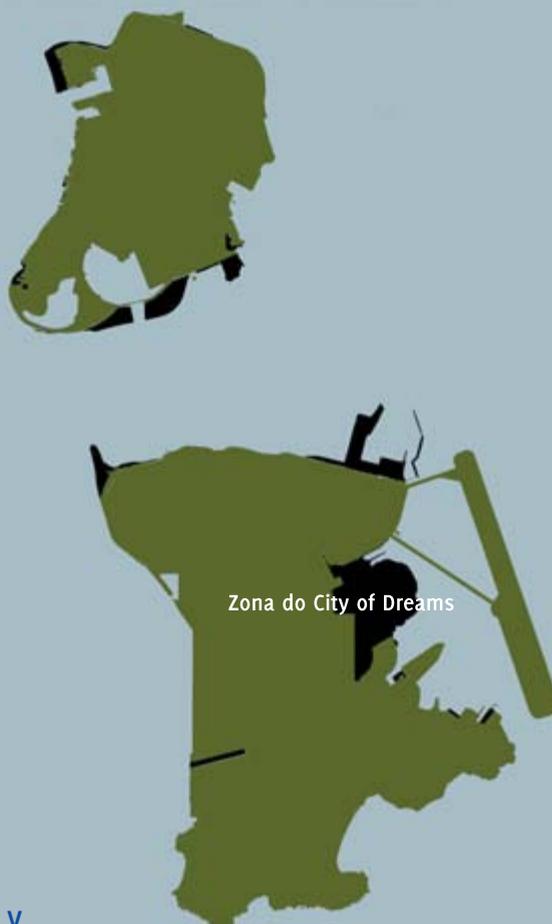
**Mapa III** - (1986 -1996) A construção do Aeroporto Internacional de Macau, inaugurado em 1995, obrigou à consolidação de aterros. Outra adição importante à área do território resultou das obras de fecho da antiga Baía da Praia Grande, nos anos 90 do século passado, de que resultou a zona Lagos Nam Van, onde se situam a Torre de Macau e os edifícios da Assembleia Legislativa e dos Tribunais Superiores. Também a zona da Areia Preta viu a sua área alargada por aterros, em 1996.

**Mapa IV**

**Mapa IV** - (1999 - 2003) A obra de aterros na zona entre a Taipa e Coloane, de um e de outro lado do istmo, que desde 1968 ligava as duas ilhas, dão origem ao maior crescimento de área do território de Macau numa só zona. É o chamado Cotai (designação derivada dos nomes das ilhas de Coloane e da Taipa) onde estão a ser construídos diversos complexos hoteleiros e comerciais ligados ao sector do Jogo.

**Mapa V** - (2004 - 2009) Este foi o período, nestes últimos cem anos, em que houve transformações menos significativas na geografia do território. De uma maneira geral os aterros foram mais reduzidos, sendo no entanto de destacar, pela sua dimensão, os que foram feitos na zona do Cotai onde estão os edifícios do complexo *City of Dreams*.

**Mapa V**



século XX experimentaram um fraco desenvolvimento até meados dos anos 80.

José Maneiras recorda, por exemplo, que a zona do ZAPE era pouco mais do que terrenos alagadiços. Falhado o objectivo de construir um porto de águas profundas no NAPE, a zona onde está actualmente o hotel *Grand Lapa* (antigo *Mandarin Oriental*) serviu de “pista de aterragem” e de apoio aos hidroaviões da PanAmerica que escalavam Macau, antes de dar lugar ao antecessor do Clube Náutico.

Só nos anos 60, com a chegada dos *hydrofoils* a Macau pelas mãos de Stanley Ho e por força do novo contrato de concessão de jogo, o Porto Exterior recebeu um cais de embarque, “primeiro de madeira e, mais tarde, em estrutura definitiva”, lembra José Maneiras.

Também Francisco Vizeu Pinheiro tem memória de outras alterações, como foi o caso do Cotai.

“Era uma cidade para cerca de 200 mil pessoas sendo na maioria áreas residen-

ciais com equipamentos públicos como jardins, escolas, campos desportivos, mercados e, também, hotéis e espaços destinados a reuniões e exposições com um terminal de caminho de ferro de ligação entre Macau e Cantão. Hoje o destino principal daquela zona são casinos e hotéis. Muitas das pessoas, aproveitando as facilidades de circulação, passaram a viver em Zhuhai e a trabalhar em Macau”, sublinha.

A grande expansão do território de Macau aconteceu a partir de 1999 quando a ainda administração portuguesa iniciou o aterro do Cotai (de cada lado do antigo istmo que ligava as ilhas da Taipa e Coloane), primeiro com 2,2 quilómetros quadrados e que, ao longo de dez anos, foi crescendo até atingir, no final de 2009, os 5,8 quilómetros quadrados.

Refira-se que a ilha de Coloane manteve a importante função de “pulmão” do território e não sofreu qualquer alteração de área desde 1999, tendo, no final de 2009,

## Novos aterros

COM uma perspectiva de crescimento até aos 33,1 quilómetros quadrados, a Região Administrativa Especial de Macau terá em breve mais aterros.

Na ilha da Taipa haverá três novos aterros numa área compreendida entre a Ponte Sai Van e o Aeroporto Internacional de Macau.

Do lado da península, as zonas escolhidas ficarão numa faixa que começará em frente ao hotel-casino MGM e irá até muito perto do Centro de Ciência e, na zona norte da cidade, junto à Rotunda da Pérola (à saída do acesso à



Ponte da Amizade). Habitação, zonas de lazer e infra-estruturas como parques de estacionamento para a nova ponte Hong Kong/

Macau/Zhuhai, serviços e órgãos públicos, como os tribunais e a Assembleia Legislativa, estão projectados para os novos aterros. ■

a mesma área que em 1991 - 7,6 quilómetros quadrados.

A conquista de terrenos ao mar teve, assim, desde 1912, duas fases distintas: a primeira, que duplicou a área de Macau, aconteceu até 1999 quando o território cresceu de 11,6 quilómetros quadrados para 23,8 quilómetros quadrados; a segunda, depois da transferência da administração de Macau, quando cresceu até aos 29,5 quilómetros quadrados.

Desde 1999, a península de Macau cresceu de 7,8 para 9,3 quilómetros quadrados, devido aos aterros na zona da Barra, na Doca dos Pescadores, no Porto Interior (Ponte 16), na marginal em frente à Torre de Macau, na zona do Centro de Ciência e em frente do casino-hotel MGM.

Na ilha da Taipa construíram-se essencialmente aterros na zona de acesso à Ponte Sai Van e do novo terminal marítimo junto ao aeroporto, passando a ilha de 6,2 para 6,8 quilómetros quadrados, enquanto Coloane, como já foi referido, se manteve inalterado.

A zona do COTAI tem vindo a aumentar aproximando-se os novos terrenos das imediações do aeroporto e com a maior parte dos aterros terem acontecido na margem esquerda de quem segue para Coloane e onde foi edificado o *City of Dreams*, a Universidade de Ciência e Tecnologia, a Nave Desportiva dos Jogos da Ásia Oriental de Macau e os novos hotéis associados com a *Sands China*, cujas obras têm estados suspensas.

Com o espaço circundante a começar a escassear, o crescimento de Macau não poderá continuar a fazer-se apenas de aterros e a cidade procura novos horizontes, como o aproveitamento do espaço na ilha da Montanha onde será construído o novo campus da Universidade de Macau.

Será assim a segunda vez que a cidade utiliza terrenos em Zhuhai para suportar o seu crescimento depois da fronteira das Portas do Cerco já estarem edificadas em terrenos do continente. ■

\*Especial Agência Lusa para a Revista **MACAU**

# Juntos na Montanha

O empenho demonstrado pelas partes envolvidas (as duas regiões administrativas especiais e a Província de Guangdong) no sentido de serem dados passos concretos na realização do desígnio da cooperação regional foi uma das tónicas do Fórum do Rio das Pérolas, realizado no mês de Abril em Macau. Por outro lado, o Chefe do Executivo Chui Sai On convidou formalmente Hong Kong a participar nos projectos da Ilha da Montanha (Hengqin) e ambas as partes vão promover conjuntamente as indústrias criativas

TEXTO: TIAGO AZEVEDO

FOTOS: ANTÓNIO MIL-HOMENS





Vontade há muita, mas é preciso passar do plano das intenções para o trabalho no terreno para levar avante o desenvolvimento conjunto do Delta do Rio das Pérolas. No final de Abril, foram várias as personalidades que estiveram em Macau para participar na terceira edição do “Fórum do Rio das Pérolas” e na “Cimeira da Megalópole Mundial do Delta do Rio das Pérolas - o Presente e as Perspectivas do Futuro”, evento que permitiu partilhar ideias e discutir soluções.

E o primeiro a lançar o mote foi mesmo o secretário para a Economia e Finanças, Francis Tam, logo no discurso de inauguração. A ideia é simples: se tanto se fala em cooperação e diversificação do tecido económico, há que dar as mãos, e criar um mecanismo para coordenar e promover o sector das convenções e exposições a nível regional. Se o sector em Hong Kong já está maduro, se em Guangdong está em crescimento e se a RAEM também o quer consolidar, a solução deve invariavelmente passar pela união de esforços.

Este é apenas um exemplo específico, mas que pode facilmente ser adaptado a todo o mecanismo de cooperação. Isto é, a união de esforços permitirá acima de tudo poupar recursos e evitar sobreposições.

“Para Macau se transformar num verdadeiro centro mundial de turismo e de lazer precisa de outros elementos de qualidade elevada [além do sector do Jogo].”

*Francis Tam (Macau)*



“A consolidação de laços regionais entre Guangdong, Hong Kong e Macau e a cooperação estreita dos últimos 30 anos aprofundaram as interligações (...) entre os três territórios.”

*Lei Ulan (Guangdong)*



No fundo, todos terão a ganhar se funcionarem como um só.

Segundo Francis Tam, a RAEM terá de se focar em certas áreas, concretizan-

do a aspiração de se tornar num centro de turismo e lazer internacional, constituindo com Zhuhai uma grande zona metropolitana. “O sector do jogo é apenas

um dos elementos de turismo e de lazer. Para Macau se transformar num verdadeiro centro mundial de turismo e de lazer, precisa de outros elementos com qualidade elevada, maior diversificação e mais características atractivas”, afirmou o governante.

“Macau deve desenvolver a área de entretenimento, moda, cultura e arte e realizar convenções de pequena e média dimensão”, frisou o secretário. Se as parcerias entre as três partes devem ser facilitadas, acrescentou, Macau pode ainda contribuir para “abrir mercados nos países lusófonos”.

Ou seja, as três regiões devem identificar as suas especificidades e trabalhar no campo da complementaridade. Assim, as fraquezas individuais podem ser suprimidas. Ideia partilhada também por Henry Tang, secretário-chefe para a Administração de Hong Kong.

## Ganhos mútuos

Para o governante da Região Administrativa Especial de Hong Kong (RA-EHK), o Delta do Rio das Pérolas desempenhou sempre o papel de pioneiro na reforma e no processo de abertura da China. Hoje em dia, salientou, os processos estão já consolidados, mas ainda carecem de aperfeiçoamentos. Desafios existem em todas as fases, há é que saber encontrar soluções, disse

Henry Tang.

Hong Kong tem o seu papel a desempenhar nestas relações tripartidas e Tang assume que é preciso acelerar o passo rumo à meta desejada, especialmente quando o objectivo é criar uma zona com qualidade de vida irrepreensível, o ambiente devidamente protegido e os pilares económicos necessariamente diversificados e sofisticados.

Assim, referiu durante o seu discurso, Hong Kong não pode bater com a porta e fazer tudo dentro das suas fronteiras. “Hong Kong é uma economia virada para o exterior. Temos de saber cooperar com as outras regiões para nos desenvolvermos ade-

quadamente”, frisou.

O sector dos serviços continua a ter um peso importante na economia da RAEHK, região que deve fortalecer o estatuto de centro financeiro mundial. E a lição parece já estar estudada. “Temos de maximizar o nosso potencial financeiro, aperfeiçoando os nossos instrumentos financeiros e de gestão”, explicou Henry Tang.

Após o seminário, o secretário-chefe para a Administração de Hong Kong disse aos jornalistas que o Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, convidou formalmente Hong Kong para participar no desenvolvimento da Ilha

da Montanha (Hengqin). Ambas as partes acordaram ainda na promoção conjunta das indústrias criativas, avançou Tang.

Recentemente, o Governo da RAEM anunciou a criação de mais um grupo de trabalho para concretizar o projecto de integração regional, seguindo o quadro para a cooperação entre Guangdong e Macau. A ideia é reforçar o trabalho em áreas que vão desde a criminalidade transfronteiriça à exploração da Ilha da Montanha e à criação de infra-estruturas.

## Futuro brilhante

Nesta nova era, o futuro promete ser “muito próspero e brilhante”, realçou Lei Ulan, vice-governadora da Província de Guangdong. “A consolidação de laços regionais entre Guangdong, Hong Kong e Macau e a cooperação estreita dos últimos 30 anos de reforma e abertura aprofundaram as interligações económicas, sociais e cívicas entre os três territórios”, lembrou.

Agora, o aprofundamento da integração regional e a aceleração do desenvolvimento integral “tornaram-se numa fórmula comum e numa opção imprescindível” para as três partes. Neste sentido, finalizou Lei Ulan, nada deverá ser deixado ao acaso e Guangdong irá trabalhar para promover a cooperação efectiva entre todas as partes. ■



“Temos de saber cooperar com as outras regiões para nos desenvolvermos adequadamente.”

Henri Tang (Hong Kong)

# MFE 澳門特許經營洽談會 2010

## Macao Franchise Expo 2010

### 8-10/07/2010

Venue: 2nd Floor, Macau Tower Convention and Entertainment Centre

Brand expansion continues...  
Business opportunities  
to be seized

Welcome to join us

Eligible Macao enterprises can apply for "Individual Exhibition Participation Financial Incentives" and can receive up to 60% subsidies.

Internationally renowned brands assemble here to showcase their uniqueness and trigger business opportunities!

Welcoming franchisors, chain store operators, product agencies, service providers.

Exhibiting space is limited. Enroll now!

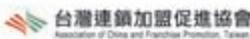
The MFE will provide free services of pre-arranged and on-site business matching, currently we are collecting the franchise and brand agency project from the world. Business and entrepreneurs from Macao are welcomed to join and provide the intentions for matching. To know more details, you could contact the commissioner of MFE or go through website to register and obtain the latest business matching opportunities :

Tel: (+853) 2872 8328, Fax: (+853) 2872 7506, E-mail: [matching@ipim.gov.mo](mailto:matching@ipim.gov.mo)

MFE official website: [www.mfe.mo](http://www.mfe.mo), Business matching website: [bm.ipim.gov.mo](http://bm.ipim.gov.mo)

Macao Trade & Invest Kiosk

#### Organisers



#### Supporting Organisations



#### Coordinator



#### Hotline

Macao: +853 6212 8811, Mainland China: +86 153 4482 8811, Fax: +853 2825 7277, E-mail: [contact@mfe.mo](mailto:contact@mfe.mo)

Name: \_\_\_\_\_ Title: \_\_\_\_\_

Organisation: \_\_\_\_\_ Contact Person: \_\_\_\_\_

Address: \_\_\_\_\_

Tel: \_\_\_\_\_ Fax: \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_ Website: \_\_\_\_\_

I am/We are interested in participating in MFE:  
(You may select more than one option)

- Exhibitor
- Business Matching
- Professional Visitor
- Delegation

# Uma região, três metrópoles

**São muitos quilômetros de estradas e ferrovias e uma imensa reestruturação do espaço aéreo e marítimo. É o Plano de Desenvolvimento da Região do Delta do Rio das Pérolas, que assenta em três áreas metropolitanas complementares: Macau/Zhuhai, Hong Kong/Shenzhen e Cantão/Foshan**

TEXTO: TIAGO AZEVEDO

São mais de 150 páginas de um olhar atento sobre a Região do Delta, ao longo das quais são elencados os problemas, encarados os desafios e lançadas sugestões. No fundo, é preciso arregañar ainda mais as mangas e pôr as mãos ao trabalho para alcançar a almejada integração regional e o desenvolvimento coordenado entre Macau, Hong Kong e Guangdong.

No seguimento do mapa para o desenvolvimento da Região do Delta do Rio das Pérolas, aprovado pelo Conselho de Estado há dois anos, foi apresentado um relatório no final do ano passado, coordenado pela Universidade de Pequim e com a colaboração de instituições e acadêmicos

das três regiões, no qual se procuram traçar as linhas com que se irá coser o desenvolvimento regional. O foco, apontam os autores, devem ser as três áreas metropolitanas formadas por Macau-Zhuhai, Hong Kong-Shenzhen e Cantão-Foshan que, a par da Baía do Estuário do Rio das Pérolas, serão os pilares do desenvolvimento regional.

A Região do Delta do Rio das Pérolas – que abrange ainda outras nove cidades da Província de Guangdong – tem reunidas todas as condições para se tornar numa das zonas mais pujantes do planeta, com cidades vibrantes e com padrões de vida dos mais elevados ao nível internacional, que devem rivalizar com cida-

## Projecto para os transportes entre-fronteiras na Região do Delta do Rio das Pérolas



des como Tóquio, Nova Iorque ou Londres. O enquadramento para que as regiões sejam complementares e cooperem na persecução deste objectivo há muito que é conhecido: Hong Kong será o centro financeiro e logístico internacional, Guangdong uma zona de manufactura moderna, com especial destaque para a inovação e novas tecnologias, enquanto que a Macau caberá o papel que já vem desempenhando: ser um

centro de turismo de renome e uma plataforma de comércio e serviços.

### Desígnio nacional

Se as metas já estão traçadas, é preciso agora descobrir qual a melhor forma para as atingir, até porque o crescimento ameaça ser acelerado: tendo em consideração as projecções, o Produto Interno Bruto da Região do Delta deve saltar dos 5,75 biliões de renminbis em 2012 para os 15

biliões em 2030. Durante este período, a população da região vai disparar dos 58 para os 66 milhões. Números que fazem antever quais serão as prioridades. Em primeiro lugar, realça o relatório, é preciso abandonar o modelo do passado através do qual cada uma das partes edificava infra-estruturas a seu bel-prazer. A palavra-chave passa a ser “coordenação”. Além das três áreas metropolitanas, a atenção vai também para o desen-

## Delimitação das Áreas de Cooperação



volvimento de três eixos de ligação: Hong Kong-Cantão e Macau-Cantão, estreitando os laços de ligação de ambas as regiões administrativas especiais com o Norte do país; já o terceiro eixo vai ligar o leste e o oeste do Grande Delta do Rio das Pérolas, procurando incentivar a criação de um roteiro turístico – a chamada “Costa Dourada” – e o desenvolvimento equilibrado de toda a região.

A Região do Delta é também dividida em três sub-regiões, com o ênfase a ir para o oeste, precisamente onde se encontra Macau. Se o leste (com Hong Kong) e a zona central já têm um bom nível de de-

envolvimento, a zona oeste tem ainda terreno para recuperar e nada melhor do que fazê-lo com as experiências de quem já passou pelo processo. Neste cenário tripartido, as outras cidades não ficarão à margem e acabarão por ser importantes núcleos de apoio ao desenvolvimento regional. Tudo porque a ideia passa também por criar mais ligações com o interior, visto que as autoridades esperam que o desenvolvimento do Delta do Rio das Pérolas contagie as províncias circundantes e seja o catalisador de uma economia socialista de mercado que vai ganhando preponderância no palco interna-

cional.

### Novidades na calha

Mas saindo do plano das intenções, o que vai então ser feito? Para começar, é previsto que a viagem entre qualquer uma das três áreas metropolitanas não vá para além de uma hora, rigorosamente o mesmo tempo que se deve gastar para percorrer cada uma das sub-regiões. Criar um sistema de transportes expedito, assente nas novas ferrovias e rodovias, é um plano que já está a ser concretizado, com a ligação do Delta do Rio das Pérolas à rede nacional de comboios, às prin-

principais rodovias e com a construção das pontes entre Hong Kong-Zhuhai-Macau e Shenzhen-Zhongshan.

A Ilha da Montanha (Hengqin) vai também desempenhar um papel deveras importante: deverá ser o elo de ligação do sistema ferroviário da China Continental ao metro ligeiro de superfície da RAEM, bem como o ponto de entrada para as estradas nacionais. Neste sentido, salienta o relatório, deverá ser estudada a viabilidade de se construir uma via ferroviária ao longo da costa de Guangdong e com ligação às outras províncias e também uma ponte ferroviária no Estuário do Rio das Pérolas.

Como os transportes são um elemento fulcral para aproximar pessoas e regiões, o objectivo deste pro-

jecto é criar um sistema multimodal que permita deslocações mais rápidas e eficazes.

Esta necessidade de reestruturar e cooperar regionalmente acarreta também alterações no quotidiano de outras áreas. O estudo propõe que se crie um sistema de múltiplos aeroportos, servidos por estradas e comboios, com destaque para Hong Kong, seguido de Shenzhen, Cantão, Zhuhai e Macau (o aeroporto local deverá ser uma estrutura multi-funcional de dimensão média e internacional). As infra-estruturas devem partilhar recursos e reforçar componentes específicas de acordo com as suas valências. As autoridades locais devem ainda solicitar a abertura do espaço aéreo, especialmente o de baixa altitude, procurando ex-

pandir o uso de helicópteros como meio de transporte, referem os autores. Já no que toca ao sistema integrado de portos, a RAEM fica um pouco à margem devido à inexistência de um porto de águas profundas, cabendo-lhe então um papel de suporte. Mas é aqui que se destaca a cooperação, com o porto de Zhuhai a ser identificado como uma das principais estruturas neste novo modelo, a par da sugestão de um melhor uso dos rios e portos fluviais. Este padrão visa tornar o Delta do Rio das Pérolas num dos principais centros de transporte marítimo regional e internacional. Por outro lado, o melhor aproveitamento dos rios permitiria também incentivar o uso deste tipo de transportes, complementando os meios terrestres.



De acordo com o plano de desenvolvimento regional, a Hong Kong caberá o papel de centro financeiro e logístico internacional, a Guangdong o de zona de manufactura moderna e a Macau o de centro de turismo e plataforma de comércio e serviços

## Obstáculos por terra

Para que a integração seja uma realidade na próxima década, muito trabalho terá de ser feito por todas as partes. As diferenças entre os sistemas políticos, jurídicos, económicos e administrativos continuam a representar sérias barreiras à cooperação regional. A solução é procurar a harmonização e um consenso tripartido.

Já vários passos foram dados nesse sentido, mas um importante instrumento seria a formulação de leis que enquadrassem o desenvolvimento urbano regional, como sugerem os autores do relatório. Já no campo económico, definir políticas financeiras comuns e guias de investimento, bem como constituir um Fundo Regional, seriam medidas viáveis para encarar o futuro de

mãos dadas.

Todos estes mecanismos serão importantes para promover os projectos transfronteiriços nos mais diversos sectores, desde o turismo à saúde, passando pela educação e indústria. O estudo refere a necessidade de se melhorar o sistema de passagem nas fronteiras, tanto para pessoas como mercadorias. Devem ser construídos novos postos fronteiriços, ampliados os já existentes e melhorados os sistemas de controlo através da facilitação dos mecanismos administrativos, aconselha o relatório.

Assim que os obstáculos fronteiriços sejam reduzidos será possível fomentar a cooperação na área dos serviços sociais. As propostas são várias: abrir criar a hipótese de alunos do ensino primá-

rio de Macau frequentarem instituições na China Continental (Zhuhai ou Zhongshan), desobstruir o caminho para que a prestação de serviços aos idosos possa ser feita do outro lado da fronteira, dada a escassez de recursos na RAEM, e estabelecer zonas de colaboração na área da cultura. Os dados estão lançados. ■

*Usamos neste artigo a expressão "Região do Delta do Rio das Pérolas" para designar a região que inclui Hong Kong, Macau e nove municípios da Província de Guangdong (em chinês, 大珠江三角洲). Como temos feito em edições anteriores, reservamos a expressão "Grande Delta do Rio das Pérolas" para designar a aliança regional, também conhecida como "9+2", que inclui nove províncias e as duas regiões administrativas especiais da China (em chinês, 泛珠江三角洲).*



## Principais propostas do relatório

- **Reduzir** para uma hora a **duração da viagem** entre as zonas metropolitanas e as sub-regiões
- **Elevar** os padrões de qualidade
- Expandir as **rodovias e ferrovias** aos aeroportos e portos
- Criar um **Fundo Regional** e enquadrar legal e economicamente o desenvolvimento conjunto
- Estimular a **cooperação** entre Macau e Zhuhai para o desenvolvimento das **ilhas Wanshan**
- Reduzir os **obstáculos fronteiriços**
- Estudar a construção de uma **ponte ferroviária** no estuário e uma linha ferroviária na costa de Guandong, “Costa Dourada”
- Estabelecer parques verdes e zonas tampão e **umentar os padrões ecológicos**



Foto: António Mil-Homens

## De olho na Ilha

A ILHA da Montanha (Hengqin) é hoje em dia encarada como a nova menina dos olhos da Região do Delta do Rio das Pérolas, simplesmente porque se trata de matéria-prima no seu estado mais elementar: uma grande área ainda por explorar e a possibilidade de afastar erros cometidos no passado através do desenvolvimento conjunto. Não é de espantar, portanto, que a ilha, que no ponto mais próximo dista meros 200 metros de Macau, seja vista como uma área para implementar projecto-piloto na área das novas tecnologias e inovação, sem esquecer as valências turísticas e a possibilidade de ser uma base logística para a região.

O estudo apresentado no final do ano passado confere mesmo um elevado estatuto à Ilha da Montanha: “Deve servir como modelo para toda a China”. Mas que benefícios trará para Macau? Vários, aponta o relatório. Primeiramente, será a base primordial de ligação ao Interior do País, com a extensão das rodovias nacionais e a edificação de uma estação

para comboios com ligação ao sistema de metro ligeiro da RAEM. Neste sentido, realçam os autores, deve ser considerada a ampliação do posto fronteiriço existente e a construção de um posto alfandegário exclusivamente para mercadorias, aumentando o fluxo de passageiros e carga, e diminuindo os obstáculos administrativos.

Junto a Coloane deverá então ficar a zona dedicada ao ensino, alicerçada no novo campus da Universidade de Macau, enquanto no sul da ilha o foco irá para a construção de hotéis e para a aposta no turismo. No interior, o espaço será dedicado à exploração de uma plataforma de serviços, à constituição de uma zona cultural e de indústrias criativas e à implementação de uma zona de pesquisa e investigação. No fundo, os sectores através dos quais Macau procura diversificar o seu tecido económico. Já mais para Norte é concebida uma zona industrial para altas tecnologias e uma vasta área residencial, que, no futuro, poderá muito bem acolher residentes da RAEM. ■

## Pegada verde

EM DEZ anos a Região do Delta do Rio das Pérolas deve estar completamente transformada, fruto de um plano que prevê um célere crescimento. Mas pouco interessaria se o desenvolvimento fosse feito à custa do meio ambiente e, vai daí, as preocupações ecológicas vão mesmo ser uma das pedras-de-toque do projecto de integração regional, salienta o estudo coordenado pela Universidade de Pequim.

De acordo com os autores, os três principais rios da região (Xi Jiang, Bei Jiang e Dong Jiang), bem como as suas margens, devem ser aproveitados como corredores ecológicos. Paralelamente, deve-se potenciar o turismo ecológico aproveitando as “sete montanhas” da região, entre as quais se enquadra a Ilha da Montanha (Hengqin), mesmo aqui ao lado da RAEM.

No total, são 17 as áreas que devem constituir a prioridade na salvaguarda do meio ambiente, cabendo a Macau um papel influente na protecção da zona oeste da Região do Delta do Rio das Pérolas.

Segundo o estudo, o território deve cooperar activamente com Jiangmen, Zhongshan e Zhuhai para estabelecer parques verdes e criar zonas tampão. A Ilha da Montanha, bem como as montanhas Fenghuang e Huangyang, em Zhuhai, devem constituir a principal preocupação da RAEM. Especial atenção deve também ser dada ao desenvolvimento das Ilhas Wanshan. Já em Jiangmen, a prioridade vai para a constituição de reservas naturais e parques florestais, criando-se uma barreira de protecção natural, enquanto que em Zhongshan deve ser promovida a agricultura biológica. Projectos que devem contar com a colaboração estreita de Macau, aponta o relatório.

Porém, cientes de que a RAEM é largamente influenciada pelas condições externas, as auto-

ridades locais deverão também ter uma palavra a dizer na implementação de medidas mais restritas no que toca à emissão de gases poluentes e num controlo eficaz da poluição do ar e da água. A utilização de fontes energéticas eficientes, como o projecto de gás natural para Macau, e a separação dos esgotos e do sistema de recolha de água da chuva são algumas das alternativas sugeridas pelo estudo.

Feitas as contas, o investimento será avultado. Só para se ter uma ideia, para diminuir os níveis de poluição nos rios prevê-se um investimento na ordem dos 46,93 mil milhões de renminbis. Tudo para que o futuro seja mais verde. ■





Foto: John Si

Leong Man Io, presidente da Associação de Engenheiros de Macau

## “Não faz sentido pensarmos numa cidade isolada”

Para o presidente da Associação de Engenheiros de Macau, Leong Man Io, que colaborou no estudo conjunto sobre o desenvolvimento da Região do Delta, já não faz sentido pensar em Macau como uma cidade isolada, “mas sim numa área metropolitana onde se juntam valências e complementaridade, com benefícios mútuos”. A redução dos constrangimentos fronteiriços e a introdução “de mecanismos que permitam uma deslocação rápida” são fundamentais

TEXTO: TIAGO AZEVEDO

**Quais são para si os principais pontos a destacar no estudo sobre o desenvolvimento coordenado da Região do Delta do Rio das Pérolas?**

O relatório aponta de forma concreta e minuciosa o caminho a seguir para o desenvolvimento da Região do Delta do Rio das Pérolas. De forma científica, o estudo analisa a viabilidade da cooperação para a integração regional. A redução das barreiras fronteiriças e uma boa e multimodal rede de transportes serão as chaves para que este plano tenha sucesso, dado que abrirão portas para encontrarmos novos terrenos e mercados, elevarmos os padrões de qualidade de vida e atrairmos mais recursos humanos. Já não faz sentido pensarmos numa cidade isolada, mas sim numa área metropolitana onde se juntam valências e complementaridade, com mútuos benefícios.

**E, no campo da cooperação, o que deve surgir em primeiro lugar?**

Reduzir ao máximo os constrangimentos fronteiriços, sendo mais fácil o fluxo de

peças entre todas as partes. Este deve ser o caminho a seguir.

**E será possível concretizar as metas traçadas na próxima década?**

Se os três lados estiverem realmente dispostos a concretizar as metas sugeridas, penso que é possível criarmos as grandes áreas metropolitanas, reduzindo os obstáculos administrativos. Claro que o incentivo maior terá de vir do Continente. Todos os territórios aqui falados têm sistemas administrativos, judiciais e até económicos diferentes. O novo campus da Universidade de Macau é exemplar daquilo que pode ser feito. É certo que a China percorre um caminho de maior abertura, mas isto não pode ser feito da noite para o dia.

**Mas, para eficazmente colaborar para a integração, Macau terá também de fazer o trabalho de casa...**

Claro. O transporte de massas, como o metro ligeiro de superfície, será muito importante. Se a ideia base é facilitar o acesso entre as regiões, tem de se introduzir mecanismos que permitam uma deslocação rápida. A linha do comboio rápido entre Zhuhai e Pequim é agora uma ligação importante e terá uma estação na Ilha da Montanha, que será o ponto de ligação à RAEM. A ponte do Delta é também importante para melhorar o fluxo de pessoas e carga entre as partes. Só que para implementar um sistema que seja sustentável é necessário avançar com a construção do metro ligeiro, controlar o crescimento do número de carros, melhorar o sistema de autocarros e ter uma eficiente ligação com o sistema rodoviário e ferroviário da região.

**Olhando para os parceiros, tem Macau condições para ombrear no desenvolvimento com Hong Kong e Guangdong em áreas como os aeroportos e portos?**

Dizer que não haverá concorrência será tapar o sol com uma peneira. Estamos a falar de cidades que têm uma economia de mercado e que irão sempre concorrer

entre si. Não só no sistema de aeroportos e portos, mas também em todos os campos de cooperação, terá de se encontrar um ponto de equilíbrio para alcançar uma concorrência saudável. No passado, não houve coordenação no desenvolvimento de cada uma das áreas, razão pela qual vemos um aglomerado desnecessário de infra-estruturas. Hoje em dia procura-se encontrar as mais-valias de cada uma das partes para que, em conjunto, funcionem melhor.

**Qual será então o papel da Ilha da Montanha neste processo?**

A Ilha da Montanha será uma porta de entrada para as regiões Oeste de Guangdong e do Delta do rio das Pérolas, sendo explorada pelas três partes. Neste sentido, será uma zona inovadora, onde serão instalados projectos-piloto. No caso específico de Macau, será bastante útil como base de apoio à diversificação da economia. Contudo, penso que a estratégia para o desenvolvimento regional deve estar devidamente enquadrada, para se evitar eventuais conflitos.

**E como deve entrar aqui o sector privado?**

Terá de trabalhar de forma estreita com as respectivas administrações. O sector privado é o motor das economias e, como tal, pode também ser o incentivador da integração regional na base da economia, tendo em conta as facilidades que deverão ser introduzidas pelos vários governos.

**Como será possível encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento acelerado e a protecção ambiental?**

No estudo é dada ênfase à necessidade de desenvolver a região de forma articulada, sempre dentro de parâmetros amigos do ambiente, razão pela qual terá sempre de haver estudos de impacto ambiental e as regras serão mais apertadas. O objectivo é desenvolver a região de forma sustentável. Neste campo, a RAEM, que é em larga medida influenciada pelo exterior, terá de encontrar os canais para participar na redução da poluição. ■

# “Portugal é o nosso parceiro principal”

A ligação entre o Instituto Politécnico de Macau (IPM) e Portugal está cada vez mais forte. Primeiro ligou-se a Leiria, depois a Pequim e agora estabeleceu um memorando com todos os institutos politécnicos portugueses. O presidente do IPM, Lei Heong lok, conta todos os pormenores da cooperação com o mundo lusófono e explica porque é que o instituto quer passar a universidade

TEXTO: ALEXANDRA LAGES

**O** IPM assinou recentemente um acordo com os institutos politécnicos portugueses. Em que consiste?

O IPM faz parte do conselho coordenador dos institutos politécnicos de Portugal na qualidade de membro convidado, tendo estado presente na última reunião plenária do conselho. Aproveitámos a ocasião para assinar um memorando de entendimento. A nossa relação com os institutos

politécnicos portugueses, incluindo Bragança, remonta ao primeiro dia de criação do IPM. Já existe cooperação em quase todas as áreas académicas. Mas a assinatura deste memorando surgiu devido à existência de novas situações e necessidades. O principal objectivo é a troca de estudantes entre Macau e Portugal, para prosseguirem os seus estudos no grau de mestrado nas diferentes

áreas oferecidas pelas instituições portuguesas, e vice-versa. O protocolo prevê ainda a cooperação noutras níveis, como cursos de Verão para estudantes de Macau e de Pequim, que este ano assinala a segunda edição.

**O IPM tem ainda um protocolo com o Instituto Politécnico de Leiria (IPL). Qual é a diferença entre esse acordo e o novo assinado em Bragança?**



“ O nosso objectivo não é competir com as outras universidades, mas sim conseguir responder ao boom económico de Macau ”

A man with short dark hair and glasses, wearing a white dress shirt and a red patterned tie, is speaking. He is gesturing with his hands. The background is a bookshelf filled with books, and a golden trophy is visible on the left side.

“ Decidimos, nesta última visita a Portugal, elevar a cooperação para um nível mais alto, acrescentando dois anos de mestrado. O objectivo é garantir um maior sucesso aos nossos licenciados, para trabalharem com um bom instrumento linguístico. ”

O nosso protocolo com o IPL é anterior a este memorando e partiu de uma base de licenciatura, concretamente na área de Tradução e Interpretação Português/Chinês e Chinês/Português. Foi assinado há quatro anos e foi o ponto de partida para a cooperação com Portugal. Tem sido um grande sucesso. Entretanto, no ano passado, o protocolo passou de bilateral a trilateral, pois ao IPM e ao IPL juntou-se a Universidade de Língua e Cultura de Pequim, que é considerada a melhor do país no ensino do Chinês a estrangeiros. Com base nisso, decidimos, nesta última visita a Portugal, elevar a cooperação para um nível mais alto, acrescentando dois anos de mestrado. O objectivo é garantir um maior sucesso aos nossos licenciados, para trabalharem com um bom instrumento linguístico.

#### **Há mais planos para cooperar com outros países da Lusofonia?**

Há intenção e, de facto, já promovemos algumas actividades com outros países lusófonos, como a troca de professores. Contudo, em termos de estudantes, o intercâmbio é menor. Portugal é o nosso parceiro principal. Quanto ao Brasil, Portugal e Angola, há um grande espaço para um desenvolvimento académico. Devo ressaltar que a nossa cooperação não se limita aos politécnicos. Temos uma relação antiga com a Faculdade de Letras de Lisboa, ao nível da formação de professores. A par disso, estabelecemos recentemente um acordo com a Universidade Clássica de Lisboa, que nos vai apoiar na formação de formadores de professores de português. Ao nível da investigação, assinamos um acordo com o Centro Científico e Cultural de Macau, o Instituto Público do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal. Cooperamos com o Instituto Camões e, com base nisso, estamos a planear apostar no ensino à distância.

#### **Recentemente, o IPM apresentou um plano estratégico para dez anos. Quais são as ambições do instituto?**

A missão principal é transformar o instituto numa universidade politécnica. Se o Governo autorizar, dentro de três anos, vão ser introduzidas alterações profundas ao nível da estrutura e da oferta de cursos de licenciatura do instituto. Actualmente, o IPM tem cerca de 2800 alunos de licenciatura mas, se o projecto for autorizado, vamos aumentar a nossa capacidade para mais de 5000. Também queremos lançar cursos de mestrado e doutoramento. Vamos, porém, assegurar a nossa natureza de instituto de formação profissional, para melhor servir a economia de Macau. O IPM será uma universidade mais regional, dedicada ao estudo de ciências aplicadas, como o desenvolvimento da economia. Contudo, passar a universidade vai dar-nos uma maior margem de manobra para atingirmos um nível mais alto.

#### **Que limitações impedem o desenvolvimento do IPM?**

A actual dimensão e a estrutura do IPM não nos permitem abrir cursos de mestrado e doutoramento e isso é uma grande falha, não só para o IPM, mas também para as necessidades do território. Se os intérpretes-tradutores formados aqui quiserem elevar os seus estudos para outro nível, não podemos proporcionar-lhes essa oportunidade, porque não temos cursos de mestrado. Quanto aos alunos, todos os anos, o número de candidatos é muito grande, mas muitos ficam de fora. No ano passado, o número de candidatos era de 5600, mas só pudemos admitir 500. Faltam-nos condições, uma cantina, uma biblioteca e laboratórios. O nosso objectivo não é competir com as outras universidades, mas sim conseguir responder ao *boom* económico de Macau. Porque o território precisa de contingentes e recursos humanos qualificados. ■

# Ensino sem fronteiras

Acontece todos os anos. Macau troca estudantes de tradução de português e chinês com Portugal. Um protocolo entre o Instituto Politécnico de Macau e o Instituto Politécnico de Leiria abriu novas janelas aos jovens de cá e de lá. Hoje, estão cheios de sonhos, fascinados por uma cultura tão diferente da sua e confiantes de que esta foi uma escolha com futuro

A cantina da residência feminina do Instituto Politécnico de Macau (IPM) está quase deserta. O relógio marca as nove horas e são poucas as cadeiras ocupadas. Ainda de pijama, com caras ensonadas, estudantes chinesas terminam o pequeno-almoço de olhos postos na televisão. “É aqui que costumamos reunir-nos. Apesar de ser a cantina das raparigas, deixam os rapazes permanecer sem problemas”, explica um elemento de um grupo estudantes do Instituto Politécnico de Leiria (IPL), Portugal. Mesmo assim, não se escapa ao

protocolo: é preciso assinar o papel com o nome e o motivo da visita.

Isabel Matos tenta escrever em caracteres chineses. “Qual é o carácter para visita?”, pergunta a André Santos, sentado à sua frente. “Escreve em inglês”, responde-lhe este. Isabel insiste. Desenha alguns traços, mas não se lembra de todos. Desiste, rasura a palavra e opta por um menos complicado *visit*.

A dupla de portugueses faz parte do mais recente grupo de 13 estudantes da instituição leiriense que participa no programa de intercâmbio assinado com o IPM há três anos (*ver texto sobre o protocolo de cooperação*). À mesa, estão ainda Bruno Cunha e Alba García Troya.

Actualmente a frequentar o segundo ano da licenciatura em Tradução Português/Chinês e Chinês/Português, os quatro jovens já conhecem cerca de 1500 caracteres. Todavia, não foi fácil chegar a um consenso.

“Umás vezes sei o que quero dizer, mas não me lembro do tom ou esqueço o significado”, explica André. “No formulário para irmos para a faculdade em Pequim colocámos 800 caracteres”, ajuda Isabel. Contas e experiências pessoais à parte, o objectivo

final do curso é dominar três mil caracteres. “É o suficiente para ler um jornal”, nota André.

## Fascinados pelo Oriente

Aprender uma nova língua, conhecer um mundo diferente do seu e garantir um bom futuro profissional foi o que levou os quatro estudantes a escolher este curso do IPL. Mas atenção que a opção não pode ser vista só como profissional ou pessoal: ambas as vertentes influenciaram a decisão. Outro grande “empurrão” foi a oportunidade de estudar o segundo e o terceiro anos lectivos fora do país, em Macau e em Pequim, respectivamente.

O que mostra mais satisfação pela oportunidade de estudar no exterior é Bruno. Com 19 anos, é o “benjamim” do grupo, sublinha Isabel com ar maternal. A idade não condiz, contudo, com o pragmatismo com que planeia a vida.

A par do fascínio pela cultura chinesa e da vontade de aprender uma língua pouco comum, o português encara “este curso como um meio para atingir um fim”. É o único que não quer seguir a via da tradução e da interpretação.



De cima para baixo: Alba García Troya, André Santos, Bruno Cunha e Isabel Matos, estudantes do Instituto Politécnico de Leiria (Portugal) a cumprirem um ano escolar em Macau

“É uma mais-valia aprender esta língua. Quero ficar por aqui [China] e tirar outro curso. Tenho muitas coisas em mente, talvez *marketing* ou relações públicas”, revela.

Se Bruno é o benjamim, Isabel é a veterana do grupo. Já tem uma licenciatura, é tradutora e interprete em inglês, francês e espanhol. Deixou-se contagiar pelo Oriente quando visitou Macau, há 14 anos. Soube da criação do curso no IPL e aproveitou a oportunidade para regressar à vida académica e à RAEM.

“A minha intenção é voltar para o mercado português com mais uma língua”, conta. Ao contrário dos colegas, a portuguesa de 31 anos é mais céptica. “O investimento pessoal é superior ao profissional, porque não tenho a certeza se vou conseguir aplicar os meus conhecimentos. Mas pelo menos estou a conhecer Macau de uma maneira mais profunda”, constata.

André, 26 anos, não gostou do primeiro curso que escolheu, na mesma área que Isabel, e decidiu suspender os estudos por algum tempo. Entretanto, surgiu a possibilidade de aprender chinês com a abertura do curso no IPL. “A minha motivação é o potencial que o falar minimamente mandarim dá em termos de trabalho. Além de ser um grande desafio”, explica.

## Confiança a cem por cento

Para o futuro profissional, ainda não há planos concretos. China ou Portugal? “Logo se vê, depende das possibilidades.”

Também Alba García Troya, espanhola de 24 anos, não tem projectos definidos, mas diz estar pronta para correr atrás do sonho de ser tradutora, onde quer que seja. “Vou para onde houver trabalho, basta agarrar a mala”, afirma.

Deixou Espanha para estudar música em Lisboa. Após três anos dedicados ao violino e à viola, viu o anúncio da licenciatura em Tradução Chinês/Português num jornal. Foi ouro sobre azul: “Sempre gostei de línguas, tive um interesse pelo mundo oriental e achei uma ótima ideia. Em Espanha, até ao momento, não havia um curso com estas características”.

As mesmas ideias, objectivos e aspirações são partilhadas pelos colegas chineses que estão actualmente a estudar no IPL. Ku Wai Leng, Lu Wang e He Shan são apaixonadas pelas línguas e pela tradução.

Tal é a certeza de sucesso garantido que as estudantes nem referem os benefícios do curso em termos profissionais. Só pensam no que querem fazer no final da licenciatura, com uma taxa de 100 por cento de optimismo. Os dois

anos de estudo em Portugal deram-lhes mais confiança. O português que usam é quase perfeito.

Ku Wai Leng quer voltar a Macau e fazer carreira na área da tradução e da interpretação. Lu Wang gosta de viajar e sonha em trabalhar numa agência de turismo, na China. Só He Shan ambiciona ficar pela Europa. Como diz que é um objectivo de difícil concretização, tem um plano B: voltar para Macau ou para a China.

## Adaptação sem dificuldades

Tanto os estudantes do IPM como do IPL não encontraram problemas de adaptação nas cidades de acolhimento. Em Leiria, a curiosidade de He Shan em conhecer um país e cultura diferentes ajudaram à integração. Em Macau, Bruno, Isabel, André e Alba também não tiveram dificuldades de maior. Só há um problema: em vez do mandarim, a língua de rua é o cantonês, o que representa uma desvantagem da primeira parte do programa de intercâmbio. “Não podemos praticar. Temos de ir para Zhuhai [cidade vizinha de Macau]”, lamenta André. “Não quero estar a arriscar, mas acho que 99 por cento dos meus conhecimentos de mandarim foram conseguidos falando com pessoas do Continente”, acrescenta Bruno. Nada que um ano

lectivo em Pequim não resolva. Despreocupados, os estudantes de Leiria encaram Macau como uma transição, antes de entrarem na grande China. “O choque em Pequim vai ser menor”, atesta André. Na capital chinesa, Carina Sousa confirma a teoria por experiência própria. É uma dos seis estudantes do IPL que completaram o terceiro ano em Pequim, depois de terem passado pela RAEM. “(...) O processo de adaptação Pequim foi muito fácil, penso que foi porque já estava habituada a Macau”, vinca entusiasmada.

No ano passado, o IPM e o IPL assinaram um protocolo de cooperação com a Universidade de Língua e Cultura de Pequim. É na capital chinesa que o quarteto do IPL já pensava, ainda as aulas não tinham terminado no IPM. Nem os exames à porta lhes amansavam a ansiedade. Partilham comentários entre si, imaginando como será a nova etapa do curso.

“A partida oficial está marcada para 27 de Agosto”, informa Isabel. É na Universidade de Línguas e Cultura da capital chinesa que o grupo vai completar o quarto e último ano do intercâmbio. Depois, regressam a Portugal para fazer o quarto ano, receber o diploma e lançar-se no mundo da tradução, na pior das hipóteses, com três mil caracteres chineses na ponta da língua. ■

A. L.

## O que diz o protocolo



O PROTOCOLO de cooperação entre o Instituto Politécnico de Leiria (IPL) e o Instituto Politécnico de Macau (IPM) não estabelece apenas um curso de Tradução e Interpretação Português/Chinês - Chinês/Português. O acordo garante um programa de intercâmbio, incluindo a constituição de uma equipa de professores e o alojamento e alimentação de docentes e alunos que se encontrem em situação de deslocados em Portugal ou na China.

A equipa de professores é mista. Os docentes das disciplinas em língua chinesa são docentes do IPM. Quanto ao ensino em língua portuguesa, está a cargo de profissionais do IPL.

O curso é ministrado em parceria por Macau e Leiria. Nos termos do protocolo, assinado em Março de 2006, os alunos chineses frequentam o primeiro e quarto anos em Macau, e o segundo e terceiro anos em Portugal.

Já os alunos portugueses seguem o sentido inverso: primeiro e quarto anos em Portugal, e o segundo e terceiro anos em Macau. Contudo, com o início da participação da Universidade de Língua e Cultura de Pequim, no ano passado, o intercâmbio ganhou uma nova dimensão, pois os alunos portugueses passaram a frequentar o terceiro ano na capital chinesa.

No programa de intercâmbio entre as duas instituições protocolo prevê-se ainda a criação de mestrados conjuntos nas áreas de Tradução e Interpretação de Português/Chinês - Chinês/Português, Gestão e Administração Pública, bem como a criação conjunta de uma revista científica bilingue destinada à divulgação da investigação produzida nos dois politécnicos.

Um mais recente protocolo, que igualmente envolve o IPM, foi assinado no princípio do ano em Bragança, em Portugal, e engloba todos os politécnicos portugueses, cria um mecanismo que foi apelidado de “Erasmus lusófono”. Ainda numa fase embrionária, este acordo pretende promover a mobilidade entre alunos e docentes de Portugal, Macau e de países africanos de língua portuguesa, e ao mesmo tempo incrementar a mobilidade já existente com o Brasil. ■



# Linhas de Acção Governativa para 2010 *Planear e investir*

**P**autadas pelo lançamento de projectos de estudo essenciais para a definição do tipo de desenvolvimento que se deseja para Macau - gestão de solos, reforma do ensino superior, diversificação económica e habitação pública - as Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2010 apresentadas pelo Chefe do Executivo Chui Sai On em Março reflectem também a vontade de alcançar níveis de investimento público bastante superiores mas cuidadosamente ponderados em termos de áreas.

Assim, destaca-se a construção de um novo *campus* para a Universidade de Macau, a construção de um novo hospital, o lançamento das obras do Metro Ligeiro e o início da construção de uma nova rede viária exterior para Macau e Ilhas.

De acordo com o documento apresentado, este nível de investimento público está directamente relacionado com o impulso que se deseja dar à diversificação

da economia, por um lado, mas também com a necessidade de dotar a RAEM de infra-estruturas absolutamente essenciais a um desenvolvimento sustentado. Nota-se também uma aposta concreta em itens que permitirão, quando implementados, melhorar concretamente a qualidade de vida dos residentes: aumento dos lugares nas creches, abertura de urgências médicas nocturnas nas ilhas, criação do sistema de poupança central e incremento das acções subsidiadas de formação profissional.

Há um misto de planeamento e de acção concreta no impulso governativo deste terceiro executivo da história da Região Administrativa Especial de Macau. Ao longo das próximas páginas, apresentamos as LAG sector a sector, dividindo-as, para melhor compreensão, entre o que são realmente as Linhas de Acção e o que são as medidas concretas prometidas para o presente ano. ■



# ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Florinda Chan

## Linhas de Acção

**CONSULTA PÚBLICA** *Optimizar a consulta pública à população.*

**SOCIEDADE CIVIL** *Promoção de maior participação da sociedade civil.*

**ESTUDOS CIENTÍFICOS** *Fundamentação das opções políticas em estudos científicos.*

**RESPONSABILIZAÇÃO** *Aperfeiçoamento do regime de responsabilização dos titulares de cargos públicos.*

**COMBATE À CORRUPÇÃO** *Reforço do combate à corrupção.*

**TRANSPARÊNCIA** *Aumento da transparência da decisão política.*

**REGIME JURÍDICO** *Aperfeiçoamento do regime jurídico da função pública.*

## JUSTIÇA

**LEI BÁSICA** *Aprofundamento dos conhecimentos e do ensino da Lei Básica.*

**SISTEMA JURÍDICO** *Intensificação do desenvolvimento do sistema jurídico.*

**ORDENAMENTO JURÍDICO** *Aperfeiçoamento do ordenamento jurídico de Macau.*

**ARTICULAÇÃO DAS ACÇÕES** *do órgão legislativo e dos órgãos judiciais .*

## Medidas concretas

**SISTEMA CONSULTIVO** *Aperfeiçoamento do sistema consultivo dos bairros comunitários.*

**REGIME DAS REMUNERAÇÕES** *Reformulação do Regime das Remunerações e Abonos.*

**ESTATUTO DO PESSOAL** *Conclusão do Estatuto do Pessoal do IACM.*

**REESTRUTURAÇÃO** *Conclusão da Reestruturação dos SAFP.*

**criação** *de um Centro de Dados do Governo.*

**REGIME DE FISCALIZAÇÃO** *Implementação de um regime de fiscalização interna e externa da AP.*

**SERVIÇOS PÚBLICOS** *Aumentar de 14 para 20 os serviços públicos do Centro da Zona Norte.*

**GARANTIAS JUDICIÁRIAS** *Apresentação à AL do projecto de garantias judiciárias aos funcionários.*

## JUSTIÇA

**COLECTÂNEA** *Publicação da Colectânea da Legislação da RAEM.*

**REVISÃO DOS CÓDIGOS** *Comercial, Processo Civil e Processo Penal.*



## Economia e Finanças

Francis Tam

### Linhas de Acção

**INVESTIMENTO PÚBLICO** *Manutenção do nível do investimento público.*

**SOLIDEZ FINANCEIRA** *Garantir a solidez financeira.*

**RESPONDER AOS EFEITOS** *subsequentes da crise financeira internacional.*

**APOIO ÀS PME** *Reforço do apoio às PME.*

**MONITORIZAÇÃO** *Reforço da monitorização do sector do jogo.*

**CONTRATAÇÃO DE RESIDENTES** *Promoção da preferência à contratação de residentes.*

**FORMAÇÃO PROFISSIONAL** *Promoção da formação profissional da população activa.*

**INDÚSTRIAS CULTURAIS** *Desenvolvimento das indústrias culturais e criativas.*

**COOPERAÇÃO** *Intensificação da cooperação com o Interior da China.*

**CHINA-PAÍSES LUSÓFONOS** *Aprofundamento do papel de Macau na relação China-Países Lusófonos.*

### Medidas concretas

**SERVIÇO NON-STOP** *Aperfeiçoamento do serviço non-stop ao investimento externo.*

**TRABALHADORES NÃO RESIDENTES** *Implementação da Lei da Contratação de Trabalhadores Não Residentes.*

**RESERVA FINANCEIRA** *Criação do regime de reserva financeira.*

**LEI DO JOGO** *Conclusão da revisão da lei do Jogo.*

**3º ENCONTRO MINISTERIAL** *Apoio à organização do 3º encontro ministerial do Fórum China Países de Língua Portuguesa.*

**FUNDO DE POUPANÇA CENTRAL** *Implementação do Fundo de Poupança Central.*



# Segurança

Cheong Kuok Vá

## Linhas de Acção

**SEGURANÇA E TRANQUILIDADE** *Garantir o ambiente de segurança e tranquilidade.*

**ARTICULAÇÃO** *com as LAG do novo Governo.*

**NOVAS TIPOLOGIAS** *Identificação de novas tipologias de crimes.*

**EFICIÊNCIA OPERACIONAL** *Optimização da eficiência operacional.*

**RECURSOS HUMANOS** *Modernização da gestão dos recursos humanos, materiais e financeiros.*

**ELEVAR A QUALIDADE** *do pessoal.*

**REINSERÇÃO DOS EX-PRESIDIÁRIOS** *Potenciar os níveis de reinserção dos ex-presidiários.*

**GESTÃO PRISIONAL** *Melhoria da gestão prisional.*

## Medidas concretas

**LINHA DA FRENTE** *Reforço das forças policiais na linha da frente.*

**USO DA TECNOLOGIA** *Aumento do uso da tecnologia nos trabalhos da polícia.*

**COOPERAÇÃO INTER-DEPARTAMENTAL** *Reforço da cooperação inter-departamental e transfronteiriça.*



## Assuntos Sociais e Cultura

Cheong U

### Linhas de Acção

**SERVIÇOS médicos** Reforço dos serviços médicos de prevenção, tratamento e reabilitação.

**HOSPITAL DAS ILHAS** Desenvolvimento do projecto do Hospital das Ilhas.

**NOVO CAMPUS** Desenvolvimento do novo Campus da Universidade de Macau (UM).

**ENSINO SUPERIOR** Desenvolvimento diversificado do ensino superior.

**EDUCAÇÃO** Aumentar o investimento na Educação.

**ESCOLARIDADE** Reforço da política de escolaridade gratuita e obrigatória.

**FAMÍLIAS CARENCIADAS** Reforço do apoio às famílias carenciadas.

**ITINERÁRIOS TURÍSTICOS** Integração de Macau em itinerários turísticos multi-destinos.

**GRANDES EVENTOS** Organização de grandes eventos internacionais de vulto.

**EDUCAÇÃO artística** Atração de jovens para a educação artística.

### Medidas concretas

**URGÊNCIAS NOCTURNAS** Criação de urgências nocturnas nas ilhas.

**NOVO HOSPITAL** Início da construção do novo hospital.

**CENTRO DE RECURSOS** Construção de centro de recursos para doentes oncológicos.

**ENSINO SUPERIOR** Revisão do Regime do Ensino Superior.

**REGIME DE AVALIAÇÃO** Implementação do Regime de Avaliação do Ensino Superior.

**ENSINO INFANTIL** Desenvolvimento de plano curricular para o ensino infantil.

**CAMPUS DA UM** Arranque das obras do Campus da UM na Ilha da Montanha.

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA** Elaboração da lei do combate à violência doméstica.

**LUGARES EM CRECHES** Aumento do número de lugares em creches.

**REABILITAÇÃO DE DEFICIENTES** Revisão do Regime da Prevenção, Integração e Reabilitação de Deficientes.

**INDÚSTRIAS CULTURAIS** Criação do Conselho das Indústrias Culturais.

**PATRIMÓNIO CULTURAL** Conclusão da Lei de Salvaguarda do Património Cultural.



# Transportes e Obras Públicas

Lao Si Io

## Linhas de Acção

**INTEGRAÇÃO REGIONAL** *Acelerar a integração regional ao nível dos transportes.*

**PLANEAMENTO URBANÍSTICO** *Intensificação do planeamento urbanístico Macau-Zhuhai.*

**NOVOS ATERROS** *Planeamento dos novos aterros com prioridade à habitação e equipamentos sociais.*

**SOLOS** *Gestão sistemática e eficaz dos solos.*

**CONTRATOS DE CONCESSÕES** *Intensificação da monitorização dos contratos de concessões de terrenos.*

**NOVAS OBRAS PÚBLICAS** *Lançamento oportuno de novas obras públicas.*

**SIMPLIFICAÇÃO DOS CONCURSOS** *para obras públicas.*

**HABITAÇÃO PÚBLICA** *Elaboração de uma estratégia de habitação pública para dez anos.*

**POLÍTICA DE TRÁFEGO** *Criação de uma Política de Tráfego e Transportes Terrestres.*

## Medidas concretas

**LEI DE TERRAS** *Conclusão da revisão da Lei de Terras.*

**TÚNEL ENTRE MACAU E A ILHA DA LAPA** *Estudar a viabilidade de um túnel entre Macau e a Ilha da Lapa.*

**BAIRROS ANTIGOS** *Conclusão do “Regime Jurídico dos Bairros Antigos”.*

**URBANIZAÇÃO** *Elaboração de Leis Nucleares da Urbanização.*

**TRÁFEGO** *Criação do Centro de Controlo e Informação de Tráfego.*

**METRO LIGEIRO** *Lançamento das obras do Metro Ligeiro.*

**AEROPORTO INTERNACIONAL** *Definição de estratégia a 10 anos para o Aeroporto Internacional.*

**SERVIÇOS AÉREOS** *Introdução de mais serviços de serviços aéreos.*

**LIBERALIZAÇÃO PARCIAL** *do mercado da electricidade.*

**ANTENEIROS** *Resolução da questão dos “anteneiros”.*

## Governo cria comissão para as MICE

O EXECUTIVO de Macau criou uma comissão para acompanhar o desenvolvimento da indústria local de convenções e exposições (MICE, na designação inglesa). O novo organismo tem como funções apoiar o Executivo

na formulação de estratégias, medidas e políticas para o sector. Com a estrutura pretende-se fazer convergir opiniões e sinergias da Administração com as dos representantes dos diversos sectores sociais, promovendo-se, deste modo, um ambiente propício ao fomento do crescimento sustentável das actividades ligadas à indústria. Na comissão, presidida pelo Secretário para a Economia e Finanças, estão representados vários departamentos do Governo e associações. ■

## Macau na Memória do Mundo

CINCO ANOS depois de o Centro Histórico de Macau ter sido distinguido pela UNESCO, com a classificação de património da Humanidade, a RAEM voltou a ser reconhecida a nível mundial. O Arquivo da Diocese de Macau foi classificado no registo “Memória do Mundo” durante a quarta reunião geral do Comité Regional para a Ásia e o Pacífico do programa com o mesmo nome, que se realizou em Macau e contou com a presença de representantes de 16 países e territórios.

Os primeiros registos da Diocese de Macau datam de 1576, data do seu estabelecimento. Mas o Arquivo inclui documentos elaborados por missionários que estiveram na China ainda antes do aparecimento formal da Diocese. O programa “Memória do Mundo” é da responsabilidade da UNESCO e pretende preservar arquivos documentais. ■



Foto: cedida por Helen Keng



FOTO: GCS

## Políticos da RAEM nas reuniões magnas da China

MARÇO é mês em que a política nacional conhece dois grandes momentos, que se realizam ambos em Pequim: as reuniões da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês (CCPPC) e da Assembleia Popular Nacional (APN). A Região Administrativa Especial de Macau está representada nestes dois órgãos. Nas sessões deste ano,

os delegados da RAEM levaram à capital as suas perspectivas sobre a cooperação entre a região e o Interior do País, que nos últimos tempos tem adquirido novos contornos com projectos como a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, a definição conjunta das redes de transportes e a exploração da Ilha da Montanha (Hengqin). ■

## Chui Sai On desloca-se a Pequim

O GOVERNO de Macau pretende solidificar o seu estatuto de centro mundial de lazer e intensificar a cooperação com Guangdong e Hong Kong. A mensagem foi deixada pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, no balanço da sua deslocação a Pequim por altura das reuniões magnas do país, e surgiu em reacção às declarações feitas por Wen Jiabao acerca do rumo que Macau deverá ter. A diversificação da economia e o desenvolvimento da indústria do turismo, a solidificação do estatuto de Macau como centro mundial de lazer, a intensificação da cooperação com Guangdong e Hong Kong foram as prioridades definidas pelo primeiro-ministro para a RAEM.

No que toca à cooperação com as regiões vizinhas, o Chefe do Executivo manteve na capital encontros com o secretário

do Comité do Partido Comunista da Província de Guangdong, Wang Yang, o governador da mesma província, Huang Huahua, e com o seu homólogo de Hong Kong, Donald Tsang. Das reuniões saiu o compromisso de esforços conjuntos para a concretização do “Esboço da Reforma e Plano de Desenvolvimento para a Região do Delta do Rio das Pérolas”. Chui Sai On manifestou confiança nas bases de cooperação entre Guangdong, Hong Kong e Macau.

Ainda em Pequim, o líder do Governo da RAEM esteve reunido com o ministro de Turismo, Shao Qiwei. Na reunião, os dois governantes trocaram impressões sobre a intensificação da cooperação do desenvolvimento do sector com Macau. ■

## Edmund Ho eleito vice-presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês

TRÊS MESES depois de ter deixado o cargo de Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho regressou às lides políticas, desta feita junto do Governo Central. O



primeiro líder da RAEM assumiu a vice-presidência da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês (CCPPC), passando assim a ser uma das personalidades de Macau mais bem colocadas na hierarquia do país. Criada em 1949 sob a presidência de Mao Zedong e composta por cerca de 2200 delegados, a CCPPC é o principal órgão de consulta do Partido Comunista e do Governo Central. A eleição de Edmund Ho recebeu luz verde de 97,3 por cento dos votos dos delegados.

Na reacção ao novo cargo político de Edmund Ho, o actual Chefe do Executivo, Chui Sai On, disse sentir-se “honrado” com a eleição do seu antecessor para o cargo, acrescentando ainda tratar-se de um reconhecimento do “elevado contributo” do antigo líder do Governo para o território. ■

## RAEM e Sichuan assinam acordo para 36 projectos de reconstrução

O GOVERNO da RAEM e as autoridades da Província de Sichuan, afectada em Maio de 2008 por um violento sismo, assinaram um acordo para mais 36 projectos de reconstrução, dando assim continuidade à cooperação que tem vindo a ser desenvolvida. Macau colaborou com o financiamento de 31 projectos, em duas fases anteriores, que já estão a ser executados. Nesta terceira etapa, o apoio da RAEM destina-se às áreas da saúde, educação, desporto, previdência social e infra-estruturas, num orçamento de 1030 milhões de renminbis.

O secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Cheong U, explicou que os projectos se concentram nas áreas com maior importância social. O governante representou a RAEM na celebração do acordo e liderou uma delegação que esteve em Sichuan ao longo de três dias, tendo visitado diversas infra-estruturas de apoio às vítimas do sismo. ■





## Viva Macau deixa de voar

O GOVERNO DA RAEM decidiu pôr termo ao contrato de subconcessão da companhia aérea de baixo custo *Viva Macau*, na sequência do cancelamento de vários voos pela operadora, que deixaram centenas de passageiros em terra. O Executivo solicitou à *Air Macau* o término do contrato de subconcessão com a empresa, alegando razões de interesse público. A Autoridade de Aviação Civil cancelou o certificado de operadora

aérea, tendo solicitado à empresa a suspensão de todas as actividades comerciais, incluindo a vendas de bilhetes pela Internet.

Criada em 2004 através de uma subconcessão da *Air Macau*, a *Viva Macau* tem como accionistas grupos da Austrália, Canadá e de Itália, contando também com investidores de Macau. Desde o final de 2006 que garantia ligações aéreas para vários destinos da Ásia. ■



## ERASMUS vai chegar a Macau

A UNIÃO EUROPEIA (UE) vai alargar em breve a Macau o programa ERASMUS para reforçar a cooperação académica com o território. O anúncio foi feito por Michalis Rokas, alto funcionário do Gabinete de Relações Externas da Comissão Europeia. Para o responsável, as regiões administrativas especiais de Macau e de Hong Kong desempenham um importante papel na implementação do princípio ‘um país, dois sistemas’, algo de particular relevância para a UE. Rokas realçou igualmente a “estreita cooperação” entre esta e a China sobre “importantes questões globais”, nomeadamente alterações climáticas, proliferação nuclear, combate à pirataria e resposta à crise financeira. ■



# ANGOLA - CHINA

## Parceiros em África



**CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DE ANGOLA**  
Região Administrativa Especial de Macau  
República Popular da China

Edif. FIT (Financial & Information Technology), 7º Floor I & H, Av. Comercial  
Telefone: 00 853 28716229 - Fax: 28716230 - Website: [www.consgeralangola.org.mo](http://www.consgeralangola.org.mo)



## Por esta China acima

Foi convidado para um seminário na Academia de Belas-Artes de Pequim e o único artista ocidental na colectiva *The Butterfly Effect*, uma iniciativa que aconteceu em Shenzhen e que serviu para mostrar o que é a arte contemporânea da Grande China. José Drummond vive em Macau há quase duas dezenas de anos e tem uma relação especial com o Interior do País, que se estende também à música

**TEXTO:** ISABEL CASTRO

**V**eio para Macau “por causa da China, logo à partida”, porque achou que “era uma belíssima porta para aprofundar aquilo que o país era na altura”. O intuito manteve-se, até porque a China “está em constante mudança”. José Drummond tem uma

relação próxima com o que se faz no Interior do País, que se adensou nos últimos anos. A partir do Inverno de 2004, percorreu “um número enorme de cidades” chinesas no seu estatuto de DJ. Recentemente, e numa outra vertente profissional, a de artista plástico, viajou

até Pequim e Shenzhen.

O repto enviado pela capital chinesa não se tratou de um convite vulgar, daqueles que aparecem todos os dias. Teve, na origem, uma explicação singular: José Drummond é vice-presidente e membro activo da *Art for All*, associação de Macau que se encontra também presente em Pequim. Foi comissário do *Human Emotions Project* (HEP), uma colectiva que, depois de ter passado por Macau, chegou à capital. “Lá, a exposição foi montada de uma forma diferente, acabou por ter bastante público, de tal modo que acabámos por prolongar o seu tempo de exposição”, explica o artista plástico.

Uma coisa levou à outra. O impacto do HEP em Pequim fez com que o Departamento Experimental da Academia de Belas-Artes de Pequim tivesse convidado José Drummond, nascido em Lisboa e residente de Macau há 17 anos, para um seminário sobre vídeo arte e os trabalhos que estavam no HEP.

Tratou-se de uma sessão destinada sobretudo a estudantes da instituição de ensino e artistas da capital. “Estava bastante gente, superou as expectativas que tinha. Fui muito bem recebido, tanto por parte dos responsáveis da Academia, como depois pelos estudantes”, afirma, em jeito de balanço sobre a experiência.

José Drummond esteve duas horas a mostrar vídeos e a falar sobre o que é a vídeo arte, procurando “estabelecer parâmetros e ligações”. A interacção surgiu rapidamente. “Foi muito curioso porque estivemos mais de uma hora numa sessão de perguntas e respostas, bastante interessante. Do ponto de vista profissional, foi muito saudável, porque me deu espaço para perceber outros mundos, e estar num patamar de relação com o público de uma forma diferente, numa grande academia como é a de Pequim.”

O seminário foi conduzido em inglês, com tradução em mandarim. “Alguns alunos tentaram ultrapassar a barreira da língua, não passaram pela intérprete, fazendo a pergunta directamente em inglês, o que provocou uma interacção maior.” Este esforço para evitar a mediação levou a “momentos bastante engraçados nesta relação Ocidente-Oriente”, mas que, realça, foram “muito naturais”.

Durante os dias que passou em Pequim, o artista plástico português realizou o trabalho de vídeo arte que, uma semana mais tarde, levou a Shenzhen, e que pôde ser visto até ao final do mês passado. Na capital encontrou disponibilidade ao nível dos meios técnicos para conseguir concretizar a sua peça. “Por isso, esta minha estadia em Pequim foi bastante



**“Pequim está a assumir-se cada vez mais como um centro de arte contemporânea mundial, ao nível de Berlim, de Londres, de Nova Iorque. Está nesse caminho. Não está no mesmo patamar destas três cidades, mas está logo a seguir e com possibilidade de as ultrapassar nos próximos anos.”**

positiva, mesmo a esse nível. Sinto que as pessoas em Pequim são muito abertas e muito curiosas, o que é uma vantagem para elas, porque aproveitam todos os pequenos momentos com um ocidental para tentarem saber um pouco mais da cultura dele e por que razão também está o ocidental interessado na cultura chinesa”, observa.

### **A energia da cidade**

Pequim é vista por críticos de arte de renome mundial como uma cidade que, nos últimos tempos, tem tido uma dinâmica impressionante, incluindo ao

nível das abordagens experimentalistas. José Drummond concorda com a avaliação mas deixa uma ressalva, baseada também no que lhe foi possível perceber durante o seminário.

“Senti que, apesar de tudo, ainda existe muita falta de informação, o lado experimental ainda não está tão desenvolvido como no Ocidente”, – leia-se Europa e Estados Unidos. “Seja como for”, sublinha, “a energia que existe em Pequim é um fenómeno que nenhuma outra cidade terá vivido durante a sua história”. Talvez Nova Iorque tenha conhecido algo semelhante nos anos 1960, acrescenta o artista plástico, mas

a capital chinesa é diferente, “tem muita energia, as coisas estão realmente a acontecer em Pequim”.

A cidade está a conhecer uma transição muito rápida em termos artísticos. “Pequim está a assumir-se cada vez mais como um centro de arte contemporânea mundial, ao nível de Berlim, de Londres, de Nova Iorque. Está nesse caminho. Não está no mesmo patamar destas três cidades, mas está logo a seguir e com possibilidade de as ultrapassar nos próximos anos.” Drummond exemplifica com o *Ullens Centre* no complexo 798. “Os famosos colecionadores suíços montaram uma espécie de Guggenheim. É a prova da energia que o centro de Pequim tem para o panorama internacional”, vinca.

## Único em Shenzhen

Depois do seminário de Pequim, José Drummond desceu o país para integrar uma colectiva realizada em Shenzhen, cidade industrial, que confina com Hong Kong, e que tem vindo a distinguir-se pelas iniciativas nas vertentes artística e criativa. O artista plástico português foi o único ocidental presente no *The Butterfly Effect*, evento que junta trabalhos de Macau, Hong Kong, Taiwan e do Interior do País.

O convite surgiu em Janeiro deste ano. As peças para a exposição foram seleccionadas por Feng Boyi, um dos comissários independentes e críticos de arte mais importantes na China, com obra feita ainda no âmbito de publicações sobre arte contemporânea.

O homem que participou nos grandes momentos de viragem artística do país das últimas décadas - como o movimento de Ai Wei Wei - passou por Macau para ver os trabalhos de José Drummond, bem como dos artistas James Chu e Alice Kok – os três representantes da região administrativa especial no *The Butterfly Effect*. Aos artistas foi pedido um trabalho novo, que tivesse como base a ideia do efeito borboleta.

Drummond decidiu de imediato fazer para a colectiva de Shenzhen uma peça relacionada com o mundo que tem vindo a explorar em termos artísticos, partindo assim de “uma série de análises à volta do alter ego”. Elevou a um novo patamar a ideia de que “o ecrã do computador funciona hoje em dia como um espelho”. O artista descodifica o conceito: “Em efeito borboleta temos, por exemplo, os fenómenos das redes sociais, como o *Facebook* e o *hi5*. Eu fui mais longe”. José Drummond descobriu um site dedicado a promover encontros entre mulheres chinesas e homens ocidentais. Criou um perfil com as informações básicas, sem sequer disponibilizar uma fotografia, e o resultado não se fez esperar – no espaço de um mês recebeu mais de quarenta cartas, via correio electrónico. Deste total foram seleccionadas 11, que serviram de inspiração para a construção das personagens de *The Pretender*, vídeo rodado num bosque em Pequim.

“As pessoas não são as reais, não é isso que tem importância”, diz. “O que me interessava era explorar esse mundo de fragilidade e de esperança em que as pessoas promovem um determinado ‘eu’ com o qual gostam de ser vistas e que poderá não corresponder, na sua totalidade, à realidade. Isto pode ser levado ao ponto de algumas pessoas considerarem que são bonitas ou mais novas do que são, porque podem disponibilizar fotografias tiradas quando eram mais jovens ou identificarem-se com determinadas estrelas de cinema.” Em *The Pretender* aborda-se o “leque de variedades nesta relação da criação de perfis na Internet”.

Para a realização do vídeo, o artista contou com a participação de várias estudantes chinesas, que se voluntariaram para vestir a pele das personagens virtuais que José Drummond construiu a partir da correspondência recebida. De todos os trabalhos feitos nesta disciplina, foi aquele que implicou uma maior produção, mais meios e recursos

humanos. E apresenta uma diferença significativa em relação ao que o artista tem vindo a fazer nesta sua fase mais recente: não entra como 'modelo' do seu vídeo, ficando do 'lado de fora' da imagem, o que, "em termos formais, resulta numa mudança".

Todas as personagens "são muito semelhantes, o que é interessante", refere. "O vídeo tem um efeito de câmara circular, o que tem a ver com a ideia de que, de algum modo, estas personagens criadas na Internet acabam por funcionar um pouco como a bailarina na caixa de música. São bonecos que andam à volta no seu próprio eixo." Conclusão: em *The Pretender* Drummond procura analisar este "mundo de emoções e de falsidades que podem estar associadas, a forma fácil como as pessoas se expõem mas que, ao mesmo tempo, pode ser fabricada".

## Da pintura ao vídeo

Nascido em Portugal em 1965, José Drummond é um artista multifacetado, que tem vindo a trabalhar cada vez mais em vídeo. "Os meus estudos são na pintura, na realidade nunca fiz nenhum curso de vídeo, daí que se possa dizer que

sou um autodidacta." O vídeo entrou na vida do artista plástico quando a pintura deixou de bastar.

"Precisava da intervenção de outros aspectos plásticos na minha atitude enquanto criador." O primeiro vídeo foi realizado em 1994, seguiu-se um interregno de quatro anos, em 2004 voltou a este meio de expressão artística. "Entretanto tive uma série de experiências pelo meio. Nos últimos três, quatro anos, a produção aumentou, tenho feito bastantes mais. Uma das grandes razões tem a ver com as possibilidades técnicas que hoje são permitidas e que antes não eram tão acessíveis."

É difícil comparar a pintura e o vídeo - são meios diferentes. "No meu processo de largar a pintura, passei pela fotografia, o que, mais tarde, ajudou a cimentar o vídeo. Hoje em dia já praticamente não faço fotografia, e retornei à pintura, o que é curioso", analisa. Mas, neste regresso, quando as suas séries de quadros são vistas como um todo, está lá a noção de imagem em movimento. "É quase como se fossem *key frames* de animações ou de vídeos, há uma ligação muito próxima entre esta pintura que tenho feito e o vídeo". ■





Foto: António Falcão

# Dez anos após a Reunificação

*Aspectos positivos sobre o exercício dos Direitos Humanos em Macau<sup>1</sup>*

**T**endo a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) comemorado recentemente os dez anos de existência, sob o princípio “Um país, Dois sistemas”<sup>2</sup>, julgamos oportuno focar alguns aspectos que normalmente passam despercebidos, e que dão um contributo valioso para a promoção e consolidação dos Direitos Humanos na RAEM. Tendo, ainda, presente que grande parte dos instrumentos jurídicos internacionais sobre os Direitos do Homem está reservada a Estados soberanos, logo sobre a alçada do Governo Popular Central,<sup>3</sup> abordamos ainda em que medida aquele, em estreita colaboração com o Governo da RAEM, tem concorrido para a promoção dos Direitos Humanos na RAEM.

## Um princípio geral

O princípio do respeito pelos direitos e liberdades fundamentais é um princípio geral da RAEM, profundamente enraiza-

do no seu ordenamento jurídico fruto da sua matriz jurídico-civilizacional,<sup>4</sup> com consagração constitucional no artigo 4.º da Lei Básica, Capítulo I (Princípios Gerais).<sup>5</sup>

Esta Lei garante ainda de forma expressa um acervo de direitos e liberdades fundamentais que estão inseridos ao longo do seu texto - Capítulos III (Direitos Cívicos e Sociais), V (Direitos Económicos) e VI (Direitos Culturais e Sociais), sem embargo da salvaguarda de outros direitos e liberdades em sede de legislação ordinária (cfr. art. 41.º da Lei Básica). Existem também disposições de fonte diversa em virtude da aplicação de instrumentos jurídicos internacionais sobre os Direitos Humanos na RAEM (cfr. arts. 40.º e 138.º da Lei Básica), que constituem parte integrante da ordem jurídica.<sup>6</sup>

No contexto do respeito e salvaguarda dos direitos fundamentais, é digno de ressalva o princípio da continuidade do ordenamento jurídico, plasmado nos arts. 8.º, 11.º e 18.º (parág. 1) da Lei Bási-

<sup>1</sup> O presente texto é da exclusiva responsabilidade da autora, não podendo as opiniões nele expressas ser imputadas a qualquer pessoa ou entidade.

<sup>2</sup> A RAEM é uma região com um elevado grau de autonomia excepto em assuntos de relações externas e defesa (cfr. arts. 2.º, 5.º, 13.º e 14.º da Lei Básica da RAEM).

<sup>3</sup> Cfr. Art. 13.º (parág.1) e 138.º (parág.1) da Lei Básica da RAEM.

<sup>4</sup> A RAEM integra a família de Direito romano-germânica e é um sistema monista.

<sup>5</sup> Cf. art.2.º (parág. 4) e anexo I (Cap. V) da Declaração Conjunta Sino-Portuguesa.

<sup>6</sup> O direito internacional convencional prevalece sobre o direito ordinário (cf. art. 1.º, n.º 3, do Código Civil). A publicação em Boletim Oficial da RAEM é condição de eficácia.

ca, ao garantir a continuidade:

- (i) da legislação previamente em vigor desde que não contrarie a Lei Básica,
- (ii) das características base do ordenamento jurídico de Macau e
- (iii) do sistema de garantia dos direitos e liberdades fundamentais.

Existe paralelamente um leque de mecanismos de fiscalização quer de origem interna (judiciais e não-judiciais)<sup>7</sup> quer externa que assegura o efectivo gozo dos direitos fundamentais.

De frisar, por outro lado, que a consolidação deste princípio geral tem vindo a ser efectivada por diversas vias, *inter alia*, com a tutela de novos direitos, o reforço dos já existentes e a adopção de novos mecanismos de protecção. Porém, a consolidação de um sistema de salvaguarda dos Direitos Humanos depende essencialmente da *praxis*, *i.e.* dos magistrados, advogados, académicos, demais operadores do Direito e, em última instância, do próprio indivíduo.

## A aplicação de tratados sobre os Direitos Humanos

A aplicação de tratados sobre os Direitos Humanos na RAEM constitui um elemento-chave na promoção e consolidação desses direitos.

Estando grande parte dos tratados sobre os Direitos Humanos reservada a Estados soberanos, há aqui que salientar o papel desempenhado pelo Governo Central, que em cumprimento das disposições da Declaração Conjunta Sino-Portuguesa e da Lei Básica, tem vindo, por um lado, a consultar o Governo da RAEM sobre o interesse de serem aplicados na Região tratados sobre os Direitos Humanos<sup>8</sup> ampliando, deste modo, o corpo de direitos e liberdades fundamentais, e, por outro

<sup>7</sup> Ex: Administrativos, *Ombudsman*, direito de petição e queixas junto da Assembleia Legislativa.

<sup>8</sup> Cf. art. 138.º da Lei Básica da RAEM.

lado, a assumir as responsabilidades de Parte relativamente à aplicação desses na RAEM.

Neste contexto, há que destacar, em primeiro lugar, a **manutenção da vigência de diversos tratados sobre Direitos Humanos após 19 de Dezembro de 1999**, onde a China assumiu perante os respectivos organismos internacionais os direitos e obrigações de Parte em relação à continuidade da sua aplicação na RAEM, *ora*

(i) **em tratados nos quais já era Parte** - ex: Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (em inglês CERD), Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (em inglês CEDAW), Convenção Contra a Tortura e Outras Penas ou Tratamentos Cruéis, Desumanos ou Degradantes (em inglês CAT), Convenção sobre os Direitos da Criança (em inglês CRC) e Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados e respectivo Protocolo; *ora*

(ii) **em tratados nos quais (ainda) não era Parte** - ex: Pacto Internacional sobre os Direitos Cívicos e Políticos (em inglês ICCPR), Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais (em inglês ICESCR), Convenções da Organização Internacional do Trabalho (em inglês ILO), Convenção relativa à Escravatura, Convenção para a Supressão do Tráfico de Pessoas e da Exploração da Prostituição de Outrem, Convenção de Paris contra a Discriminação no Campo do Ensino, Convenção Suplementar relativa à Abolição da Escravatura, do Tráfico de Escravos e das Instituições e Práticas Análogas à Escravatura e Convenção sobre os Aspectos Cívicos do Rapto Internacional de Crianças.)

Em segundo lugar, a **aplicação de novos tratados sobre os Direitos Humanos depois de 19 de Dezembro de 1999, por iniciativa do Governo Central, através do processo de consulta estabelecido**



O sistema de promoção e protecção de Direitos Humanos da RAEM, para além de fazer parte da cultura jurídica da Região, tem vindo a ser reforçado por diversas vias

na Lei Básica – ex: Protocolos Facultativos à Convenção sobre os Direitos da Criança relativo à Venda de Crianças, à Prostituição Infantil e Pornografia Infantil e relativo à Participação de Crianças em Conflito Armado, Convenções da ILO n.ºs 138 (idade mínima) e 182 (trabalho infantil), Convenção relativa à Protecção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adopção Internacional, Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível, Convenção sobre a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais e Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência).

### O escrutínio internacional

Da aplicabilidade de tratados sobre os Direitos Humanos resulta colateralmente uma fiscalização por parte da comunidade internacional no que concerne ao cumprimento das obrigações aí plasmadas, mormente a apresentação e discussão periódica de relatórios/questionários, a avaliação por Órgãos de Supervisão, visitas *in loco*, interpelações e inquéritos.

Também neste quadro o Governo Central tem assumido as responsabilidades de Parte ao assegurar, nomeadamente: (i) a apresentação e discussão periódica

ca de relatórios/questionários relativos à RAEM (ex: ICESCR, CEDAW, CRC, CAT, CERD, ILO, UNESCO); e (ii) a participação da RAEM na delegação nacional junto dos *fora* internacionais (ex: Conselho sobre os Direitos do Homem<sup>9</sup>, UNESCO e ILO)<sup>10</sup>. E, o Governo da RAEM, de harmonia com o princípio “Um país, Dois sistemas”, tem sido responsável pela elaboração desses relatórios, bem como pela sua discussão e *follow-up*.

Um motor de mudança ao apontar deficiências, lacunas ou ao sugerir novas medidas (legislativas, administrativas ou outras) que visem uma maior tutela dos Direitos Humanos são as Recomendações dos Órgãos de Supervisão (ex: Comité sobre os Direitos da Criança e Comité Contra a Tortura); objecto de ponderação respectivamente pela China e pela RAEM.

## Medidas legislativas e administrativas

A produção legislativa nestes últimos dez anos tem abrangido diversas áreas, inclusive em sede de Direitos Humanos. Assinalamos, aqui, alguns dos diplomas mais relevantes: o Código do Processo de Trabalho e Lei das Relações Laborais, a Lei sobre o Regime de Reconhecimento e Perda do Estatuto de Refugiado, a Lei da Protecção de Dados Pessoais, a Lei de Bases do Sistema Educativo Não Superior, o Regime Tutelar Educativo dos Jovens Infractores, a Lei de Combate ao Crime de Tráfico de Pessoas, a Lei de Alteração ao Direito de Reunião e Manifestação e o Aditamento à Lei de Acesso ao Direito e aos Tribunais.

Merecem, igualmente, registo, a criação de organismos especializados, entre outros: o Gabinete para a Protecção de

<sup>9</sup> Participação da RAEM no primeiro *Universal Periodic Review* da China, em Genebra, nos meses de Fevereiro e Junho deste ano.

<sup>10</sup> Cf. art. 137.º da Lei Básica da RAEM.

Dados Pessoais, a Comissão de Acompanhamento das Medidas de Dissuasão do Tráfico de Pessoas, a Comissão dos Refugiados, a Comissão para a Protecção das Vítimas de Crimes Violentos e a Comissão de Fiscalização da Disciplina das Forças e Serviços de Segurança de Macau. Algumas destas medidas decorrem da **necessidade de conformar o ordenamento jurídico vigente** com a aplicação de certos tratados sobre os Direitos Humanos na RAEM, ou estão **em consonância com algumas das Recomendações proferidas pelos Órgãos de Supervisão**, tais como: a eliminação do limite de três partos por trabalhadora de licença de maternidade e a extensão de 35 para 56 dias da referida licença na nova Lei Laboral; a criação de um regime eficaz de prevenção, combate e de assistência à vítima de tráfico de pessoas e de um regime de reconhecimento do estatuto de refugiado, ou a garantia de acesso ao Direito isento de qualquer tipo de discriminação.

## O envolvimento da sociedade civil

Um dos factores de maior evolução em termos de promoção e salvaguarda dos Direitos Humanos é o envolvimento da sociedade civil na vida política, *i.e.*, no processo de definição, elaboração e avaliação de estratégias ou políticas do Governo, em áreas directamente relacionadas com os Direitos Humanos. A participação activa e integrada das ONG na coisa pública é assegurada através de uma presença significativa em Comissões de Direitos Humanos, designadamente, Comissão Consultiva para os Assuntos das Mulheres, Comissão para os Assuntos do Cidadão Sénior, Comissão de Luta contra a Droga, a Comissão de Luta contra a SIDA e Comissão para os Assuntos de Reabilitação.

A participação da sociedade civil tem igualmente vindo a ser assegurada nos processos de consulta pública de determinados projectos de lei (ex: laboral, eleitoral, jurisdição de menores, seguran-

ça e de defesa do Estado ou património cultural).

## A promoção e divulgação dos Direitos Humanos

Esta é outra área de relevo, onde o Governo da RAEM tem concentrado esforços ao promover acções destinadas a familiarizar a população local com o direito vigente, fazendo uma ampla divulgação do sistema judiciário e dos Direitos Humanos em geral.

A promoção e divulgação dos Direitos Humanos são uma actividade contínua e permanente, promovida por várias entidades governamentais (ex: Direcção de Serviços dos Assuntos de Justiça, Centro de Formação Jurídica e Judiciária, Gabinete para os Assuntos do Direito Internacional e Gabinete para a Reforma Jurídica), através de diversos meios: *media*, actividades e currículo escolar, palestras, campanhas, publicações, formação, distribuição de panfletos nas duas línguas oficiais e inglês, garantindo deste modo o acesso à informação a todas as camadas e extractos sociais de Macau. Esta actividade é também partilhada por outras entidades, como sejam a Assembleia Legislativa, a Universidade de Macau e as ONG locais.

## Em jeito de conclusão

O sistema de promoção e protecção de Direitos Humanos da RAEM, para além de fazer parte da cultura jurídica da Região, tem vindo a ser reforçado por diversas vias, designadamente com a: tutela de novos direitos, criação de mecanismos não-judiciais, criação de Comissões locais sobre os Direitos Humanos, participação das ONG nessas Comissões, consulta popular na produção legislativa e ampla e contínua divulgação dos Direitos Humanos.

Estas medidas aproximam o poder Executivo do cidadão, envolvendo paulatinamente a população local na vida pública,



**O princípio do respeito pelos**

e evidenciam, por outro lado, uma maior consciência e maturidade política por parte do Governo e ‘das gentes de Macau’. Marco importante na tutela dos Direitos Humanos é ainda o impulso legislativo, administrativo ou de outra natureza decorrente da aplicação de tratados sobre os Direitos Humanos na RAEM que motiva a adequação da ordem jurídica vigente e o escrutínio internacional a que a RAEM está sujeita



## direitos e liberdades fundamentais é um princípio geral da RAEM

em virtude da sua vinculação (avaliação e Recomendações).

Por último, é mister realçar o papel do Governo Central que, em conformidade com a Declaração Conjunta Sino-Portuguesa e a Lei Básica, tem por sua iniciativa e em estreita colaboração com o Governo da RAEM, através do sistema de consulta, a ampliar as fontes de direito internacional em matéria de Direitos Humanos na Região e a assegurar o

respectivo processo de responsabilização externa. Tal é notório no vasto leque de instrumentos de Direitos Humanos aplicáveis na RAEM após a Reunificação. Não obstante o muito que ainda há por fazer na protecção dos Direitos Humanos, como em qualquer jurisdição, podemos dizer que o panorama que se avizinha é promissor atenta a gradual consciência e tutela dos Direitos Humanos ao longo destes dez anos. ■

## Andar mais verde

O GOVERNO de Macau anunciou que vai lançar no final deste ano benefícios fiscais para a aquisição e circulação de veículos amigos do ambiente, incluindo os carros eléctricos. A notícia foi dada pelo director dos Serviços de Protecção Ambiental, Cheong Sio Kei, durante o Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental. A iniciativa contou com participantes de 25 países e regiões, entre eles Portugal e Brasil. ■



## RAEM mais perto de Hainão

O CHEFE DO EXECUTIVO da RAEM, Chui Sai On, esteve na ilha de Hainão para assistir à cerimónia de abertura da reunião anual do *Fórum Boao da Ásia 2010*. Durante a deslocação, o líder do Governo de Macau esteve reunido com autoridades da Província de Hainão, nomeadamente Wei Liucheng, secretário do comité do Partido Comunista, e com Luo Baoming, governador da província. . As autoridades



de ambas as partes consideram que é possível reforçar a cooperação na área do turismo, uma vez que os destinos apresentam características de complementaridade. Chui Sai On disse esperar que, em breve, haja um acréscimo das ligações aéreas entre Hainão e Macau. Loca-

lizada no Sul do país, Hainão é a província mais pequena da República Popular da China e é conhecida pelas suas longas extensões de areia e temperaturas agradáveis, tendo registado nos últimos anos um grande desenvolvimento enquanto destino de praia. ■

## Delta em debate

MACAU ACOLHEU a terceira edição do Fórum do Rio das Pérolas e a Cimeira da Megalópole Mundial do Delta do Rio das Pérolas - o Presente e as Perspectivas do Futuro. O encontro reuniu empresários, responsáveis políticos e académicos de Guangdong, Hong Kong, Macau e Taiwan, que discutiram os pontos fulcrais no âmbito da promoção activa da implementação das “Linhas Gerais da Reforma e o Plano de Desenvolvimento para a Região do Delta do Rio das Pérolas (2008-2020)”. Participaram neste fórum mais de quatrocentas pessoas. O Fórum deu também especial atenção ao intercâmbio entre Taiwan e a megalópole nas áreas de comércio, cultura, educação e turismo. ■



## Macaulogia em an lise

A UNIVERSIDADE DE MACAU acolheu oitenta académicos de vários pontos do mundo para a primeira Conferência Internacional de Macaulogia. O objectivo foi juntar especialistas que se dedicam ao estudo de Macau, de modo a que seja possível divulgar esta área de investigação junto da comunidade académica internacional. De acordo com Rui Martins, vice-reitor daquela instituição de ensino superior, com a conferência pretendeu-se estabelecer a Macaulogia como uma área científica. Em declarações à imprensa local, o mesmo responsável explicou ainda que a História é a base desta abordagem académica, sendo que se pretende ainda evoluir para outros sectores. O seminário durou dois dias. ■



## António Vitorino visita Macau

A CONVITE do Consulado Geral de Portugal na RAEM e da Universidade de Macau, António Vitorino proferiu uma palestra sobre o papel da Europa no Mundo após o Tratado de Lisboa. A visita do político, analista e jurista, coincidiu com o dia em que se cumpriram 23 anos da assinatura da Declaração Conjunta Sino-Portuguesa sobre a Questão de Macau. Em declarações à imprensa local, o antigo secretário-adjunto do Governo de Macau congratulou-se com a forma como a RAEM tem evoluído. No balanço da sua deslocação, Vitorino explicou que aquilo que mais o impressionou em Macau – onde não vinha há dez anos - foi constatar que “Macau é uma cidade aberta e cosmopolita, onde os direitos das comunidades na sua pluralidade e na sua diversidade cultural, étnica, linguística e religiosa, são respeitados”. ■



## Solidariedade com Qinghai e o Haiti

O GOVERNO DE MACAU doou 100 milhões de renminbis para apoiar os trabalhos de assistência às vítimas do sismo de Yushu, na Província de Qinghai. O Chefe do Executivo, Chui Sai On, apresentou condolências a todas as vítimas, manifestando a esperança que as populações afectadas consigam reconstruir as suas vidas o mais rapidamente possível.

A Cruz Vermelha local demonstrou a sua solidariedade para com os habitantes de Qinghai enviando 89 mil peças de roupa recolhidas em Macau, doadas por associações, empresas e fábricas têxteis, tendo ainda disponibilizado 300 mil patacas para a aquisição de bens essenciais.

Por seu turno, o Albergue da Santa Casa da Misericórdia, que é um centro de promoção de actividades culturais, organizou, com a colaboração de outras entidades e o apoio de cinquenta artistas de Macau, um jantar-leilão para a recolha de fundos destinados às vítimas da província do Interior e também para a população do Haiti, tendo angariado 690 mil patacas. ■

## Comércio entre a China e Lusofonia dispara

FORAM DIVULGADOS em Abril os dados referentes ao comércio entre a China e os países de língua portuguesa no primeiro trimestre deste ano: as trocas comerciais registaram um aumento de 93,82 por cento para 17,279 mil milhões de dólares norte-americanos, comparando com igual período de 2009.

De acordo com as estatísticas oficiais, Angola e Guiné-Bissau registaram as maiores subidas percentuais no comércio com a China. As importações face aos oito países lusófonos aumentaram 120,19 por cento entre Janeiro e Março, ao mesmo tempo que o volume das exportações chinesas também registava uma subida homóloga de 53,78 por cento. O Brasil continua a ser o principal parceiro lusófono da China, com Angola em segundo lugar. Portugal surge na terceira posição. ■

## Chui Sai On com Hu Jintao na Expo Xangai 2010

NO ÚLTIMO dia do mês, o Chefe do Executivo esteve em Xangai para participar na cerimónia de abertura da Exposição Mundial 2010 e no jantar de boas-vindas, a convite do governo do município. Chui Sai On visitou os pavilhões de Macau e da China, tendo estado ainda na zona de exposição das Melhores Práticas de Desenvolvimento Urbano para visitar a réplica da Casa de Penhores Tak Seng On.

Chui Sai On e o seu homólogo de Hong Kong, Donald Tsang, estiveram reunidos com o Presidente Hu Jintao, que deu

# MM

## Gageiro de volta China

O MAIS conhecido e premiado fotógrafo português na China, Eduardo Gageiro, voltou, através das suas imagens, a estar presente em Pequim no mês de Abril. Integrada no primeiro festival cultural da Universidade de Negócios Internacionais e Economia na capital, a exposição de Gageiro juntou setenta imagens que apresentaram as últimas décadas de Portugal aos milhares de estudantes que todos os dias visitaram a mostra.

Numa iniciativa que resultou de um trabalho conjunto de Sara Guimarães, professora de Português na universidade, e João Barroso, conselheiro cultural da Embaixada de Portugal em Pequim, a exposição “Olhares” de Eduardo Gageiro, resultou de uma escolha de um total de 222 imagens,

de 1951 a 2006, que integraram uma exposição no Salão Nobre do Museu do Milénio em Pequim no ano de 2007. Esta exposição viajou também para a cidade de Lishui e Cantão.

O festival cultural da Universidade de Negócios aconteceu pela primeira vez este ano e Portugal está num lugar privilegiado com a exposição fotográfica de Gageiro, que mostra imagens de Norte a Sul do país.

Em 2005, Gageiro venceu, entre 4500 fotógrafos e mais de 35 mil imagens, o Festival Internacional de Lishui, onde obteve três prémios, entre os quais o da melhor fotografia a preto e branco. Dois anos depois, em 2007, o fotógrafo de 75 anos, natural de Santarém, voltou a reunir o consenso do júri de Lishui, o maior concurso da China, e foi o escolhido em três categorias, uma delas com uma menção honrosa.

Sendo esta uma iniciativa inédita, já existe interesse por parte de outras universidades em receber o trabalho artístico do fotógrafo português. Para João Barroso, conselheiro cultural da Embaixada, é uma oportunidade única poder divulgar o nome de Portugal e a cultura portuguesa através do trabalho de um fotógrafo de excelência. ■

as boas-vindas às delegações das duas regiões administrativas especiais. O Presidente considerou que os pavilhões de Hong Kong e Macau na Expo 2010 foram “bem construídos, com características específicas e *design* original, demonstrando os feitos alcançados e o desenvolvimento futuro” das regiões. Num encontro onde esteve também presente o vice-presidente Xi Jiping, Hu Jintao expressou ainda a sua confiança no “futuro brilhante” de Hong Kong e Macau com o apoio do Governo e os esforços dos residentes de ambos os territórios. ■





Foto: João Cortesão

## O “território enigmático” de Ian Fleming

Em 1959, Ian Fleming (1908-1964), o criador de James Bond (007), visita Macau durante uma volta ao mundo com o objectivo de redigir crónicas de viagem sobre oito cidades “fascinantes” para o jornal inglês *Sunday Times* (Hong Kong, Macau, Tóquio, Honolulu, Los Angeles, Las Vegas, Chicago e Nova Iorque). Tal como W. H. Auden através da poesia, também Fleming descreve uma Macau luso-chinesa com as suas pitorescas especificidades, utilizando uma panóplia variada de estratégias narrativas, motivos literários e elementos do tecido urbano que concorrem para a caracterização do estabelecimento cujo(s) submundo(s) e algumas figuras famosas, como o Dr. Lobo, são originalmente apresentados ao leitor do jornal inglês e posteriormente publicados em forma de livro com o título *Thrilling Cities* (1963).

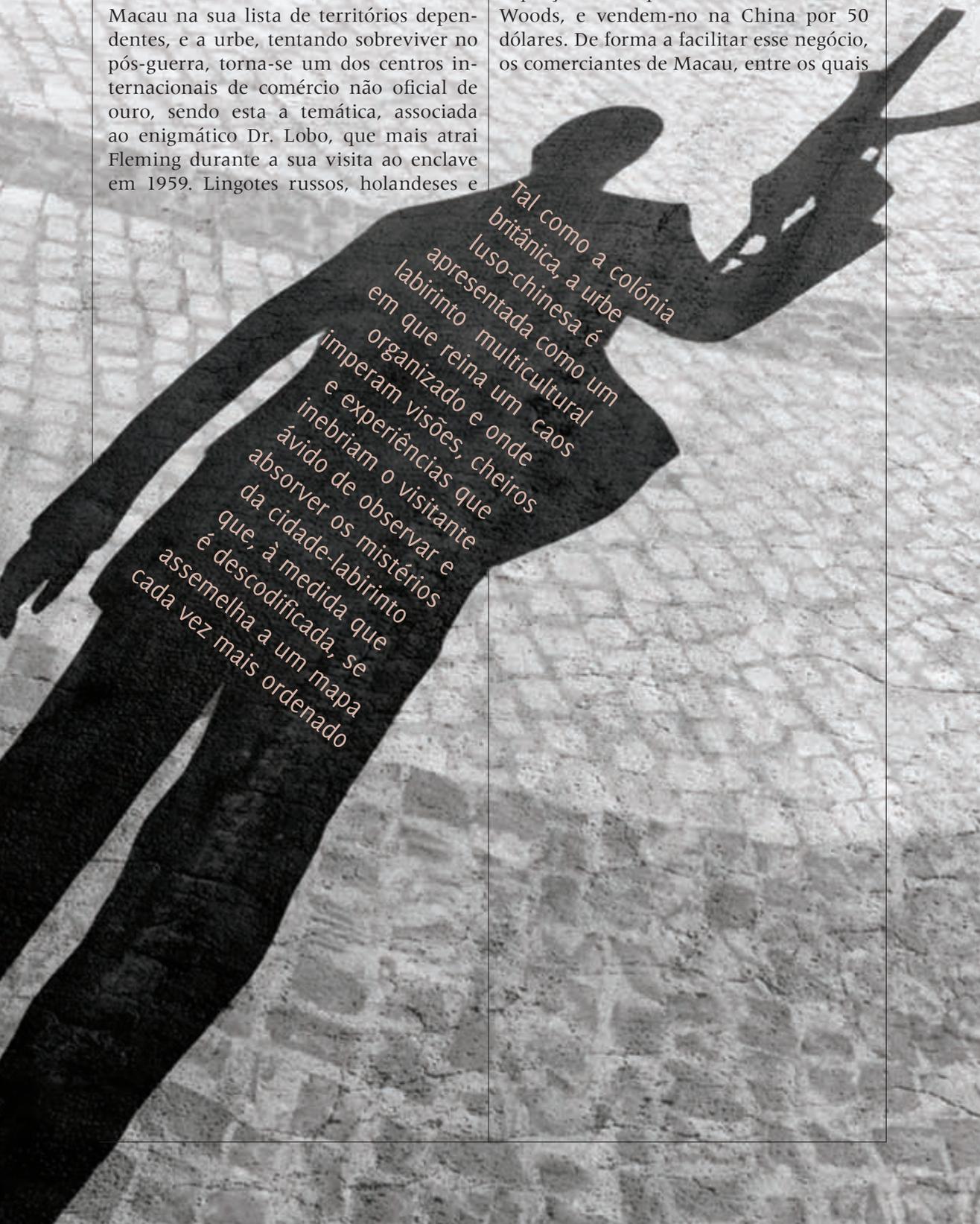
*Thrilling Cities* pode ser lida como um conjunto de crónicas de viagem, de memórias, um *travelogue*, ou um (quase) diário de viagem com apontamentos soltos que Ian Fleming redige ao viajar à volta do mundo, a convite do editor da secção de viagens do *Sunday Times*. Em 1959, na primeira viagem, Fleming visita, ao longo de 30 dias, os Estados Unidos da América e o Extremo-Oriente e, em 1963, os artigos são publicados em formato de livro com o título *Thrilling Cities*. É também destas experiências enquanto jornalista-turista que Fleming retira alguma

inspiração para enredos e para a construção ou ficcionalização de espaços das aventuras do agente secreto 007, e o encontro do autor com o Pedro José Lobo - então com cerca de 70 anos - é referido nas biografias do criador de James Bond, ou seja, a cidade relaciona-se com a vida e a obra do autor, tal como acontece com Lisboa, que ele visita enquanto espião durante a Segunda Guerra Mundial. Como é sabido, durante e após a Segunda Guerra Mundial espões de todo o mundo visitam Macau, cujos casinos descrevem, como acontece com Fleming, que dialoga intertextualmente com o soneto “Macao”, de W. H. Auden, e o imaginário do *film noir Macao*.

Fleming descreve com alguma minúcia o interior do Hotel Central, inaugurado em 1928, e que ainda hoje domina o horizonte da ‘baixa’ de Macau, tendo desde a sua construção sido associado quer a Fleming quer ao jogo e ao frenesi na zona da San Má Lo, a principal artéria da cidade. O outro tema que detém o famoso romancista britânico é o tráfico de ouro através de Macau, cujo processo intriga o autor. Em plena Segunda Guerra Mundial, para regulamentar o comércio internacional do ouro, algumas nações, lideradas pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos da América, reúnem-se nas Conferências de Bretton Woods (New Hampshire) e assinam, em Julho de 1944, um acordo que define o Siste-

ma Bretton Woods, que fixa as taxas de câmbio e o comércio de ouro, proibindo a importação do metal precioso para uso individual. No entanto, Lisboa não inclui Macau na sua lista de territórios dependentes, e a urbe, tentando sobreviver no pós-guerra, torna-se um dos centros internacionais de comércio não oficial de ouro, sendo esta a temática, associada ao enigmático Dr. Lobo, que mais atrai Fleming durante a sua visita ao enclave em 1959. Lingotes russos, holandeses e

sul-africanos, entre os de outras nações, aparecem em Macau, cujos comerciantes compram ouro a 35 dólares por onça, o preço fixado pelo Acordo de Bretton Woods, e vendem-no na China por 50 dólares. De forma a facilitar esse negócio, os comerciantes de Macau, entre os quais



Tal como a colónia britânica, a urbe luso-chinesa é apresentada como um labirinto multicultural em que reina um caos organizado e onde imperam visões, cheiros e experiências que inebriam o visitante ávido de observar e absorver os mistérios da cidade-labirinto que, à medida que é descodificada, se assemelha a um mapa cada vez mais ordenado

Pedro José Lobo dirigindo  
uma opereta da sua  
própria autoria

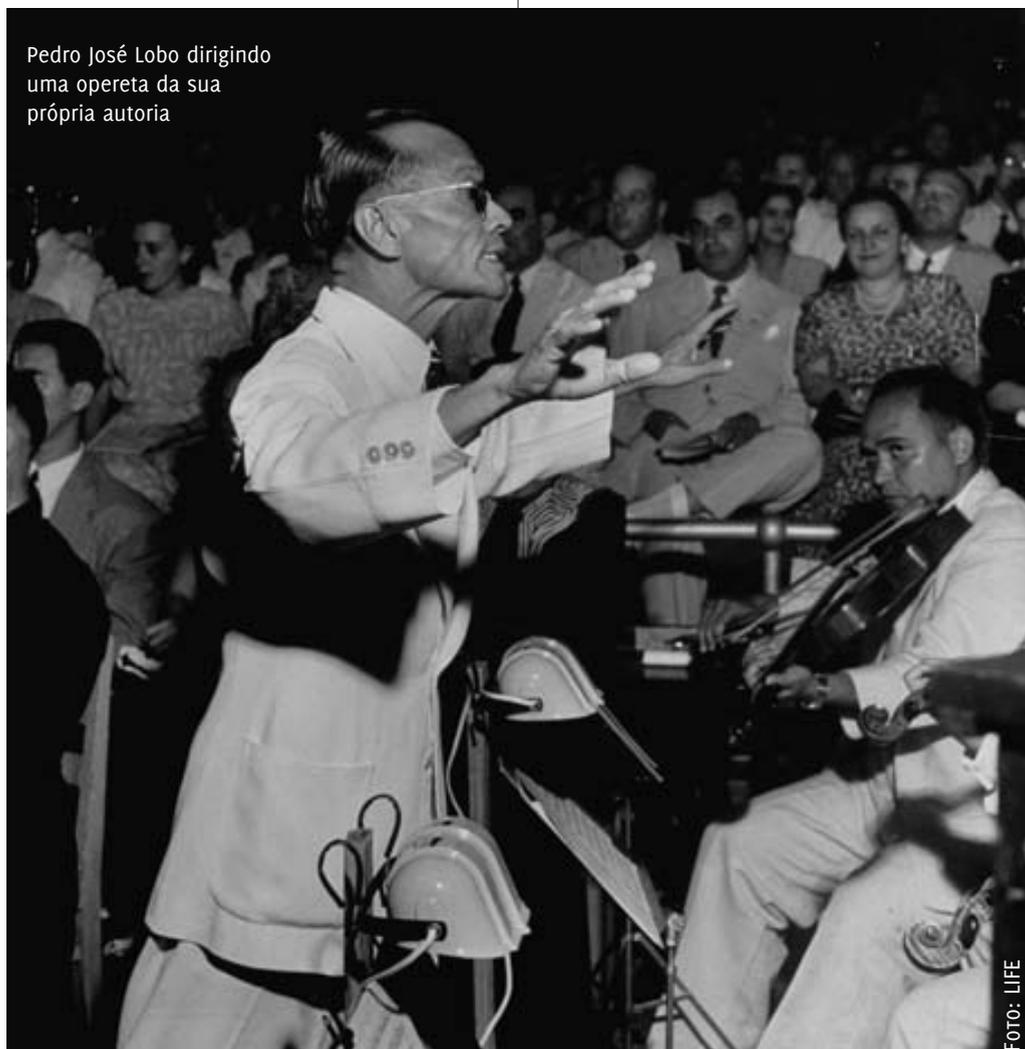


FOTO: LIFE

o Dr. Lobo, fundam a *Macau Air Transport Company* (MATCO), que opera com hidroaviões. A maioria do ouro chega de Banguécoque, em aviões que aterram no Porto Exterior, e é transportado para um banco ou para a loja de penhores na Av. Almeida Ribeiro, a Seng Heng. Aí o metal precioso é conferido e pesado e as autoridades locais aplicam um imposto de 44 cêntimos por onça nas barras importadas, mas afirmam nada saber do ouro que é derretido e posteriormente exportado do território.

Pedro José Lobo era o chefe dos Serviços Económicos, entidade a quem cabia a emissão de licenças de importação do ouro. Outro nome em evidência na Macau do pós-guerra era Ho Yin, foi duran-

te décadas uma figura referência na elite comercial e política local. A sua família fundou o Banco Tai Fung e também teve interesses no comércio do ouro.

O autor Phillipe Pons (*Macao*, 2000: 118-122) afirma que o Dr. Lobo, natural de Timor, com ascendentes malaaios, chineses e portugueses, serve de base para a personagem Goldfinger numa das muitas aventuras de 007, enquanto Bertil Lintner (*Blood Brothers: Crime, Business and Politics in Asia*, 2002: 402) afirma que Lobo pode ainda ter servido de influência para outra personagem, Oddjob no filme *Goldfinger*.

Na "Nota do Autor", Fleming fornece algumas explicações sobre o contexto que antecederam a produção da obra e informa



Três vistas da Av. Almeida Ribeiro em meados do século passado. Na última, à direita, pode ver-se o antigo hotel Riviera (em frente ao Banco Nacional Ultramarino), que era um dos ícones da época

o leitor de que os textos reunidos nesta antologia são descrições fidedignas das cidades que lhes dão título e focam sobretudo o lado mais “bizarro” e “escuro” da vida desses espaços urbanos. Muita da informação contida nas secções “*Incidental Intelligence*” é fornecida pelos correspondentes locais do jornal que encomendara as breves narrativas, e essas secções fornecem dados relativos a hotéis, comida (chinesa), vida nocturna, visas e moeda, ou seja, informação útil na preparação da visita sobretudo a partir de Hong Kong, por onde a maioria dos turistas entra em Macau. O famoso viajante chega a Hong Kong, e a secção dedicada a essa cidade termina abruptamente, dando lugar à descrição da viagem-descoberta a Macau. Tal como a colónia britânica, a urbe lusochinesa é apresentada como um labirinto multicultural em que reina um caos organizado e onde imperam visões, cheiros e experiências que inebriam o visitante ávido de observar e absorver os mistérios da cidade-labirinto que, à medida que é decodificada, se assemelha a um mapa cada vez mais ordenado.



FOTOS: Lei Lok Tin



A temática preponderante da apresentação de Macau é o comércio de ouro no pós-Segunda Guerra Mundial. O primeiro parágrafo estabelece as diferenças com que ocidentais e orientais se relacionam com o metal precioso, pois os asiáticos não confiam no dinheiro em papel e acreditam que sem se ter ouro nunca se é rico. Esta breve introdução dá lugar à apresentação do rei do ouro no Oriente, “o enigmático Doutor Lobo da Vila Verde em Macau”, que atrai Fleming sobretudo enquanto autor de romances de acção em que o *suspense* é constante. Após a viagem de três horas no *ferry SS Takshing*, um dos três que diariamente atravessa o delta do rio das Pérolas, Fleming chega finalmente ao “mais antigo estabelecimento europeu na China”. Um breve resumo histórico apresenta a cidade como fundada em 1557 e famosa por albergar o primeiro farol construído na costa da China, as ruínas de São Paulo, a maior casa de “má reputação” do mundo (o Hotel Central), e os túmulos de figuras históricas protestantes, ou seja, anglófonas, como o missionário Robert Mor-

rison, o pintor George Chinnery, e um tio de Sir Winston Churchill, Lord John Spencer Churchill. O campo semântico da narrativa dedicado ao momento da chegada veicula o “esplendor” associado ao “espectáculo” das centenas de juncos e sampanas ancorados ao largo da península. A Praia Grande é um misto de caves-armazéns (*godowns*), anúncios (Fábrica de Águas Gasosas, Kwong Hung Tai Firecracker Manufacturing Company) e fachadas de palacetes “barrocos” em ruínas, como também W. H. Auden refere no seu poema “*Macao*” no que diz respeito à estatuária religiosa no interior das inúmeras igrejas católicas do território. A narrativização da cidade - porque esta tem de ser filtrada e descrita para que a sua história ou estória possa ser contada ao leitor inglês - continua à medida que o narrador se aproxima da mesma e se deixa submergir pelo tecido urbano, que compara a um pitoresco cemitério, pois pouco movimento se sente nas ruas da cidade. O visitante fica alojado na *Macao Inn*, ou Pousada de Macau, que se situava no n. 1 da Travessa do Padre Narciso, que liga a Rua Central à Praia Grande. Nesse estabelecimento, Fleming encontra-se com o guia local e saboreia gin tónicos sobre uma árvore do pagode enquanto é informado sobre os quatro *Mr. Bigs* de Macau, que, com o aval da administração portuguesa, controlam o comércio no “enigmático território”. Mais uma vez, os adjectivos utilizados na expressão que acabámos de citar remetem para a dimensão misteriosa da urbe. Fleming apresenta os comerciantes por ordem de importância, a saber: o Dr. Rodrigues Lobo, que se ocupa do ouro, Foo Tak Yam (Fu Tak Iam), que se ocupa do jogo e das indústrias a ele associadas (entretenimento) e é dono do Hotel Central, C. Y. Leung, um parceiro silencioso, e Ho Yin, que dispunha de uma influente rede de contactos com o interior da China. O texto descreve basicamente a ascensão destes quatro comerciantes antes e depois da Segunda Guerra Mundial através do comércio com os Japoneses, que



Foto: LIFE

O comércio do ouro era um dos ingredientes dos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial

ocuparam partes da China, e, posteriormente, quando o porto de Macau serve para comercializar armas europeias com a China, altura em que a emblemática e simbólica Rua da Felicidade, associada aos prazeres carnavais, fervilha de actividade, tal como o Hotel Central. Quando da visita de Fleming, esses dias dourados haviam já terminado, e na Rua da Felicidade já não se viam tantos marinheiros, e o prazer, agora apenas para turistas da vizinha Hong Kong, era procurado sobretudo no Hotel Central. O estabelecimento, descrito como um arranha-céus e como o maior edifício do território, tem uma característica original, nas palavras do autor: quanto mais se sobe nos seus seis primeiros andares reservados ao entretenimento mais bonitas são as raparigas e mais caros os seus serviços, melhor é a música, mais elevadas são as apostas nas salas de jogo, e, podemos nós concluir, mais rica é a clientela. Nos restantes três andares apenas existem quartos de hotel. A simbologia ascendente ou vertical do espaço em questão é, devesas, sugestiva e rentabilizada ao longo da descrição desse *ex libris* da cidade. O autor não perde a oportunidade de apostar



Foto: LIFE

Uma sala de jogo na Macau dos anos 50

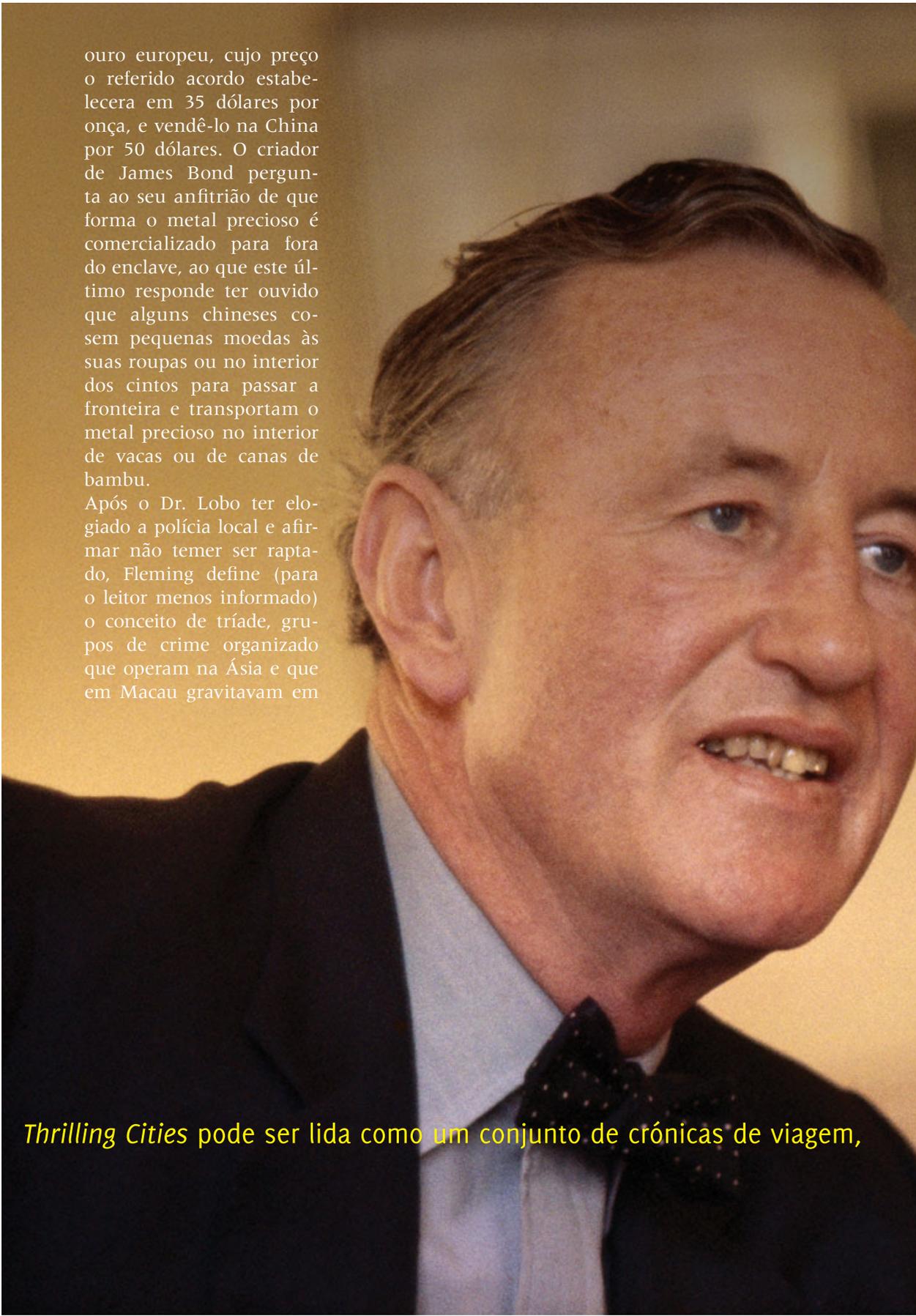
numa das mesas de jogo do sexto andar e descreve longamente dois jogos populares, o Fantan e o hi-lo (*high low*), ou em chinês dai-siu (“grande e pequeno”) antes de se dirigir para o bar do sexto andar do Hotel, onde é entretido por acompanhantes do estabelecimento, dando a conhecer ao leitor algumas das especificidades da vida e diversão nocturnas da cidade, bem como a mais-valia de que a mulher oriental se faz valer nestes ambientes: saber agradar ao cliente ocidental e alimentar o ego masculino.

Na manhã seguinte, ao som do repique europeu dos sinos da catedral e de movimentos de militares pela cidade, e após terem observado uma cooperativa chinesa do outro lado do rio, tomado nota sobre o hospital fundado em 1906 por Sun Yat-sen, e visitado a “impressionante” fachada de São Paulo, os dois ingleses dirigem-se à casa do Dr. Lobo para almoçar com um dos mais enigmáticos homens do mundo, a quem a revista norte-americana *Life* dedicara recentemente umas linhas. A breve estada de Fleming em Macau e a descrição da mesma são marcadas sobretudo pelo seu encontro com um dos mais importantes habitantes de

Macau, o Dr. Lobo, que o informa da não existência de impostos ou controlo sobre o comércio de moedas ou de metais preciosos no território, pelo que qualquer pessoa pode chegar a Macau do Ocidente ou da China, adquirir ouro e sair sem qualquer controlo, inclusive de avião. A urbe é assim, desde logo, tal como no *film noir Macao* (1952) e no poema “*Macao*” de W. H. Auden, caracterizada como um local misterioso e um dos mercados financeiros mais interessantes do mundo, não sendo, portanto, de estranhar que a conversa de Fleming com o Dr. Lobo se centre no comércio de ouro. Sucessivos parágrafos caracterizam Dr. Lobo como afável, inteligente, prudente e astucioso, reunindo-se os três homens ao som de algumas composições da autoria do anfitrião, também apresentado como compositor. Rodeado pelo luxo asiático e pelo imaginário católico da decoração do interior da Vila Verde, Fleming aborda o assunto ou a temática que o trouxera a esse lar, o comércio de ouro através de Macau, pois, como já afirmámos, devido ao facto de Macau não estar abrangido pelo Acordo de Bretton Woods, qualquer comerciante de Macau poderia comprar

ouro europeu, cujo preço o referido acordo estabelecera em 35 dólares por onça, e vendê-lo na China por 50 dólares. O criador de James Bond pergunta ao seu anfitrião de que forma o metal precioso é comercializado para fora do enclave, ao que este último responde ter ouvido que alguns chineses comem pequenas moedas às suas roupas ou no interior dos cintos para passar a fronteira e transportam o metal precioso no interior de vacas ou de canas de bambu.

Após o Dr. Lobo ter elogiado a polícia local e afirmar não temer ser raptado, Fleming define (para o leitor menos informado) o conceito de tríade, grupos de crime organizado que operam na Ásia e que em Macau gravitavam em



*Thrilling Cities* pode ser lida como um conjunto de crônicas de viagem,

torno da indústria do jogo e do tráfico de ópio, actividades condenadas pelo comerciante e político de Macau, cujo discurso directo é transcrito no texto para efeitos de maior dramatização. Após visitar os estúdios da Emissora ou Rádio Vila Verde, fundada em 1952, Fleming tira uma foto com o seu anfitrião e despede-se do “enigmático Dr. Lobo”, expressão repetida mais uma vez, na hora do adeus para veicular que durante a entrevista informal nada aprendera sobre o comércio do ouro com o astuto Dr. Lobo, que duas semanas depois deste encontro presidiria ao Leal Senado. O autor elabora ainda um pequeno resu-

mo das história das origens das tríades em Hong Kong e Macau e descreve os rituais de iniciação nesse grupo, com base em informação que o seu amigo e guia Richard Hughes lhe fornece no *ferry* de regresso a Hong Kong, onde lhe explica a forma como o Dr. Lobo e outros homens de negócio chineses conseguem fazer entrar tanto ouro em Macau, que é depois introduzido na China: através de um catalina (hidroavião) pilotado por estrangeiros.

O texto de Fleming apresenta-nos, assim, uma imagem *sui generis* da Macau dos anos 50 e 60 do século XX, não apenas a cidade pitoresca e histó-

rica, mas também o seu lado *négligé*. O turista do século XX que redige esta breve narrativa não se preocupa em apresentar a Macau chinesa ou portuguesa, mas sim os seus vários submundos, ou seja, um imaginário ‘jamesbondiano’ plasmado na baixa de Macau. Devido ao detalhe da apresentação de vários espaços do enclave luso-chinês, concluímos com uma imagem cinematográfica, pois quase que conseguimos visualizar Fleming, na varanda do Hotel Bela Vista, a beber, qual 007, um martini, “*shaken but not stirred!*”, ansioso por rumar mundo fora, em busca de outras cidades fascinantes. ■



com apontamentos soltos que Ian Fleming redige ao viajar à volta do mundo

# Matteo Ricci

## o poder da amizade

Foi o primeiro missionário a conseguir entrar no Cidade Proibida, quando o Império do Meio fechava a porta ao desconhecido, sobretudo se este tinha por missão representar uma religião diferente. Quatrocentos anos depois da sua morte, que se assinalam no corrente ano, recorda-se um homem que marcou a diferença ao conseguir criar laços com um mundo de que se sabia pouco. Para isso, em vez da força ou da imposição das suas ideias, usou o poder imbatível da amizade

**TEXTO:** ISABEL CASTRO

**FOTOS:** ANTÓNIO MIL-HOMENS

**E**ram outros tempos. A Internet era impensável, as ligações aéreas e as agências de viagens não existiam, o mundo descobria-se em precárias embarcações. O conhecimento só estava ao alcance de alguns, mas era coisa em voga, apetecível. O desconhecido tinha fronteiras protegidas a sete chaves e muitos canhões. A China era o Império do Meio, a Europa vivia os dias da Renascença e o fascínio pela ciência. Os mundos eram

vários, dentro de um só. Foi neste contexto que Matteo Ricci nasceu e com este cenário que atingiu proeza sem igual. Impossível de repetir, nos dias de hoje, mas que convém recordar: no tempo em que tudo é global e está à distância de uma ligação à rede virtual, as diferenças culturais continuam a ser, frequentes vezes, um problema. Foi esse obstáculo que o padre jesuíta, nascido no ano da graça de 1552, soube ultrapassar

como, até então, ninguém fora capaz. O jesuíta seicentista foi mestre na arte de perceber a diferença, soube vestir a roupa dos mandarins, falar a língua deles e escutar o que tinham para dizer.

Como moeda de troca, deixou ensinamentos, partilhou mapas e instrumentos, contou as evoluções da ciência, da Astronomia à Matemática, passando pela Arquitectura. Criou a primeira igreja católica na China, à moda euro-

peia, diferente dos templos orientais que se adaptavam para o culto de Roma. Morreu em Pequim e foi sepultado com honras que nenhum ocidental merecera à data. Deixou a porta aberta para todos os que chegaram a seguir.

## Os anos da formação

Matteo Ricci nasceu no ano em que morreu S. Francisco Xavier, o homem que quis evangelizar a China mas que acabou não ter tempo. A coincidência é salientada pelos historiadores, como se não se tratasse de um acaso – Ricci alcançou o feito com que Xavier sonhou. O facto não escapa a Gianni Criveller, académico italiano e professor universitário em Hong Kong, que dedicou parte da sua vida ao estudo do percurso e da obra do jesuíta que ‘conquistou’ a China.

Co-autor de uma publicação lançada recentemente em Macau, editada pelo Instituto Ricci para assinalar o 400º aniversário da morte de Matteo Ricci, Criveller entende que, para se perceber a dimensão da obra do jesuíta seiscentista, há que perceber de onde vem.

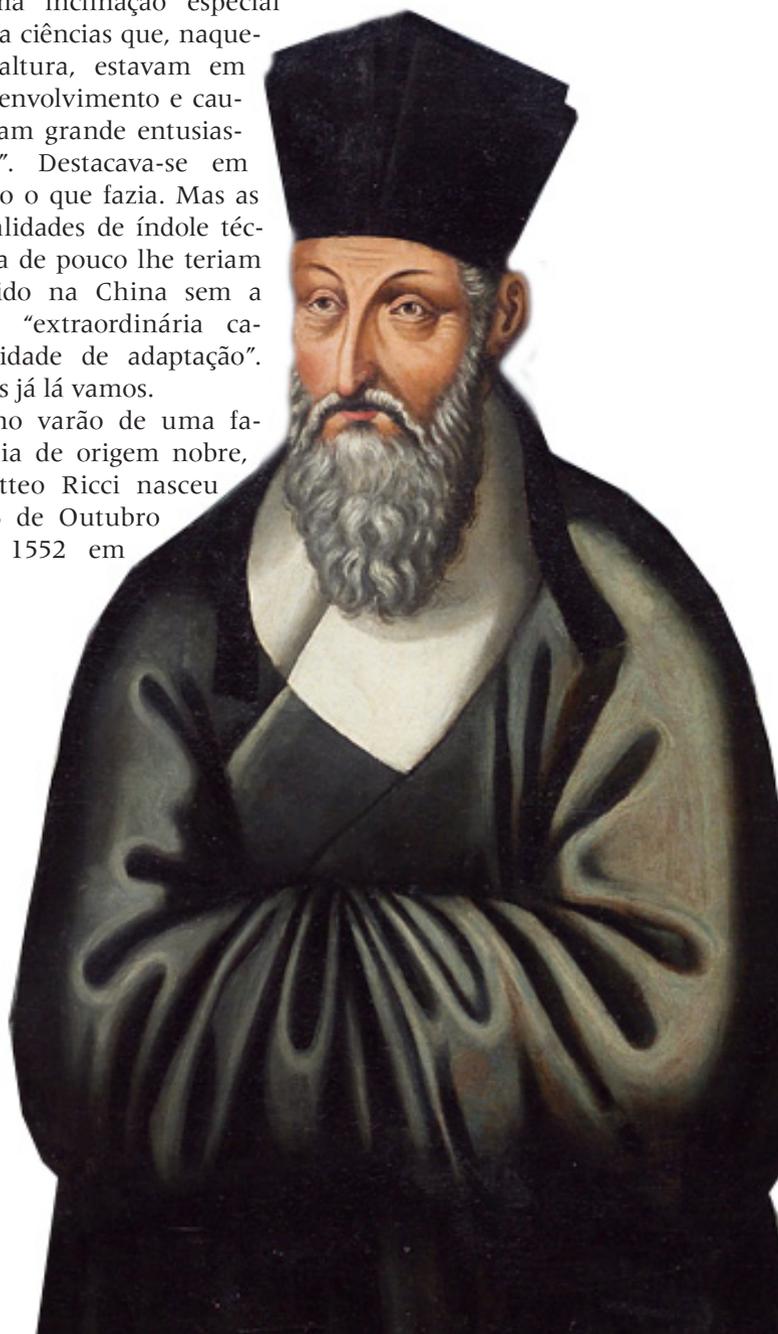
“A maioria dos seus trabalhos na China resulta de matérias que aprendeu durante os cinco anos em que frequentou o Colégio Romano”, diz o académico. São disciplinas como Cartografia, Astronomia e Matemática, entre muitas

outras, que constituíam a formação abrangente dada na altura a quem pertencia a uma restrita elite.

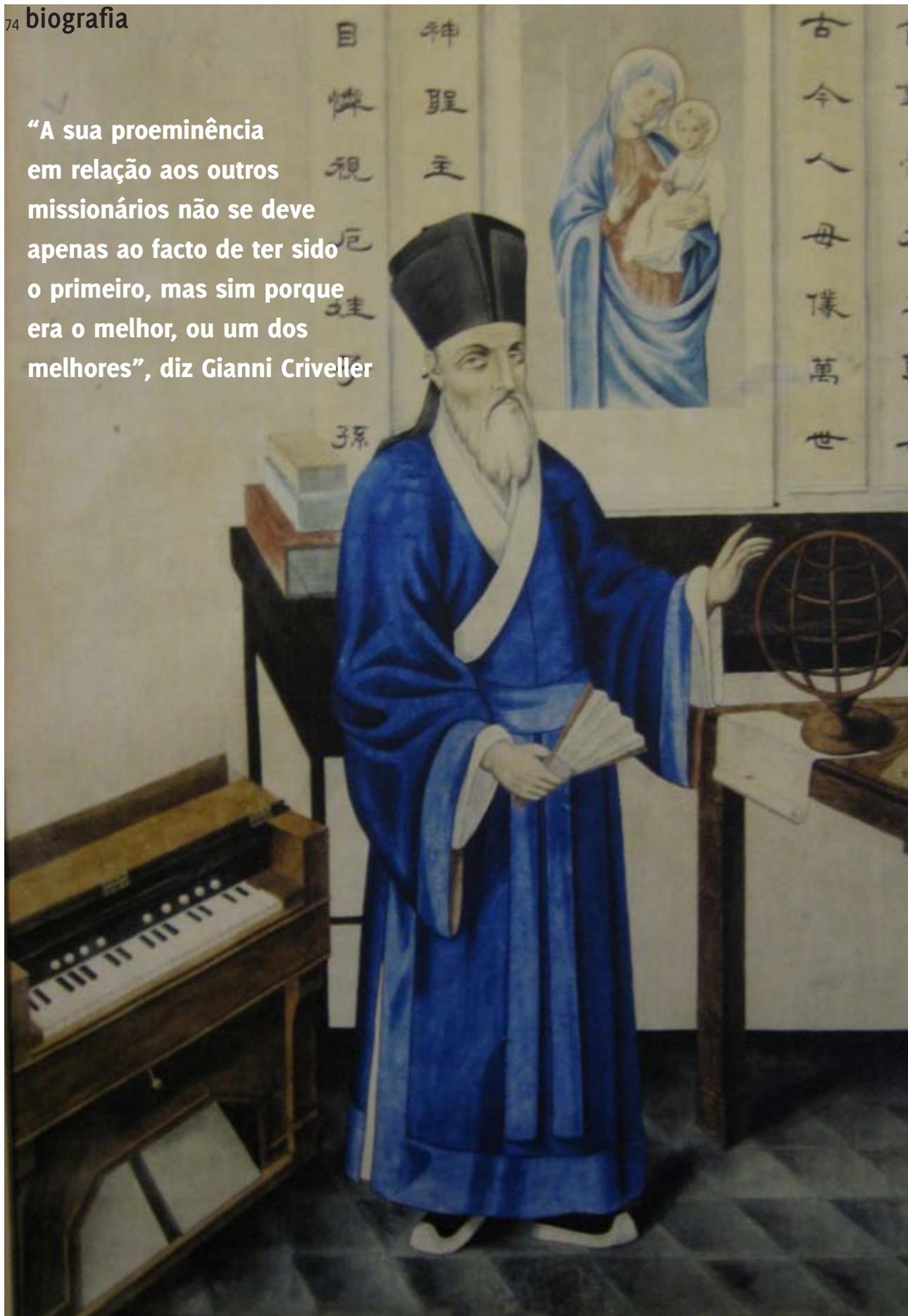
Humanista, “um homem da Renascença”, Ricci foi educado num tempo em que a Europa - sobretudo o seu país natal - passava por um período de excepcional abertura e predisposição para a diferença. O jovem jesuíta tinha “uma inclinação especial para ciências que, naquela altura, estavam em desenvolvimento e causavam grande entusiasmo”. Destacava-se em tudo o que fazia. Mas as qualidades de índole técnica de pouco lhe teriam valido na China sem a sua “extraordinária capacidade de adaptação”. Mas já lá vamos.

Filho varão de uma família de origem nobre, Matteo Ricci nasceu a 6 de Outubro de 1552 em

Macerata, uma cidade dos Estados Papais, no seio de uma família com dinheiro e relevância social, o que lhe permitiu ter, desde muito cedo, acesso à melhor educação. O primeiro professor de Ricci, Nicolo Bencivegni, foi a sua primeira grande referência: o padre foi seu conselheiro durante grande parte da vida, mesmo quando se



“A sua proeminência em relação aos outros missionários não se deve apenas ao facto de ter sido o primeiro, mas sim porque era o melhor, ou um dos melhores”, diz Gianni Criveller



encontrava já em Pequim. Aos nove anos, Matteo Ricci entrou para uma escola jesuíta, um estabelecimento de ensino de excelência. Ali permaneceu até aos 14 anos de idade, destacando-se pelos brilhantes resultados e mostrando uma inclinação para a vocação religiosa.

Aos 16 anos, e por vontade expressa do pai, seguiu para Roma, para a Universidade La Sapienza, onde esteve quase três anos a estudar Direito, escolha resultante da vontade paterna. Mas o caminho de Ricci era outro: a 15 de Agosto de 1571 bateu à porta do noviciado de São André e foi admitido na Companhia de Jesus.

Matteo Ricci estudou as mais variadas disciplinas, da Retórica à Filosofia, passando pela Matemática e a Astronomia. Terá contribuído para a construção dos primeiros calendários gregorianos, que mais tarde introduziu na China. No final do seu terceiro ano de Filosofia, em 1576, o padre português responsável pela missão das Índias visitou Roma. O jovem estudante decidiu então candidatar-se a missionário, desejo partilhado por muitos outros alunos. Em 1577, chegou a resposta: Ricci tinha sido aceite. Saiu de Itália nesse mesmo ano sem voltar à terra natal, rumo a Coimbra, onde estudou Teologia. Um ano depois foi enviado para Goa. Em 1582, dois anos após ter sido ordena-

do padre, chegou a Macau - a porta de entrada para a desconhecida China.

## De Macau a Pequim

Gianni Criveller explica que, “na altura, a Europa tinha descoberto o quão importante era a China: havia quem tentasse entrar à força, outros achavam que era uma causa perdida, demasiado complicada”. Num terceiro grupo encontrava-se Ricci, que “tinha interesse pela China, queria entrar no país, mas não através da força ou da imposição das suas ideias, e sim pela amizade”.

Matteo Ricci não foi o primeiro missionário a entrar na China. “Vários portugueses e italianos visitaram a China antes. Mas quem conseguiu penetrar na China, quando esta era impenetrável, foi Matteo Ricci. Foi ele que entrou na Cidade Proibida e foi recebido pelos mandarins”, frisa César Guillén-Nuñez, o historiador que contribuiu também para a publicação lançada pelo Instituto Ricci de Macau.

Porque Matteo Ricci teve uma experiência única, apresentou uma nova visão da China ao mundo. “Já não é a China de Marco Polo. A partir de Matteo Ricci é outra China que o Ocidente encontra.” Esta China não foi fácil de descobrir, apresentou-se como sendo uma longa caminhada. Ricci chegou a Macau a 7 de Agosto de

1582 e dedicou-se ao estudo da língua local. “Com o padre jesuíta Michaelo Ruggieri, começou a escrever um dicionário Português-Chinês”, elucida Artur Wardega, director do Instituto Ricci. A preocupação com o domínio do idioma facilitou a tarefa de comunicação com os seus interlocutores do grande império – ao contrário do que era a prática entre os missionários do Japão, que falavam latim e recorriam a intérpretes, Ricci percebeu que não era possível entender a cultura sem dominar o idioma.

Um ano após ter chegado a Macau, o jesuíta partiu para Cantão, acompanhado por Ruggieri. Pouco depois, conseguiu do vice-rei (sabedor dos seus conhecimentos em Matemática e Cartografia, ciências que muito interessavam à China) permissão para criar a primeira casa da missão no país, em Zhaoqing - local onde terá feito o primeiro mapa deste ponto do mundo e concluiu o dicionário. A mudança de vice-rei fez com que Ricci tivesse de deixar a sua primeira missão, no ano de 1589.

Já na década de 90 do século XVI, Ricci aventurou-se por Nanjing e Nanchang. Em Agosto de 1597, o seu superior, Alessandro Valignano, escolheu-o para principal responsável pela missão na China. Em 1598 esteve muito perto do poder de

Pequim, mas as convulsões políticas da época aumentaram a intangibilidade do Palácio Imperial.

Três anos mais tarde, em Janeiro de 1601, dá-se o regresso à capital da Dinastia Ming. Matteo Ricci levava na bagagem presentes para o imperador, que não chegou a conhecer pessoalmente. “Tal não era permitido aos estrangeiros”, contextualiza César Guillén-Nuñez, “mas foi o primeiro ocidental a entrar na Cidade Proibida”. O jesuíta estabeleceria relações de amizade – a chave para a ‘sua’ China - com “alguns letrados e mandarins muito importantes dentro da corte”, acrescenta o historiador.

Com autorização para permanecer em Pequim, Ricci deu início a uma das componentes do seu trabalho enquanto missionário – a conversão ao catolicismo – mas manteve uma vida activa em termos sociais

e culturais. “Os seus feitos foram bem recebidos por ambos os lados – pela China e pelo Ocidente”, destaca Artur Wardega. Matteo Ricci deu ainda um grande impulso aos estudiosos chineses, sendo Xu Guangqi disso exemplo. “Letrado oriundo de uma família muito importante de Xangai, foi aluno e companheiro de Ricci. Trabalharam juntos em tradução de livros”, conta. “Xu Guangqi soube aproveitar os ensinamentos para o bem do seu país.”

Por seu turno, “Matteo Ricci usou os seus conhecimentos para o cultivo de novas plantas para ajudar a população e até para defender a China, com a ajuda dos portugueses de Macau, através da compra de canhões”, numa altura em que se viviam conflitos internos. “Foi uma relação proveitosa para ambos os lados”, entende o director do instituto de Macau baptizado com o

nome do padre jesuíta.

Diz-se que Matteo Ricci demonstrou aos chineses que a terra era redonda, fez os primeiros planisférios que a China conheceu e construiu relógios. Escreveu ainda muitas obras, entre elas o ‘Tratado da Amizade’ (em chinês) e as suas famosas “Cartas”, a dar conta do que ia descobrindo na China.

## Rasgo e excepção

Para o investigador Gianni Criveller, a excepcionalidade de Ricci vai além do facto de ter sido o primeiro a entrar na Cidade Proibida. “A sua proeminência em relação aos outros missionários não se deve apenas ao facto de ter sido o primeiro, mas sim porque era o melhor, ou um dos melhores.” Entre as suas qualidades únicas, encontrava-se a capacidade de perceber que não era através da imposição dos seus hábitos que seria compreendido.

## RICCI-BREVE CRONOLOGIA

1552

6 de Outubro



Nasce Matteo Ricci, em Macerata, uma cidade dos Estados Papais.

1578



Com 16 anos, vai para Roma, para a Universidade La Sapienza, estudar Direito.

1571

15 de Agosto



Entra para o noviciado de São André e é admitido na Companhia de Jesus.

1576



Candidata-se à missão das Índias.

1577



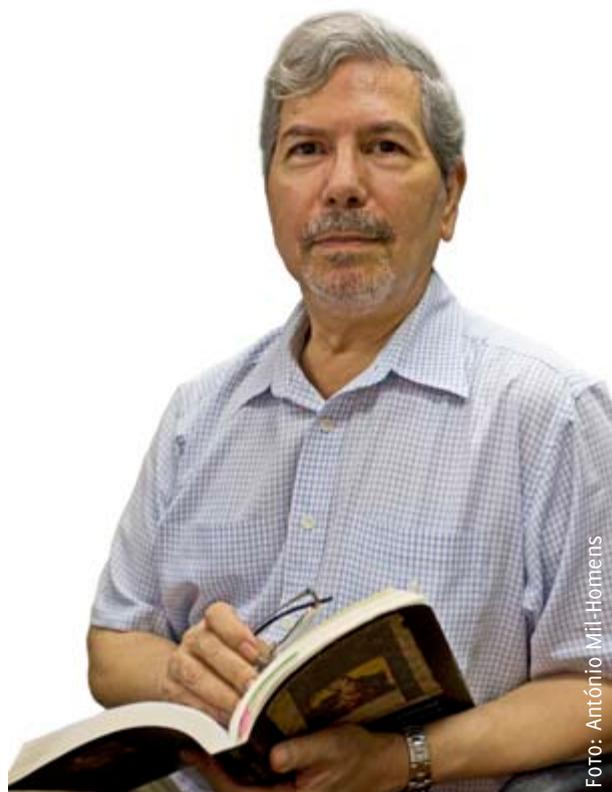
Ricci é aceite como missionário, sai de Itália e estuda Teologia em Coimbra.

1578



É enviado

“Vários portugueses e italianos visitaram a China antes. Mas quem conseguiu penetrar na China, quando esta era impenetrável, foi Matteo Ricci. Foi ele que entrou na Cidade Proibida e foi recebido pelos mandarins”, frisa César Guillén-Nuñez



“Quando chegava a novos locais, Matteo Ricci não pensava que as pessoas tinham de se adaptar a ele, mas sim o inverso”, sublinha o académico italiano acerca do jesuíta que envergou trajes chineses.

“Parece algo muito óbvio, mas não é. A ideia da colonização residia exactamente no conceito oposto.” A forma como trabalhou fez com que recebesse do imperador licença para fundar uma igreja, ob-

jecto de estudo de César Guillén-Nuñez. O investigador analisou três igrejas jesuítas em Pequim, “as primeiras católicas”, e uma erigida pelos padres lazaristas, com relevo para o estudo. “Apareceram

1582	1583	1597	1601	1610	
<b>7 de Agosto</b>			<b>Janeiro</b>	<b>11 de Maio</b>	
					
para Goa.	Chega a Macau, onde se dedica ao estudo do chinês.	Faz a sua primeira incursão pela China, acabando por receber autorização para se fixar em Zhaoqing, onde permanece até 1589.	É escolhido por Roma como responsável principal pela missão na China.	É recebido na Cidade Proibida pela Corte Imperial.	Morre em Pequim, com 58 anos incompletos. O imperador autoriza que o seu corpo fique na capital, tornando-se o primeiro estrangeiro a quem é conferida semelhante honra.

**“Matteo Ricci usou os seus conhecimentos para o cultivo de novas plantas para ajudar a população e até para defender a China, com a ajuda dos portugueses de Macau, através da compra de canhões”, numa altura em que se viviam conflitos internos. “Foi uma relação proveitosa para ambos os lados”, entende Artur Wardega.**



Foto: António Mil-Homens

graças a Matteo Ricci, que teve a ideia de abrir uma igreja na capital Ming.”

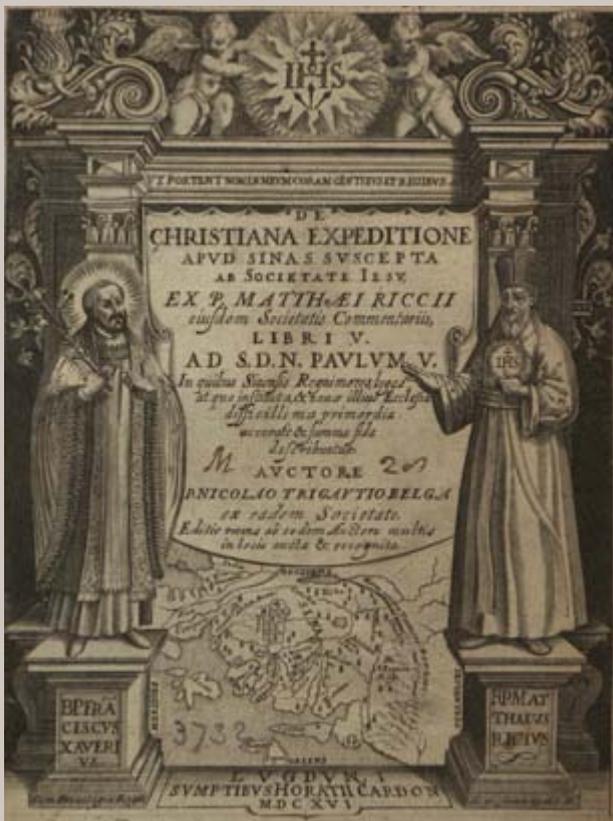
Foi um “acto heróico”. A ideia – alargada a outras cidades chinesas – “é verdadeiramente singular, excepcional”. Guillén-Nuñez explica porquê: “Matteo Ricci mudou a ideia de ter um templo de tipo budista, que os jesuítas já tinham nalguns lugares na China e em especial no Japão, adaptando os templos orientais à liturgia católica. Ricci alterou essa noção, quis construir um templo ocidental, com arquitectura da Contra-Reforma, da Renascença europeia.” O investigador acrescenta que, nas cartas que enviava para Roma, Ricci comentou que fez esta mudança “para que os chineses soubessem o que era um templo cristão, porque uma igreja não era igual a um templo chinês”. Estes locais de culto foram destruídos várias vezes por convulsões internas e desastres naturais. “Existem reconstruções de estilo neo-gótico, mas não são as igrejas originais”, refere César Guillén-Nuñez.

Ricci morreu sem completar 58 anos, a

11 de Maio de 1610. Deixou cinco missões estabelecidas e baptizou mais de setecentas pessoas. As regras da Dinastia Ming ditavam que os estrangeiros que morriam na China tinham de ser enterrados em Macau. Na morte como na vida, Matteo Ricci foi a excepção: o imperador Wanli autorizou que o seu funeral se realizasse em Pequim e ordenou que fosse construído um templo budista para o efeito. Mais tarde, os restos mortais do jesuíta foram trasladados para o local onde acabariam por ser sepultados outros missionários.

Artur Wardega recorda as palavras de Ricci deixadas aos seus companheiros jesuítas, já no leito da morte: “Deixo-vos, mas deixo-vos com a porta aberta para este grande país e esta grande civilização. Cabe a vós um trabalho árduo para promover o diálogo e promover a prosperidade de ambos os lados.” E é por isso que faz todo o sentido recordar o homem que soube perceber a China, já lá vão 400 anos: a arte de compreender a diferença é um trabalho em progresso. ■

# Um mundo nunca visto



MATTEO RICCI trouxe da Europa para a China objectos e conhecimentos desconhecidos no Império do Meio. Quatrocentos anos depois, o Instituto Ricci de Macau (MRI, na sigla inglesa) apresenta, em Agosto próximo, obras de arte que o público de Macau poderá ver pela primeira vez no território.

A inauguração desta mostra que reúne centena e meia de peças é o momento alto das celebrações do 400º aniversário da morte do padre jesuíta que encantou a China, sendo consequência da colaboração do MRI com o Museu de Arte de Macau e integrada num programa internacional de comemorações, de Ocidente a Oriente.

A mostra vem da cidade natal de Matteo Ricci – Macerata - para Macau, e é inaugurada numa data plena se simbolismo: foi a 7 de Agosto que o jesuíta chegou ao território. “É uma exposição muito rica, que tem como conceito

mostrar que quando Ricci veio para Macau, onde se preparou para a sua missão, trazia a cultura e o conhecimento da Europa, da Renascença”, sintetiza o director do Instituto, Artur Wardega.

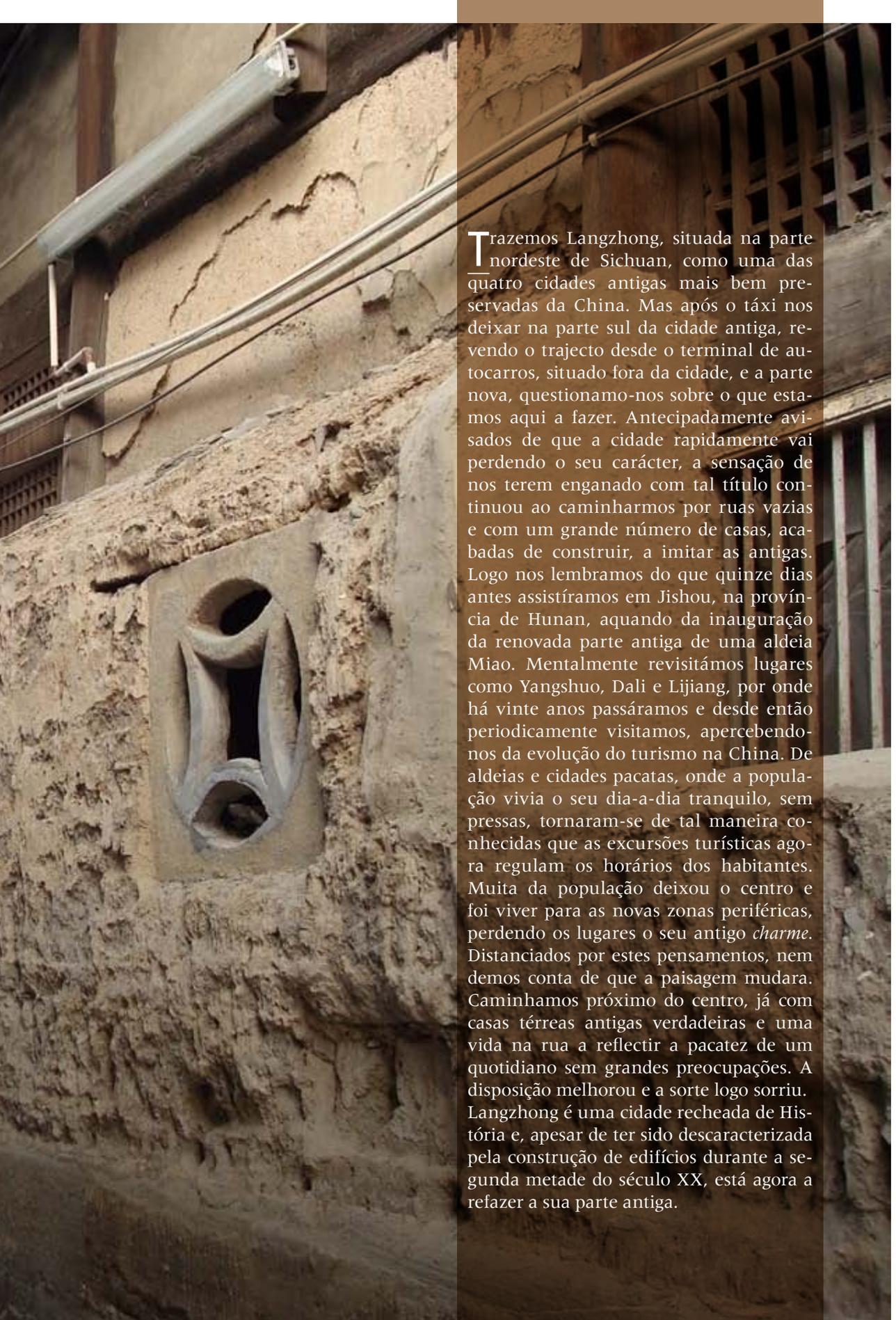
“A exposição pretende mostrar os conhecimentos que Matteo Ricci trouxe para a China, e que constituem metade do seu sucesso no país. Ele não trouxe apenas a sua personalidade e talento, mas também uma enorme bagagem de conhecimento e de educação que recebeu na Europa. Foi com esta base que iniciou o seu diálogo com a China, através da amizade.” O IRM pretende mostrar que “tipo de pontes trouxe para a China e quais as que usou para ser aceite”.

Além disso, continua Wardega, “a exposição coloca em destaque os seus amigos, os intelectuais com quem estudou, as pessoas com quem lidou”. Ricci “não era o académico deslocado da vida quotidiana, socializava com os letrados e também com pessoas da corte que queriam saber da igreja e da fé católica”. As actividades do MRI em torno do missionário tiveram início no ano passado, com duas palestras sobre Matteo Ricci proferidas por Gianni Criveller, investigador especialista na vida e obra do jesuíta. Estas duas intervenções constam de uma publicação lançada em Maio, mês da morte de Ricci – a primeira versa sobre o percurso do jesuíta ainda na Europa, sendo a segunda sobre o que aconteceu entre a chegada a Macau e os seus últimos dias em Pequim. A publicação conta ainda com dois trabalhos de investigação de César Guillén-Nuñez. O historiador debruçou-se sobre as primeiras igrejas católicas na China e estudou um retrato póstumo feito por Manuel Pereira, jesuíta chinês baptizado com um nome português, que pintou o missionário poucas horas depois da sua morte. “É o retrato mais detalhado de Matteo Ricci”, explica Wardega, acrescentando que com base nesta obra foram feitos vários quadros que nos tornaram possível conhecer a figura do jesuíta. César Guillén-Nuñez acrescenta que o retrato tem valor acrescido por ser conhecido “apenas num círculo reduzido de investigadores e jesuítas”. É, porém, “uma obra de arte muito interessante e a única deste tipo”. ■

I. C.

# Cidade antiga de Langzhong

Situada no nordeste da Província de Sichuan, Langzhong não é uma cidade qualquer. Em diversos momentos a História cruzou as suas ruas e habitou as casas abençoadas pelos ventos auspiciosos do fengshui. Por isso conta-se hoje entre as cidades antigas mais famosas da China, sendo um local procurado por excursões turísticas e, de uma maneira geral, os que andam em busca de vestígios de um passado distante



Trazemos Langzhong, situada na parte nordeste de Sichuan, como uma das quatro cidades antigas mais bem preservadas da China. Mas após o táxi nos deixar na parte sul da cidade antiga, re- vendo o trajecto desde o terminal de au- tocarros, situado fora da cidade, e a parte nova, questionamo-nos sobre o que esta- mos aqui a fazer. Antecipadamente avi- sados de que a cidade rapidamente vai perdendo o seu carácter, a sensação de nos terem enganado com tal título con- tinuou ao caminharmos por ruas vazias e com um grande número de casas, aca- badas de construir, a imitar as antigas. Logo nos lembramos do que quinze dias antes assistíramos em Jishou, na provín- cia de Hunan, aquando da inauguração da renovada parte antiga de uma aldeia Miao. Mentalmente revisitámos lugares como Yangshuo, Dali e Lijiang, por onde há vinte anos passáramos e desde então periodicamente visitamos, apercebendo- nos da evolução do turismo na China. De aldeias e cidades pacatas, onde a popula- ção vivia o seu dia-a-dia tranquilo, sem pressas, tornaram-se de tal maneira co- nhecidas que as excursões turísticas ago- ra regulam os horários dos habitantes. Muita da população deixou o centro e foi viver para as novas zonas periféricas, perdendo os lugares o seu antigo *charme*. Distanciados por estes pensamentos, nem demos conta de que a paisagem mudara. Caminhamos próximo do centro, já com casas térreas antigas verdadeiras e uma vida na rua a reflectir a pacatez de um quotidiano sem grandes preocupações. A disposição melhorou e a sorte logo sorriu. Langzhong é uma cidade recheada de His- tória e, apesar de ter sido descaracterizada pela construção de edifícios durante a se- gunda metade do século XX, está agora a refazer a sua parte antiga.



Aspectos da cidade antiga

## Uma viagem pela cidade



Uma das vantagens da cidade antiga, que tem pouco mais de 1,5 quilômetros quadrados de área e deveria estar na classificação das mais procuradas pelos turistas, é a população ainda aí viver o seu cotidiano familiar. Pelas ruas pedonais, onde apenas veículos de duas rodas podem circular, vemos mulheres sentadas ao sol conversando, enquanto as crianças tomam o pequeno-almoço de sopa de arroz e uma espécie de rissóis cozidos a vapor. A maior parte das casas são térreas, feitas em madeira e colocadas umas encostadas às outras, com pátios interiores e os compartimentos virados para a rua ocupados por lojas, que são um dos sustentos das famílias.

Casais de turistas dedicam-se a fazer compras dos produtos tradicionais de Langzhong, como os edredões de seda, o vinagre Bao Ning feito de arroz, milho e da casca de trigo e o fruto da amoreira, que também serve para fazer vinho medicinal, que pode ser igualmente feito com outros frutos e raízes. Mas o produto mais comprado é o bife Zhang Fei. E nem de propósito, pois após visitar a torre-pagode Zhongtian (ver texto “Zhang Fei e os Três Reinos”) encontramos-nos perante o tem-



plo de Zhang Fei, construído há 1700 anos. Como relíquia cultural que é, está desde 1996 sob protecção do Estado.

Zhang Fei (167-221), também chamado de Yide, nasceu com pele escura em Zhuojun, hoje Zhuozhou, na Província de Hebei, onde se encontra outro dos três templos existentes na China dedicados a este general Shu. Zhang Fei encontrava-se em Langzhong à frente de uma das zonas militares Shu e aqui viveu apenas sete anos, os últimos e mais intensos da sua vida, que lhe deram fama, sendo por isso muito querido pela população.

Uma placa com a sua caligrafia encontra-se à porta de entrada do templo. Reproduz a história da vitória deste estratega general sobre o exército Wei. Na sala seguinte à da entrada do templo, aparece uma estátua vestida com todos



Estátua de Imperador do General Zhang Fei e (em baixo) reprodução da sua escrita



os adornos de imperador e com a imagem de Zhang Fei. Sabendo que nunca fora imperador, a explicação é-nos dada mais tarde pelo senhor Tang Shaoyou, professor de inglês e guia para personalidades estrangeiras que visitam a sua cidade, já que é um estudioso da história de Langzhong e de tudo o que a ela está ligado. A nossa conversa aborda muitos temas, como Fu Xi aqui ter sido concebido e a Deusa Mãe do Oeste, Xiwangmu, aqui ter vivido; o astrónomo Luxia



**Langzhong é uma cidade recheada de História e, apesar de ter sido descaracterizada pela construção de edifícios durante a segunda metade do século XX, está agora a refazer a sua parte antiga**

Hong, que introduziu melhoramentos importantes na esfera armilar, nasceu nesta cidade durante a dinastia Han do Oeste; e Zhang Daoling, o fundador do taoísmo religioso, passou por ela para propagar a sua doutrina. Langzhong era ainda um dos poucos locais onde se realizavam os Exames Imperiais e também a cidade-modelo do feng shui ou geomancia chinesa (ver texto “Uma cidade abençoada”). Quase todos estes assuntos estão registados no seu livro *Follow Me to the Fairyland of Langyuan*, escrito em inglês e chinês. Langyuan é o nome antigo da cidade, que aparece depois de 713, chamando-se



antes Longyuan mas, como o imperador Xuan Zong (712-755), da dinastia Tang, tinha esse mesmo nome, teve o da cidade que ser mudado. Langyuan, que designava o jardim Paraíso, continuou a ser muitas vezes assim chamada pelos poetas, mesmo depois de passar a ter o nome de Langzhong. A troca de conhecimentos é feita no hotel Qin Jia e, porque aí estamos hospedados, não pagamos os cinco renminbis de entrada para visitar um edifício do início da dinastia Qing. Ao contrário das casas térreas de madeira, este edifício com 400 anos é de pedra, sendo constituído por uma sucessão de pátios ladeados

pelos quartos. Outros edifícios como este podem também ser visitados, contendo todos uma parte museológica, e num deles pudemos ver, para além de potes da dinastia Tang, todo o processo para a produção do vinagre gravado em desenhos expostos nas placas de madeira. A visita a muitos dos monumentos da cidade, como as torres-pagode Huaguang e Zhongtian e outros referenciados acima, é paga, mas é possível adquirir um único bilhete que dá acesso aos locais mais importantes, por uma quantia que corresponde a quase metade do despendido ao comprar bilhete a bilhete.



## Langzhong

LANGZHONG é, de acordo com a sua página oficial, uma zona com 860 mil habitantes situada na região de Nanchong, no norte da Província de Sichuan, que em 1986 recebeu a designação, por parte do Conselho de Estado, de cidade cultural e histórica. Na língua chinesa essa zona é designada pelo carácter (市) shi, que significa cidade ou município, mas que de facto corresponde a uma realidade mais lata, que inclui zonas rurais.

Presentemente Langzhong é conhecida sobretudo devido ao seu centro histórico, a antiga cidade de Langzhong, frequentemente citada como uma das quatro cidades antigas mais famosas da China, ao mesmo nível de Lijiang, na Província de Yunnan, Pingyao, na Província de Shanxi, e Shexian, na Província de Anhui.

Langzhong foi a capital do Reino de Ba, que foi eliminado por Qin Shi Huangdi, o imperador que unificou a China pela primeira vez, no século III a.C. Mais de mil e quinhentos anos depois, no final da dinastia Ming e início da dinastia Qing, Langzhong recuperou alguma importância na região, tendo mesmo sido a capital provisória de Sichuan. Pode-se chegar a Langzhong através do aeroporto de Nanchong, que recebe voos directos de Pequim e Cantão. A alternativa, para quem já está em Chengdu, capital de Sichuan, é apanhar um comboio - há ligações ferroviárias frequentes ao longo do dia - que demora cerca de duas horas a chegar a Nanchong. Daí há autocarros que fazem a ligação com Langzhong em viagens de cerca de hora e meia.

Em termos de alojamento, é possível encontrar no centro histórico de Langzhong desde pensões de baixo custo, com casas de banho partilhadas, até hotéis mais convencionais de três estrelas. ■

as montanhas ao redor têm uma altura ideal pois protegem



mas não retiram céu à cidade



Após a morte de Zhang Fei, foi-lhe dado o título de Marquês Huan (Huanhou). Passados mais de mil e quinhentos anos, já durante a dinastia Qing, um governador da província de Sichuan começou a compilar as histórias deste grande general e reportou-as ao imperador Jiajing (1796-1820), que logo percebeu tratar-se de uma grande personagem da história e lhe conferiu o título póstumo de imperador Huanhou. Por isso lhe foi erigida uma estátua. Mas quando chegou o momento de lhe colocar os atributos, depararam-se com um problema. Se Zhang Fei fora ministro do imperador Liu Bei, não poderia ser ao mesmo tempo imperador e ministro e, por tal, a estátua de Zhang Fei como imperador tem segura pelas duas mãos a placa de jade que o ministro levava quando ia resolver assuntos do Estado com o imperador. Resolvido assim o problema, Zhang Fei tornou-se um imperador espiritual no coração do povo e, por outro lado, um leal ministro, e isto caracteriza a população de Langzhong.

Ao fundo do templo está o mausoléu com o corpo de Zhang Fei, mas a cabeça encontra-se enterrada em Yunyang, na municipalidade de Chongqing, onde está o terceiro templo dedicado a este herói do período dos Três Reinos.

O senhor Tang fala-nos da intenção de se voltar amuralhar a cidade e nós pudemos ver as obras do passeio ao longo do rio, que já se estão a realizar.

A nossa estadia em Langzhong, pensada para quatro dias, vai-se prolongando à medida do que na cidade vamos encontrando. Como todos os dias aparecem novos motivos de interesse, constantemente adiamos a partida, sentindo ser esta uma das nossas cidades preferidas na China.

No trajecto de regresso ao terminal de autocarros consciencializamos o valor turístico de Langzhong em comparação com outras localidades anteriormente visitadas. Não conseguimos compreender a falta de interesse por parte dos turistas, tanto nacionais como estrangeiros, para aquele sossegado lugar recheado de História e de ancestrais saberes. ■

## Uma cidade abençoada



É UMA cidade acolhedora com muito bom feng shui (auspiciosa localização dada pelas correntes do vento e da água), já que rodeada pelo rio Jialing por três lados (sul, oeste e leste) e pelo monte Panlong, a norte, que a protege. Num perímetro maior, as montanhas ao redor têm uma altura ideal pois protegem mas não retiram céu à cidade.

Da parte térrea da torre-pagode Zhongtian, onde no tecto está a bússola de feng shui, o centro da cidade, partem nas quatro direcções as ruas que levavam às portas da muralha. No primeiro andar, encontramos a estátua de Fu Xi, segurando com as duas mãos o bagua por si criado. Segundo uma história

mitológica, o primeiro Ancestral da civilização chinesa, Fu Xi, que viveu no início do terceiro milénio antes da nossa era, foi o inventor dos trigramas e terá sido concebido em Langzhong. Nasceu onde hoje é a província de Gansu, mas por três vezes aqui se deslocou. Aos 12 anos, conheceu o lugar de que a mãe lhe falava como sendo um Paraíso, onde a vida fácil e confortável, com um bom clima, contrastando com as condições contrárias do lugar onde nascera e até então vivera. Aqui volta para discutir as noções do bagua. Pela terceira vez regressa para deixar registadas nas paredes das caves a imagem do bagua.

Em 648, um meteorito e um tremor de terra no Sul de Sichuan foram um sinal de alerta para o segundo imperador da dinastia Tang, já que prognosticavam a mudança de imperador, ou de dinastia. O imperador Li Shimin (626-649) muito

preocupado, logo mandou chamar os adivinhos, geomantes e astrónomos Yuan Tiangang e o seu discípulo, Li Chunfeng. Este revela, ao analisar todos os dados, que, após três gerações, um futuro imperador vai aparecer num local a 500 km, vindo da família Wu. Ao ouvir tal, o imperador envia cada um destes iniciados na cultura Wu Zhu à procura desse local.

Yuan Tiangang chega a Langzhong e logo se apercebe das características únicas do lugar e, ao subir à montanha Jinping, no outro lado do rio e de frente para a cidade, descobre o Dragão, que desembocava no monte Panlong, sobranceiro à povoação. Mandando escavar parte da encosta cortou o veio do Dragão e assim este monte deixou de poder gerar um imperador. Quando por diferentes caminhos Li Chunfeng aqui chega, ao seguir o Dragão encontra já a montanha a ser cortada e uma fonte a libertar o qi deste. Esta uma história que ouvimos contar no Museu do Feng Shui, situado junto à parte muçulmana da cidade antiga e onde funciona também um hotel. ■





Fuxi com os oito trigramas



Zhang Fei, Liu Bei, Guan Yu tornaram-se irmãos de armas no jardim dos Pessegueiros

## Zhang Fei e os Três Reinos

ESTAVA-SE no fim a dinastia Han do Leste e três reinos, Shu a Oeste, Wei a Norte e Wu a Leste da China viviam em guerra. Guan Yu vagueava pela municipalidade de Zhuo, hoje província de Hebei, quando se encontrou com Liu Bei e Zhang Fei. No jardim dos Pessegueiros fizeram um juramento tornando-se irmãos de armas, com o voto de Guan Yu e Zhang Fei ajudarem Liu Bei. Estava a dinastia a dar as últimas e a China a dividir-se entre três poderosos reinos, que se guerreavam, sendo o de Shu para onde se mudou a corte Han. Encontrava-se Liu Bei em Chengdu, preparando a capital, Zhang Fei em Langzhong e Guan Yu a comandar a guarnição Shu, em Jingzhou. O reino Shu foi atacado pelo

exército Wei, comandado pelo general Zhang He, que tinha consigo 30 mil soldados. Mas Zhang Fei, com apenas dez mil homens, consegue derrotá-los numa batalha travada na Passagem de Wakou. A história foi gravada com a espada numa pedra pelo próprio Zhang Fei, de tão eufórico estava, e registada no Romance dos Três Reinos (San Guo Yan Yi). Essa caligrafia foi sendo depois reproduzida e é um desses exemplares que está exposto à entrada do templo de Zhang Fei em Langzhong.

Já no ano 219, estando Guan Yu ocupado numa batalha contra as forças Wei foi atacado de surpresa pelo exército Wu e desse ataque resultou a sua morte. Como o reino Wu era tido como aliado dos Shu, esta traição revoltou os dois irmãos de Guan Yu que, em 221, combinaram encontrar-se em Jiangdu, hoje Chongqing, para uma expedição punitiva ao reino Wu. Com três dias

para preparar a partida, Zhang Fei dirigiu-se a dois dos seus oficiais, Fan Jiang e Zhang Da, para organizarem as suas tropas num curto espaço de tempo. Eles pediram a Zhang Fei que lhes desse mais uns dias para a preparação mas, irritado, o general bateu-lhes e ameaçou-os de morte se não cumprissem as suas ordens. Os oficiais sentindo-se encurralados, entre serem eles a morrer ou matarem o general, resolveram-se pela segunda hipótese. A história de como foi morto Zhang Fei varia de fonte para fonte, mas certo é que a sua cabeça foi decepada e os dois oficiais fugiram com a cabeça Zhang Fei para, como prova do serviço prestado, a levarem para o reino Wu. Mas quando estavam próximo da fronteira ficaram a saber que os reinos Wu e Shu tinham acabado de fazer um tratado de paz e assim livraram-se da cabeça de Zhang Fei, atirando-a ao rio. Um pescador que tinha passado o dia a deitar a rede no meio do rio e ao fim do dia nem um peixe capturara, decide atirá-la pela última vez. Qual não é o seu espanto quando ao puxar sente-a pesada mas, em vez de lhe sair um grande peixe como pensara, deparou-se com uma cabeça. Esta dirigindo-se ao pescador diz-lhe: “O meu corpo ficou em Langzhong e esta cabeça não tem face para aí voltar, nem quer ser enterrada em território Wu, por favor sepulte-me em território Shu próximo daqui.” E assim o pescador levou a cabeça para Yunyang e no monte Fei Feng a enterrou. ■

Representação de rua de Zhang Fei





## Pavilhão de Macau com êxito na Expo de Xangai

MAIO fica para a história como o mês em que a maior exposição mundial de todos os tempos abriu as portas. Coincidindo com o Dia do Trabalhador e com os feriados que assinalam a data no país, a Expo de Xangai foi procurada por muitos visitantes que quiseram ficar a conhecer o que os países e territórios participantes levaram até à capital económica do país.

O Pavilhão de Macau, a “Lanterna Imperial – Coelho de Jade”, bem como a Casa de Penhores Tak Seng On, uma réplica de um exemplar patrimonial edificada na zona das Melhores Práticas de Desenvolvimento Urbano do evento, têm sido muito procurados por quem se desloca à Expo.

Apesar de, nos dias que se seguiram aos feriados de Maio, o número de turistas ter diminuído, os edifícios que a RAEM levou até Xangai continuaram a registar um aumento de visitantes, com filas à porta da “Lanterna Imperial – Coelho de Jade”. O Pavilhão de Macau foi considerado por várias publicações internacionais como sendo dos mais originais da edição de 2010 da Exposição Mundial. ■

## Confrontos na manifestação do 1º de Maio

A MARCHA do 1º de Maio, Dia do Trabalhador, em Macau terminou com confrontos entre os manifestantes e a polícia. Mais de quarenta pessoas ficaram feridas durante o incidente, com algumas delas a precisarem de recorrer aos serviços hospitalares.

Cerca de 1500 pessoas saíram à rua no Dia do Trabalhador, mas parte dos manifestantes não respeitou o trajecto aprovado pelas autoridades, que montaram uma barreira junto à principal artéria do centro da cidade, a Avenida Almeida Ribeiro. Várias associações de trabalhadores, grupos cívicos e jovens que se mobilizaram através da Internet organizaram as suas próprias manifestações, que seguiram percursos diferentes.

Os conflitos ocorreram quando cerca de 800 manifestantes oriundos de associações laborais tentavam avançar por um trajecto não autorizado. As autoridades policiais foram agredidas com pedras e garrafas e os agentes reagiram com gás pimenta e canhões de água.

A polícia declarou o fim do protesto e a marcha acabou por não seguir até à Sede do Governo, local onde, por norma, terminam este tipo de manifestações. A polícia destacou para a operação cerca de 350 homens. ■



## Carlos Marreiros distinguido com o Prémio Nacional de Prestígio

O ARQUITECTO macaense Carlos Marreiros recebeu o Prémio Nacional de Prestígio pelo reconhecimento internacional no domínio da Arquitectura e *Design*. O prémio foi entregue em Pequim, a 6 de Maio, no dia em que terminou o encontro com o tema “Participação e Diferença”, no âmbito da quinta edição da Feira Internacional de *Design* e Arte.

Além de Carlos Marreiros, foram galardoados os arquitectos He Jingtang, director da Faculdade de Arquitectura e Engenharia da Universidade de Tecnologia do Sul da China e autor do Pavilhão Nacional da China na Expo Xangai 2010, e o japonês Tadao Ando. Foram ambos distinguidos com o Prémio Nacional de Carreira pelo reconhecimento internacional, a mais alta distinção atribuída pela organização.



Foto: António Mil-Homens

Carlos Marreiros nasceu em Macau em 1957. Estudou em Portugal, na Alemanha e na Suécia. Antigo presidente do Instituto Cultural, tem um vasto currículo como arquitecto e artista plástico e é uma figura destacada da vida cultural de Macau. ■

## Macau debate combate à corrupção em seminário internacional

CERCA de quatrocentos advogados e juristas estiveram reunidos ao longo de dois dias em Macau, num encontro que juntou especialistas locais, de Hong Kong, do Interior da China, de Taiwan, Austrália, África e Portugal. Organizado pela Associação dos Advogados de Macau e pela União Internacional dos Advogados, o seminário “Corrupção e Estado de Direito”, realizado nos dias 14 e 15 de Maio, contou ainda com a presença do secretário de Estado da Justiça de Portugal, João Correia, bem como a procuradora-geral adjunta portuguesa Cândida Almeida. No discurso de abertura do seminário, o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, defendeu que a “integridade é pressuposto da eficiência e da boa reputação de um Governo, que constitui a pedra basilar que garante o progresso do Estado de Direito e o desenvolvimento sustentável de um território”.

Apesar dos novos desafios aos trabalhos da promoção da integridade e do Estado de Direito, “consequência da acelerada evolução sócio-económica e das tecnologias”, para Chui Sai On, “a contínua generalização e sensibilização para a incorruptibilidade, com o apoio e cooperação da população”, permitirá avançar nos trabalhos de combate à corrupção. ■



## Faleceu Fernando Macedo Pinto, fundador do Grande Prémio de Macau

FERNANDO MACEDO PINTO (à esquerda na foto), um dos fundadores do Grande Prémio de Macau (GPM), que vai em Novembro próximo para a 57ª edição, morreu em Portugal em princípios de Maio. Com outros entusiastas do desporto automóvel em Macau, como Carlos Silva e Paulo Antas, Macedo Pinto lançou em 1954 aquele que é hoje o principal cartaz do desporto automóvel do território e um dos mais importantes da região.

Em 2003, por altura dos 50 anos do GPM, Fernando Macedo Pinto expli-

cou que se pretendia apenas organizar uma prova automóvel de caça ao tesouro. Mas “uma volta ao circuito” com um responsável de Hong Kong fez com que se pensasse em “fazer uma corrida a sério”, recordou à Agência Lusa. Criou-se então uma comissão organizadora, mas Macedo Pinto não acreditava, então, que a prova se voltasse a repetir, referiu, satisfeito pelo meio século de vida da competição que tem a Fórmula 3 como corrida principal e que recebe ainda a grande final do mundial de carros de turismo. ■

## Empresários a caminho da Península Ibérica

EM MAIO ficou-se a saber que, no final de Junho do corrente ano, delegações de empresários de Macau e da Província de Guangdong vão visitar Portugal e Espanha. A iniciativa é da responsabilidade do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) e do

Departamento de Comércio Exterior e Cooperação Económica da província. Os empresários participam em seminários no Porto e em Madrid. Com a iniciativa pretende-se reforçar a função de Macau como plataforma da cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa. Os encontros na Península Ibérica visam promover a cooperação económica e comercial, bem como dar a conhecer o desenvolvimento mais recente da Região do Delta do Rio das Pérolas. No âmbito dos seminários, vão ser ainda realizadas bolsas de contacto. ■

- **MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPACO**

**- ONDE QUER QUE ESTEJA!**

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**



**COM A TDM,  
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**



**ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:**



**TDM**

**AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA**



2010





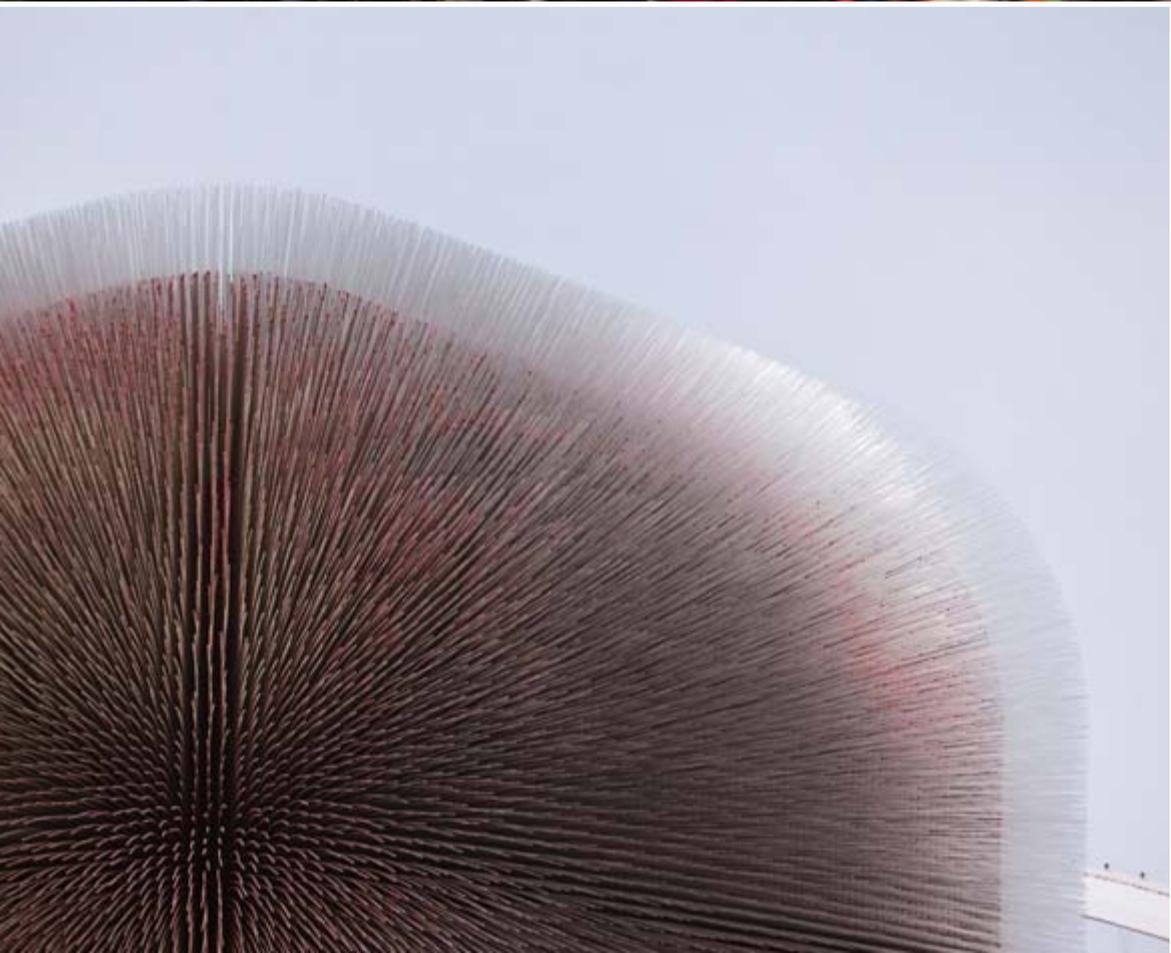
Instalada numa das margens do rio Huangpu, a Expo 2010 está na zona central da maior cidade da China, Xangai. Ocupando uma area de 5,28 quilómetros quadrados, o evento conta com a participação de duas centenas de países e prolonga-se até 31 de Outubro



Foto: Dreamstime



Fotos: LIFE





### **Pavilhão de Espanha**

Com uma estrutura de aço e uma cobertura de vime este pavilhão é da autoria de Benedetta Tagliabue

### **Pavilhão do Reino Unido**

de Thomas Heatherwick, este pavilhão, à semelhança do antigo palácio de cristal em 1850, sobressai pela sua originalidade

### **Pavilhão da Polónia**

Inspirado nos recortes de papel, passatempo tradicional polaco, este foi o projecto escolhido entre as mais de 30 candidaturas





Exterior do pavilhão de África o espaço com o maior número de expositores



Interior do Pavilhão de Angola



Sempre popular o Brasil apresenta como tema o futebol



Fotos: Lusa

O Pavilhão de Portugal caracteriza-se pela sua fachada de cortiça



## O dia do duplo cinco a tradição revisitada

O dia 16 de Junho do corrente ano corresponde ao quinto dia do quinto mês lunar, em que se comemora o dia dos barcos-dragão, também conhecido como duplo cinco ou *duanwu jie* (端午节) — uma das festividades mais tradicionais chinesas tal como Ano Novo, os Finados e o Equinócio de Outono (Festa do Bolo Lunar).

Em chinês, *duan* (端) significa início e *wu* (午) é a designação do quinto mês lunar.

Em *Histórias Extraordinárias de Qi* (《续齐谐记》), do século VI regista que:

“Qu Yuan atirou-se ao rio Yangluo no quinto dia do quinto mês lunar e sua morte foi muito lamentada pelos compatriotas do reino de Chu. Desde então, todos os anos nessa data, o povo joga bambus com arroz ao rio como forma de homenageá-lo.

Durante o reinado de Jianwu (25-57), da Dinastia Han Oriental (25-220), existiu, em Changsha, um homem chamado Ouqu. No dia do duplo cinco, ele topou com um senhor de nome Sanlü que lhe disse:

— Soube que você viria até aqui para fazer as homenagens ao poeta e muito aprecio o seu ato. Contudo, todos os anos

as oferendas são engolidas pelo dragão que habita o rio. Para evitar que isso aconteça e afastá-lo, sugiro que embrulhe as oferendas em folhas de amargoseira e amarre-as com fitas multicoloridas.

Ouqu seguiu o conselho do dito doutor e assim surgiu esse costume que perdura até hoje.”

O senso comum credita o surgimento da comemoração da data ao Qu Yuan (屈原), de quem falarei mais adiante. Por ora, vos contarei o porquê dos “bolinhos serem engolidos pelo dragão que habita o rio” e sobre as regatas em barco-dragão, que são o que mais chama à atenção na passagem dessa data. Tanto bolinhos como barcos estão relacionados ao dragão e, não é por mero acaso, que o principal homenageado da data é o tal animal mitológico, governante do ar e das águas.

Descobertas arqueológicas e antropológicas revelam que Wu (吴) e Yue (越) foram as primeiras comunidades agrícolas a se assentarem às margens do rio *Yangzi* (长江). Como primitivos que eram e sujeitos a todo o tipo de intempéries, criaram para si um totem para a protecção - a figura do dragão - inspirados na imagem dos raios relampejantes no céu. Da mesma forma, conferiram ao dragão poderes sobrenaturais extraordinários e diziam

que este era o ancestral e o protector de suas comunidades. Assim, tatuavam os seus corpos, mantinham o cabelo curto e sinalizavam os utensílios com essa figura mitológica para estreitar a relação com o totem-dragão. Organizavam, uma vez por ano, uma grande cerimónia de homenagem ao governante das chuvas e das águas. Colocavam alimentos dentro de bambus ou enrolados em folhas e jogavam uns às águas e outros comiam. Concluído o ritual de oferendas, ainda faziam regatas em canoas também esculpidas com a imagem de dragões, incentivadas ao som de tambores. Entretinham-se e rogavam protecção ao deus dragão.

Dois mil anos se passaram e o conhecimento sobre o mundo a sua volta evoluiu. Perceberam que com a aproximação do Verão as epidemias e as pestes aumentavam. Descobriram que pendurar cálamo e artemísia na porta surtia algum efeito para repelir parasitas. Beber ou passar aguardente de arroz com realgar na fronte, nos pés, nas mãos das crianças, servia como uma espécie de simpatia para manter afastadas cobras, escorpiões, sapos, aranhas e lacraias, que costumam se proliferar naquela época do ano. O costume de tatuar o corpo fora substituído por amarrar cordões multicoloridos no antebraço. No mesmo período, recomendava-se o banho, a abstinência sexual e o jejum. Por isso, não se casavam e evitavam ter filhos nesse mês, permitindo o retorno de suas mulheres à família de seus pais.

Essas “medidas” pareciam ser efectivas para a manutenção da vida, e esses povos começaram a sentir maior segurança em relação à natureza. Sobreviver já não era tão difícil como antigamente e passaram a concentrar as suas energias na busca por uma vida gloriosa e honrosa.

Assim, a relação com o totem-dragão mudou de reverência à intimidatória. Surge o modo de produção feudal e o direito ao uso da figura do dragão era reservado unicamente aos reis. O sentimento de honra é uma questão de

consciência e discernimento entre o bem e o mal, axiomas esses que já haviam sido suscitados pelos filósofos Laozi e Confúcio, que diziam que o homem é mais perigoso do que a natureza. Não prosseguirei nessa discussão aqui, porque as descobertas e os ensinamentos dos mestres só farão sentido mais tarde, através dos acontecimentos históricos e, por isso, passo a narrar os fatos que viriam a tornar o poeta Qu Yuan, como o principal homenageado no dia do duplo cinco.

Conforme apresentei, as comunidades Wu e Yue adquiriram contornos de civilização ao ter um maior domínio sobre a natureza. Esses povos espalharam-se pela região oriental chinesa e se dividiram em reinos populosos, necessitando ampliar além de suas fronteiras, a sua glória. O cerne pela disputa da hegemonia era a planície central chinesa - Zhongyuan (中原) - região fértil entre os rios Amarelos e Yangzi, por sete reinos principalmente, a saber: Qi (齐), Chu (楚), Yan (燕), Han (韩), Zhao (赵), Wei (魏), Qin (秦). Esse período foi conhecido como Reinos Combatentes (457-221 a.C), uma época de muita violência, onde o reino de Qin foi o vencedor e unificou a China em 221 a.C.. O poeta Qu Yuan, do reino de Chu, viveu entre 340-278 a.C.

Qu Yuan era ministro no reino de Chu e também o terceiro homem mais influente daquele reino. Defendia uma aliança estratégica com o reino de Qi, para resistir à expansão do reino de Qin. Por outro lado, Qin estava sempre a procurar meios para destruir quaisquer alianças entre os reinos rivais, as quais pudessem criar obstáculos à expansão do reino. Os ministros do reino de Qin tentavam demover Qu Yuan de seus bons conselhos ao rei através de muitos regalos; entretanto, Qu Yuan era um homem incorruptível e de moral inabalável, enquanto seus outros colegas ministros nem tanto, pois “sensibilizavam-se” com os presentes ofertados pelo reino de Qin.

Os rumores políticos contra Qu Yuan eram terríveis e diziam que ele havia divulgado segredos do reino, fato que o levou a ser degredado em 313 a.C. No ano seguinte, as relações entre Qin e Chu pioraram, de tal forma que, Qu Yuan foi chamado de volta à corte e restituído ao cargo, todavia, as intrigas continuariam contra ele.

Depois de algumas tentativas fracassadas de ataque de Qin contra Chu, o primeiro resolveu convidar o segundo para viajar ao seu reino, para travarem negociações de paz. Apesar de Qu Yuan ser contrário a essa viagem, porque tinha receio de se tratar duma armadilha preparada pelo ardiloso rei Qin; o rei Chu ignorou por completo o seu conselho, inclusive até o censurou publicamente, reclamando de sua interferência em demasia e, pela segunda vez, Qu Yuan foi degredado para o norte da actual província de Hunan. Durante o cortejo, o rei de Chu foi apanhado em uma emboscada no meio do caminho pela tropa de Qin, o qual foi feito prisioneiro. O rei de Chu morreu três anos depois numa cela no reino de Qin. Qu Yuan, enquanto desterrado, escrevia poemas os quais denunciava, em tom sarcástico, a corrupção, o egoísmo e o descaso da aristocracia de Chu, os quais colocava o seu interesse acima do reino. Mais tarde, os poemas foram reunidos num volume conhecido como *Lisao* (离骚) – A Amargura no Degredo, que faz parte até hoje dos manuais escolares. Magoado com a notícia de falecimento do seu rei e impotente para salvar o seu reino, Qu Yuan desiste da vida porque a glória já era inalcançável, e se amarra a uma pedra e se atira ao rio Yangluo, situado a noroeste de Hunan, no quinto dia da quinta lua.

Ao chegar a notícia do trágico fim do poeta-estadista, é organizada uma flotilha de barcos para o resgate de seu corpo, nas águas revoltosas do rio. Para ganhar tempo e evitar que o dragão se alimentasse de Qu Yuan, a população ribeirinha jogou ao rio arroz glutinoso

enrolado em folhas de amargoseira. E assim a tradição fora revigorada pela consciência de Qu Yuan. A partir de então, a festividade de reverência ao dragão passou para homenagens ao poeta de carácter inabalável e patriota. A sua atitude foi aclamada pelo povo e exaltada por poetas como Li Bai e intelectuais como Lu Xun. As regatas de barcos-dragão ocorrem para simbolizar o resgate do bem e do que é correcto e o ato de se comer bolinhos de arroz glutinoso recheado com carnes, verduras ou gergelim, conhecido como *zongzi* (粽子), enaltece a memória desse homem.

No século XXI, nos lugares banhados por rios na China, continua a comemorar-se a data com regatas de barco-dragão. Em Macau, as regatas são disputadas por equipas amadoras de universidades, associações de classe ou empresariais, em que as torcidas participam com suas berrantes bandeiras. Há dois meses que avistamos os treinos no lago Nam Van e logo veremos erguidas arquibancadas, onde poderemos nos misturar ao povo e assistir a essas disputas de alegria contagiante e nos tornarmos parte integrante dum festejo milenar, que adquiriu vários contornos através dos séculos.

Nos tempos míticos, o homem era frágil perante a natureza e se intitulou como descendente do dragão em busca de proteção – assim, homem e dragão fundiram-se num só corpo; à medida que esse homem passou a ter maior domínio sobre a natureza, o dragão de ícone protetor, virou símbolo do poder real. Depois veio um período de guerras que desgastou o poder, mas agregou características de retidão e patriotismo ao ente mitológico, que parece perdurar até os dias actuais.

Nesse ínterim, para finalizar, deixo uma pergunta: Que contornos adquirirá esse dragão no futuro com a secularização dos costumes? ■

O sentimento de honra é uma questão de consciência e discernimento entre o bem e o mal, axiomas esses que já haviam sido suscitados pelos filósofos Laozi e Confúcio, que diziam que o homem é mais perigoso do que a natureza



### **Bibliografia:**

**Barros, Leonel (1999)** *Macau – Coisas da Terra e do Céu*. Macau: Direção dos Serviços de Educação e Juventude.

**Fairbank, John King e Goldman, Merle (2006)** *China: uma nova história*. Porto Alegre: LP&M.

**He, Xingliang (1998)** 《苍龙腾空》(O dragão ganha o céu). Beijing: Editora da Academia Chinesa de Ciências Sociais.

**Wen, Yiduo (1994)** 《端节历史教育》(Lições históricas do dia do duplo cinco) In: 《闻一多全集》(Obra completa de Wen Yiduo). Wuhan: Hubei Renmin chubanshe. v. 5, p. 10-14.

**Wen, Yiduo (1994)** 《人民的诗人—屈原》(Qu Yuan, o poeta do povo) In: 《闻一多全集》(Obra completa de Wen Yiduo). Wuhan: Hubei Renmin chubanshe. v. 5, p. 28-30.

**Wen, Yiduo (1994)** 《端午考》(Descobertas sobre o duplo cinco) In: 《闻一多全集》(Obra completa de Wen Yiduo). Wuhan: Hubei Renmin chubanshe. v. 5, p. 31-46.

**Wu, Jun** 《续齐谐记》(Histórias Extraordinárias de Qi). Disponível em: <http://wenku.baidu.com/>

# A lenda dos cálamos na porta

*Do folclore chinês*

**R**eza a lenda que a certa altura houve uma grande seca à véspera do dia do duplo cinco. A esposa virtuosa de um literato pobre resolveu pendurar na entrada da casa galhos de cálamos e escrever um dístico para alegrar a passagem de seu aniversário e o feriado, ao qual dizia: “Lamento a falta de fortuna, amanhã nada tenho para as oferendas; Não deixarei a data passar em vão e fixo cálamos na entrada.”

Quando o literato chegou à porta de sua casa e viu o dístico, sentiu-se envergonhado e resolveu voltar à cidade. No caminho, viu um velho búfalo a pastar solto e decidiu levá-lo para o trocar por alguma coisa para alegrar a sua esposa. Mas mal caminhou alguns passos, o dono do búfalo apareceu e levou o literato ao tribunal acusando-o de roubo.

— Qual o motivo que levou você a pegar um búfalo alheio em plena luz do dia? — perguntou o magistrado ao literato.

— Ao chegar em casa, — respondeu o literato constrangido. — Vi na porta o dístico que a minha boa esposa escreveu e me senti muito envergonhado com a

minha falta de capacidade de sustentá-la condignamente.

O magistrado não acreditou que uma mulher do interior pudesse escrever poesia e mandou-a chamar à sua presença, quando ela chegou, perguntou-lhe:

— O dístico pendurado na porta foi escrito por você?

A esposa apressou-se em ajoelhar-se perante o magistrado e respondeu:

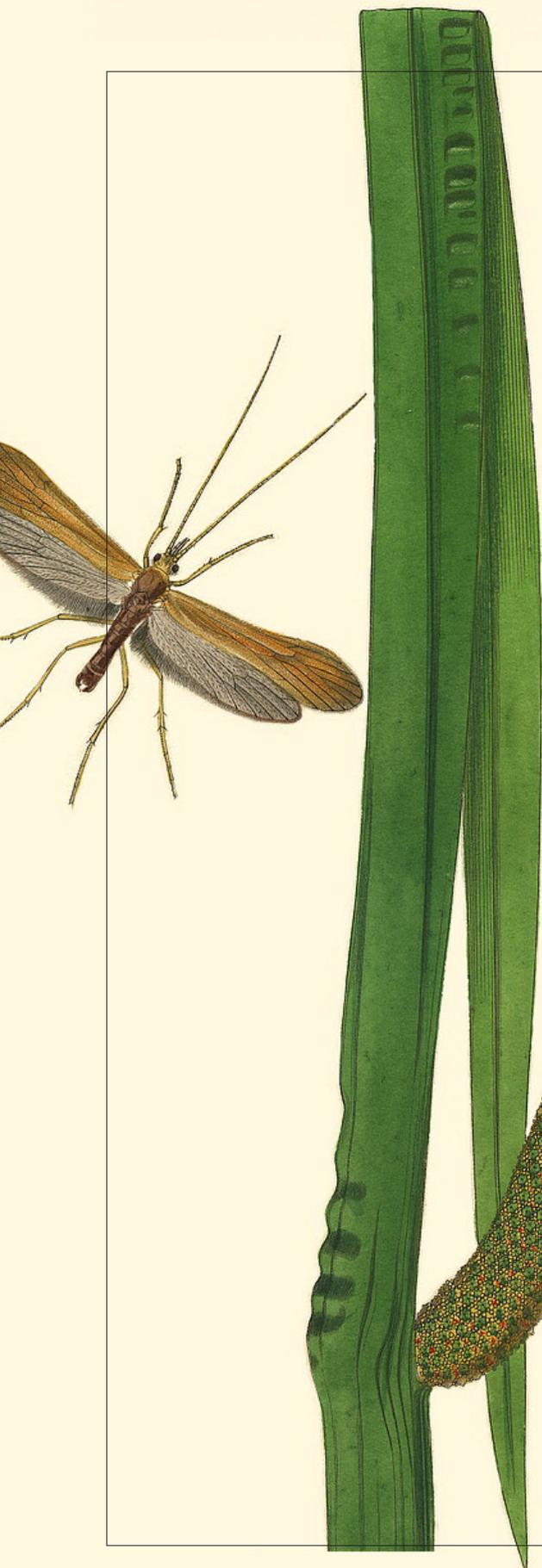
— Vossa Excelência, o poema foi escrito por mim, mas não percebo onde eu tenha cometido falta.

— Você não cometeu nenhuma falta não, — comentou calmamente o magistrado — porém, o seu marido levou um búfalo alheio e está respondendo a essa acusação. Qual deverá ser a sua punição? A esposa percebeu a gravidade da situação e lamuriou:

— Meu marido conhece as leis e as infringiu, deve ser punido exemplarmente!

O magistrado satisfeito com a resposta da mulher, disse-lhe:

— De acordo com a lei, devo punir o seu marido à prisão, mas como você irá sobreviver? Já que você sabe compor poesia, eu ordeno-lhe que redija um poema



sobre o ocorrido e, caso me agrade, darei a você uma boa recompensa.

A esposa acatou a ordem do magistrado de imediato e após refletir por alguns instantes, escreveu:

“As águas do rio Amarelo escoam para o leste, mas não lavam a vergonha desse acto

Não sou a fada tecelã e o meu amado não é o pastor, para quê pegar o búfalo?”

Ao ler o poema, o magistrado comentou em sonora gargalhada:

— Você não é a fada, mas se eu condenar o seu marido à prisão, vocês ficarão separados como a tecelã e o pastor.

E a recompensou com certa quantia em ouro e mandou o casal de volta para casa. A partir daí, pendurar cálamos na véspera do duplo cinco se tornou um costume muito popular, para atrair fortuna para casa. ■

*Tradução: Márcia Schmaltz*

“Lamento a falta de fortuna, amanhã nada tenho para as oferendas;

Não deixarei a data passar em vão e fixo cálamos na entrada.”



Foto: António Mil-Homens

## A “marca cultural” de Macau

Que o Festival de Artes “se torne na marca cultural de Macau”, é esta a visão do presidente do Instituto Cultural para o evento que este ano cumpriu a sua 21ª edição. Ao mesmo tempo, Guilherme Ung Vai Meng estabelece como um desafio importante a participação de artistas locais na programação

TEXTO: HÉLDER BEJA

**N**a apresentação do 21º Festival de Artes de Macau (FAM), o presidente do Instituto Cultural (IC), Guilherme Ung Vai Meng, falou de um jardim para todas as flores. Agora, as flores desabrocharam e a mostra atingiu novamente uma assistência a rondar os 20 mil espectadores, tal como no ano passado. Quem o garante é Boyce Lam, chefe da Divisão de Pro-

jectos Especiais do IC.

As pétalas do festival que decorreu no mês de Maio foram o teatro e a dança, a ópera tradicional chinesa e as marionetas, as produções mais eruditas e as destinadas à pequenada – tudo num total de 70 apresentações de 25 espectáculos, que chegaram de 20 países diferentes. O orçamento cifrou-se nos

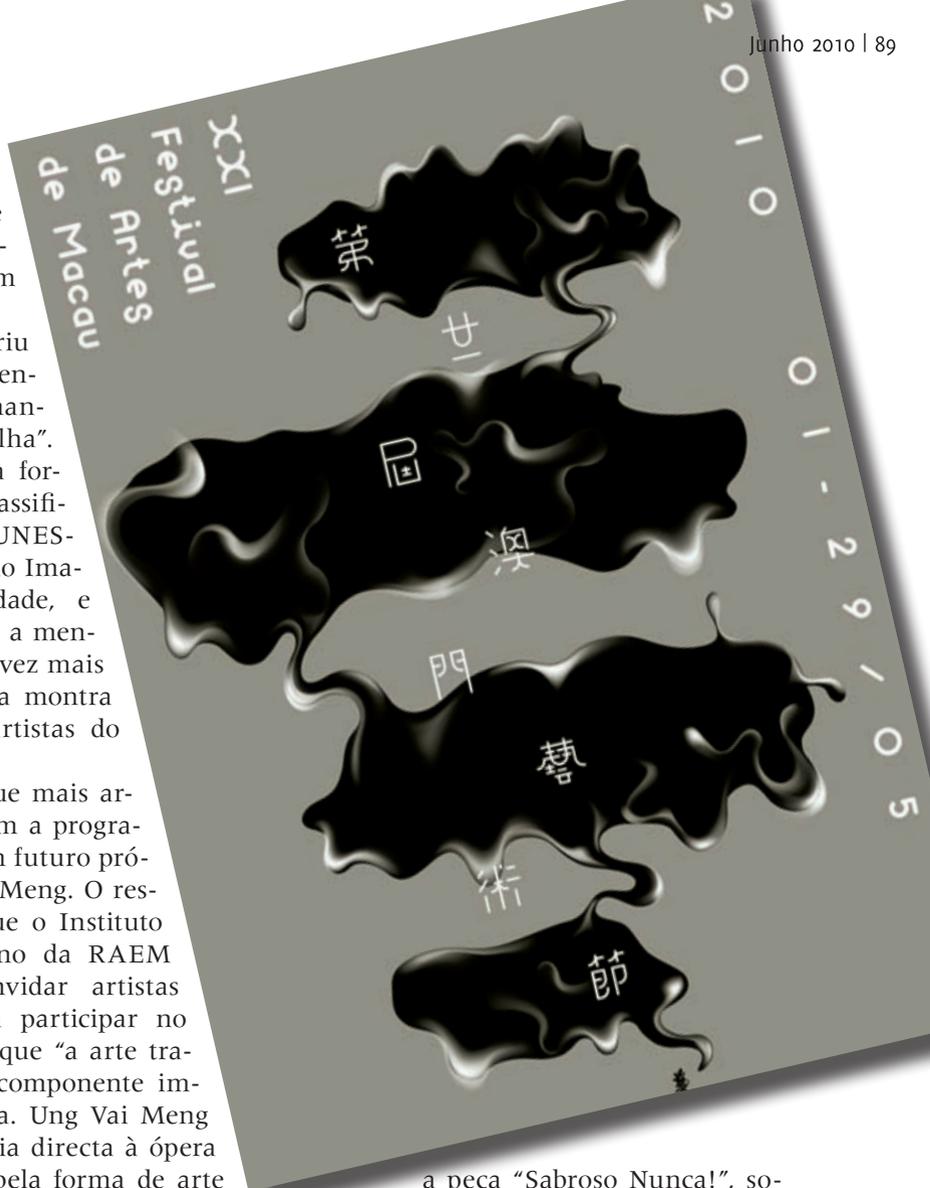
18,5 milhões de patacas, mais quinhentas mil que em 2009.

Este ano, o FAM abriu com ópera cantonense e a peça “O Romance da Seda Vermelha”. Uma homenagem à forma de arte local, classificada em 2009 pela UNESCO como Património Imaterial da Humanidade, e um modo de passar a mensagem do que cada vez mais será o festival: uma montra que privilegia os artistas do território.

“O meu desejo é que mais artistas locais integrem a programação do FAM num futuro próximo”, diz Ung Vai Meng. O responsável explica que o Instituto Cultural do Governo da RAEM continuará a “convidar artistas internacionais para participar no festival”, mas quer que “a arte tradicional seja uma componente importante” da mostra. Ung Vai Meng faz mesmo referência directa à ópera cantonense, “uma bela forma de arte que deve ser preservada e promovida internacionalmente”. “Acredito que os esforços que fizemos este ano pela ópera chamaram a atenção das pessoas”, refere.

### Criar uma verdadeira marca

Se há nomes forasteiros do programa que o próprio presidente do IC destaca – como o do pintor George Chinnery, com uma exposição de 150 obras que estará no Museu de Macau até 29 de Agosto –, a verdade é que o FAM já aposta na cultura local. Ung Vai Meng lembra, a propósito, que “40 por cento da programação desta edição é preenchida por associações artísticas locais”. Prova disso são as três sessões apresentadas pelos já habituais Docis Papiaçam di Macau, com



a peça “Sabroso Nunca!”, sobre a gastronomia macaense; ou a acção da Orquestra de Macau num registo mais jazzístico, conduzida pelo maestro Joshua Tan Kang Min e com composições dos norte-americanos George Gershwin e Leonard Bernstein. Espaço ainda para a peça “Um Basco”, do dramaturgo japonês Ryunosuke Akutagawa, levada à cena pelo Grupo de Teatro de Repertório do Conservatório de Macau, e para mais umas quantas produções do território.

Agora, há que prosseguir o caminho. “Espero que o FAM se torne na marca cultural de Macau”, deseja o presidente do IC. Até porque “as artes reflectem o estilo de vida e a qualidade de uma cidade”, lembra Ung Vai Meng, que tem uma relação antiga com a mostra.



Há 20 anos, aquando da edição inaugural do festival, o agora presidente do IC já trabalhava naquela casa, como *designer*. “Lembro-me de desenhar o programa e todos os materiais de promoção para o primeiro FAM. O tempo voa e sinto-me feliz com o sucesso que o festival conseguiu atingir.”

### Para miúdos e graúdos

A aposta deste ano nos espectáculos para os mais pequenos foi notória. De Portugal chegou um concerto para bebés e de Espanha um teatro de marionetas pela companhia Jordi Bertran, entre outros. O



chefe da Divisão de Projectos Especiais do IC, Boyce Lam, explica que “metade dos espectadores do FAM são cidadãos locais” e que um dos objectivos da programação é “cobrir todas as faixas etárias”.

Ambos, Ung Vai Meng e Lam, vincam a numerosa participação do público, para que contribuam os preços baixos prati-

cados nos bilhetes. “Os principais objectivos do festival são acostumar o público a apreciar espectáculos e encorajar as pessoas a participar em diferentes actividades culturais. O lucro não é um factor decisivo”, sustenta Boyce Lam.

Este ano, como já vem sendo costume, os primeiros dias de venda de ingressos resultaram em vários espectáculos esgotados. “Os Mundos de Fingerman”, peça de fantoches do peruano Gaia Teatro, e “Música de Ennio Morricone”, pelos australianos Spaghetti Western Orchestra, foram das produções mais procuradas. A Austrália cotou-se, de resto, como um



dos países mais representados nesta edição do FAM.

Guilheme Ung Vai Meng reconhece que, além da “qualidade e criatividade” dos grupos convidados, a selecção também é feita tendo em conta a sua localização geográfica. “Gostamos de ter um programa o mais variado possível, nem só ocidental nem só oriental”, defende o presidente do IC. Para o ano, a promessa é simples: “Um programação excitante, que dê a provar o sabor da nossa cidade”. ▀

**16-17/7****Peter Pan**  
*As Aventuras*  
*na Terra do Nunca!*

**QUEM NÃO** sonhou em ser como o Peter Pan? A eterna criança capaz de tantas agilidades, sempre acompanhado pela Fada Sininho.

Um mundo fantástico trazido aos palcos de Macau pela Companhia de Ballet do Norte, fundada em 1969, e que desenvolveu um estilo único de “ballet-teatro” com base no movimento e fortes enredos provenientes dos contos de fadas.

O espectáculo alterna sobretudo entre dois espaços: o quarto das crianças e a lagoa. Mas entre os momentos altos da acção está também a cena da caverna a tremer, em que podemos ver Peter Pan a desafiar os tortuosos couraçados do Capitão Gancho. A música original deste bailado foi escrita pelo compositor Stephen Warbeck, e em Macau vai ser interpretada ao vivo pela Orquestra de Macau.

Um bailado para toda a família com piratas mágicos, fadas, animais selvagens e marionetas que desafiam a coragem e a proeza de voar! ■

*Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*



18/7

## Orquestra Chinesa de Macau *As Flores do Paraíso*

NO CONCERTO de encerramento da temporada 2009/2010, intitulado Flores do Paraíso, a Orquestra Chinesa de Macau, liderada pelo Maestro Pang Ka Pang, presenteia o seu público com música chinesa e ocidental. O palco é a Igreja de S. Domingos e o objectivo é nobre: homenagear as crianças que morreram no sismo de 2008 em Wenchun, na Província de Sichuan.

Para este concerto a Orquestra Chinesa de Macau encomendou ao compositor chinês Guo Wenjing a obra para formação de câmara *As Flores no Paraíso*, inspirada nas visitas às igrejas do território. A peça é composta por sete andamentos plenos de melodias líricas e comoventes. ■  
*Igreja de S. Domingos, Macau*



24/7

## Orquestra de Macau convida Chen Sa

A CONVITE da Orquestra de Macau, a pianista chinesa Chen Sa vai apresentar três grandes obras.

A abrir o espectáculo o Concerto para Piano e Orquestra N.º 2 em Sol menor de Sergei Prokofiev que, na sua estreia, foi muito criticado e considerado mesmo uma 'obra do diabo'.

Segue-se depois uma viagem ao universo de Richard Strauss, tido como o sucessor de Wagner e um dos compositores mais importantes do final do período romântico. O primeiro poema sinfónico com êxito do compositor, Don Juan, retrata as experiências românticas do compositor e os sentimentos que nutria pela sua apaixonada. Melodias serenas e elegantes expressam a felicidade gerada pelo amor que ganham um tom sombrio e angustiante.

Ao compor a suite O Pássaro de Fogo, Stravinsky dotou a sua obra com vivacidade e um sabor musical moderno mas, ao mesmo tempo, o tema mostra quanto a sua música está enraizada na escola de música russa e reflecte um profundo estilo nacionalista. ■

*Grande Auditório, Centro Cultural de Macau*



6 e 8/8

## Boa Noite Lua e O Coelhoino Foragido

UMA VIAGEM ao mundo da fantasia conduzida por dois coelhos. Na base destas peças as histórias que foram escritas pela americana Margaret Wise Brown, e que conquistaram a atenção do mundo e de todas as gerações.

São as marionetas do Teatro Sereia da Nova Escócia que dão vida a estas histórias.

A companhia canadiana dá ênfase aos elementos de design criativo, à música original e a textos naquela que é uma oportunidade para os jovens se familiarizarem com as artes visuais e performativas, bem como com o prazer da leitura. ■

*Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau*



20-21/8

Pequenas histórias.com

QUATRO rapazes contam pequenas histórias sobre a infância perdida e a luta num presente difícil através da linguagem corporal urbana. Uma viagem pelas coisas essenciais da vida num cenário simples, mas com muitas acrobacias e movimentos hip hop. Cenas dinâmicas no palco são o ponto de encontro de diferentes tipos de dança, proporcionando encontros sociais e dando origem a novas emoções feitas de colisões e conflitos. Ao misturar hip hop, dança contemporânea, breakdance, clowning e acrobacia, o espectáculo quebra barreiras e promove o diálogo entre os diferentes idades e culturas, misturando a chamada cultura popular com a erudita.

A Companhia de Dança Os Accorrap foi fundada em 1989, em França, por Kater Attou, Merxouki Mourad e Mezino Eric, misturando acrobacias e dança de rua. ■

*Pequeno Auditório,  
Centro Cultural de Macau*

27 e 29/8

## A Última Viagem ao Ocidente

A LENDA do Rei Macaco é um dos quatro grandes clássicos da literatura chinesa. Retrata a peregrinação de um monge budista até à Índia - na altura conhecida como uma das regiões ocidentais - para resgatar escrituras sagradas. Uma longa jornada que segue com muitas aventuras e também desafios.

É neste clássico que se inspira a história levada a palco pela Associação de Artes Pequena Montanha. Para já fica uma promessa: dar vida à história A Última Viagem ao Ocidente de uma forma divertida e lúdica, através de fantoches, magia, dança e canto.

Esta peça de teatro infantil, falada em cantonês, chega ao fim, como qualquer outra fábula, com uma moral da história: o espírito de equipa e a consciência ambiental são primordiais. ■

*Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau*



## O Instinto do **Momento**

### *Uma Retrospectiva de Marc Riboud*

MARC RIBOUD foi um dos poucos fotógrafos estrangeiros a ser autorizado a fotografar na China durante o período maoísta. Ao longo de mais de 50 anos de carreira, visitou a China mais de 20 vezes.

A exposição agora patente no Museu de Arte de Macau apresenta mais de 130 fotografias, algumas das quais consideradas já clássicos da fotografia, registadas entre os anos de 1953 e 2006. Metade das obras expostas foram realizadas na China e algumas nunca chegaram a ser publicadas.

Destaque nesta exposição para a primeira fotografia tirada a Mao Zedong. ■

*Até 1 de Agosto, Museu de Arte de Macau*

## Paisagem e Sentimento

### *Pintura de Macau da Colecção do MAM*

ESTA ESCOLHA pretende ilustrar a evolução de Macau na paisagem natural e cultural, mas também ser uma síntese da sua história da arte. Em exposição estão trabalhos diversos, desde obras do pintor britânico, George Chinnery, de 1825, até quadros dos nossos dias, passando pelas representações de Macau dos anos 40 do século passado.

São mais de cem obras de Macau, entre aguarela, pintura chinesa, gravura e pintura contemporânea. Alguns destes trabalhos foram seleccionados a partir de um conjunto de 300 obras que estiveram patentes numa exposição em Pequim, no Museu Nacional de Arte da China, no passado mês de Março.

Esta mostra é também uma forma de explicar como a modernização impulsionou novas concepções e ímpetus criativos. ■

*Até 18 Julho, Museu de Arte de Macau*

## Marcas do Último Milénio

### *Exposição da Antiga Rota Equestre do Chá*

SÃO NO TOTAL 90 peças e mais de 80 fotografias que evocam a Rota Equestre do Chá, que se estendia de Sichuan a Yunan através das Montanhas de Hengduan até ao planalto tibetano, e que era, nos tempos antigos, uma das três rotas da seda.

As caravanas de cavalos levavam chá do centro da China para o sudoeste através desta rota, e transportavam, de volta, cavalos, mulas, lã, peles de cabra e vaca, almíscar e plantas medicinais para o centro do império.

A Estrada Equestre do Chá teve um papel importante no desenvolvimento da cultura do chá na China. ■

*Até 30 de Setembro,  
Casa Cultural do Chá de Macau*

## Fluxo de Mudança

### *Imagens Antigas da Paisagem Urbana ao Longo do Traçado do Metro de Macau*

COM A LINHA do horizonte de Macau prestes a mudar devido à construção do metro ligeiro, o Museu de Arte de Macau exhibe um conjunto de fotografias dos locais onde vão nascer as 21 estações projectadas do futuro metro.

Tratam-se de fotografias que fazem parte do espólio do Museu e que foram registadas em diferentes momentos. Imagens que permitem ao visitante recordar o passado de Macau e, simultaneamente, permitem detectar inúmeras transformações da cidade ao longo dos últimos anos. ■

*Até 31 de Dezembro,  
Museu de Arte de Macau*





## Th(r)ee

### Vários

**M**acau, Hong Kong e Portugal unidos pela música. O repto foi lançado por David Valentim a um conjunto de músicos e, mais de 15 meses depois, nasceu este álbum inédito.

Lançado no passado mês de Maio, conta com a participação de 33 bandas e cerca de uma centena de músicos de Macau, Hong Kong e Portugal que não se conheciam. A Internet foi o ponto de encontro. Os 17 temas – alguns originais, outros remisturados – foram gravados por cada um no seu canto. O resultado é uma mistura de pop, funk, rock mais suave e mais pesado e músicas alternativas.

Neste projecto participam bandas portuguesas como Bala, Macacos do Chinês e Naífa. De Macau constam nomes como António Conceição ou os Evade. De Hong Kong dão voz ao projecto, entre outros, os Elf Fatima e os Modern Children.

O valor da venda dos álbuns, para já em Macau e Hong Kong, e depois do Verão em Portugal, irá reverter para associações de intervenção social e cultural, como a UNICEF, em Hong Kong, a Anima – Sociedade Protectora dos Animais de Macau e o projecto ambiental Na Terra, para Timor-Leste. ■

Bloom, 2010

## Motion

### Bernardo

### Sassetti Trio

**M**otion representa o reencontro de Sassetti com o seu trio, o contrabaixista Carlos Barretto e o baterista Alexandre Frazão, com os quais não gravava há sete anos.

Este álbum é, para o Trio, o equilíbrio entre o improvisado e a composição, entre a necessidade de encontrar novos caminhos e um profundo respeito pela história da música. Para Sassetti, os temas que compõem este trabalho são “música que nasce do nada, ideias que decorrem do pensamento e da imagética do inconsciente”, em busca das múltiplas verdades da música.

O álbum tem uma faixa que homenageia “O Homem Que Diz Adeus”, tendo ainda duas versões: “Homecoming Queen”, dos Sparklehorse, e “Canção nº 6”, de Federico Mompou. ■

Clean Feed, 2010



## Companheiros de aventura

### Tim

**S**ão várias as gerações de artistas com diferentes caminhos e experiências que se juntam nesta aventura liderada por Tim. O motivo para esta viagem é apenas um: a paixão de todos pela música.

Os quatro aventureiros que abraçaram esta ideia de Tim são Celeste Rodrigues, Vitorino, Rui Veloso e Mário Laginha. Juntos ao longo de mais de ano trocaram ideias e composições.

O início da aventura teve lugar na Fábrica do Braço de Prata, caminhou pelos estúdios Namouche e acabou em Novembro e Dezembro do ano passado com os espectáculos de apresentação no Museu do Oriente.

Cada um dos convidados interpreta um tema de Tim, que canta duas músicas dos ‘companheiros’, permitindo assim a todos os artistas viajar por diferentes sonoridades, da pop ao rock, passando pelo jazz e música popular. ■

Universal Music Portugal, 2010





## António Chainho

### Lisgoa

No ano em que assinala 45 anos de carreira, António Chainho lança um disco que pretende celebrar a universalidade da guitarra portuguesa juntando-a ao fado e às sonoridades da Índia.

Nesta viagem ao Oriente, António Chainho é acompanhado por vários cantores indianos. Sonia Shirsat e Remo Fernandes cantam em concanim, o dialecto goês. Nos temas interpretados em hindi o português é acompanhado por Natasha Lewis. Finalmente, e para a ponte portuguesa, Chainho conta com Isabel de Noronha, companheira de outras aventuras musicais e que garante a alma fadista nesta longa viagem ao Oriente.

Depois do Brasil e de África, a guitarra portuguesa passa agora pela Índia, num casamento entre o sagrado e o profano, entre a lágrima e a festa. ■

Movieplay Portuguesa, 2010



## Protegid

### Carmen Souza

David Sylvian chamou ao trabalho de Carmen Souza “world soul music para o século XXI”.

Neste disco, que é já o terceiro da sua carreira, Carmen Souza apresenta uma improvável fusão de ritmos tradicionais cabo-verdianos, gospel e jazz.

A sua voz faz-se notar em temas como “Solidade” ou “Song for my Father” de Horace Silver para o qual escreveu uma letra em crioulo.

No tema de Cesária Évora, a cantora apresenta uma versão muito pessoal, mais jazzística, que conta com o pianista cubano Víctor Zamora.

Afro, Gospel e Jazz foram géneros que marcaram a formação artística de Carmen Souza e trazer essas influências para a música cabo-verdiana foi um desafio que contou com a ajuda de Theo Pascal, compositor, produtor e baixista da formação que acompanha a cantora. ■

Leve Music Entertainment, 2010



**Em Fuga****Tiago Bettencourt e Mantha**

É o segundo trabalho a solo de Tiago Bettencourt que repetiu a companhia dos Mantha e trouxe novidades. De Inês Castelo-Branco a Pedro Gonçalves (Dead Combo), passando pelos habituais João Lencastre (bateria) e Tiago Maia (baixo e guitarras), até às novidades de Benny Lackner (pianista) e Marc Seguin, artista plástico, responsável pelo artwork do disco.

Com gravação repartida entre Lisboa e o Canadá, Em Fuga destaca-se pela versatilidade de temas como “Chocámos Tu e Eu” e “Só Mais uma Volta”, para referir apenas os dois primeiros singles retirados do disco.

Lançado em Março último, o novo álbum de Tiago Bettencourt entrou directamente para a segunda posição do top português de vendas. ■

Universal Music Portugal, 2010

**Dois selos e um carimbo****Deolinda**

Surgiram com uma nova versão do fado português - mais arrojado e divertido - e conquistaram facilmente o público. Ao seu jeito querem acabar com uma série de clichés associados ao fado: “Os Deolinda não usam a guitarra portuguesa. Ou o fado tem de ser sisudo, sério, compenetrado, fatalista e triste. Os Deolinda não são nada disso. Ou ainda o fado não pode ser dançado. E dança-se com os Deolinda”.

E assim é. Com Os Deolinda o fado não é mais que uma desculpa para se ouvirem outras músicas: de ecos de José Afonso e Madredeus, à música ranchera mexicana ou ao samba.

Dois selos e um Carimbo apresenta 14 canções com música e letras de Pedro da Silva Martins e promete dar tanto que falar como o seu antecessor, Canção ao Lado, que desde a sua edição, em Abril de 2008, tem permanecido no top de vendas de Portugal. ■

Emi Music Portugal, 2010

**Pássaro Cego****Manuel Paulo e Nancy Vieira**

Mais do que um disco ou um espectáculo, Pássaro Cego é um projecto multidisciplinar que engloba a música de Manuel Paulo, as letras de João Monge, a voz de Nancy Vieira, as pinturas de João Ribeiro e as fotografias de Nana Sousa Dias.

Pássaro Cego reúne uma série de can-

ções com ligação entre si, como se de um argumento se tratasse. A ave, sendo cega, orienta o voo guiando-se pelos seus sentidos e vai identificando as várias ilhas que sobrevoa. A cada uma das dez ilhas corresponde uma canção, para além de um tema que se intitula Pássaro Cego.

Editado em formato de livro, o disco Pássaro Cego contém reproduções dos quadros propositadamente pintados por João Ribeiro a partir das composições de Manuel Paulo e das letras de João Monge, à medida que o disco ia ganhando forma, assim como quatro fotografias de paisagens de Nana Sousa Dias. ■

Valentim de Carvalho, 2009



## Wong Fei Hong – Vento de Shantung

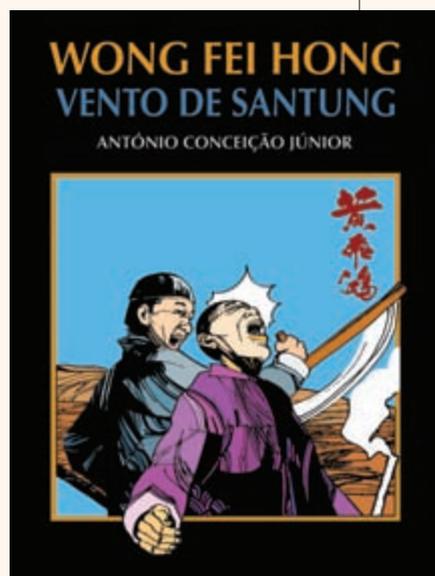
*António Conceição Júnior*

WONG FEI HONG (1847- 1924) é uma lenda do folclore chinês do século XX. Um mestre de artes marciais e de medicina tradicional chinesa e homem de ideias revolucionárias. Foi também um herói popular e figura de séries de televisão e cinema que lhe deram a estampa da eternidade.

Wong Fei Hong surge neste álbum recriado por António Conceição Júnior, num trabalho que data já de 1976. Na altura, o autor era professor de Artes Visuais no ensino secundário e vivia em Vila Franca de Xira, tendo recriado a sua própria versão da personagem a partir das memórias da sua juventude e do seu universo místico oriental.

A obra agora (re)publicada não sofreu as rasuras do tempo e permanece uma composição íntegra e permanente, trazendo de novo essa figura misteriosa de Wong Fei Hong num episódio cheio de acção e dinamismo. ■

Bloom Creative, Macau, 2010



## O Lúdico na História do Oriente Português: Um diálogo intercultural do século XV ao século XX

*Cândido do Carmo Azevedo*

NA PRIMEIRA metade de década de 1990, Cândido Azevedo fez-se nómada e andou pelos antigos territórios portugueses em busca dos hábitos lúdicos dos portugueses que por lá viveram, um trabalho feito no âmbito da sua tese de doutoramento.

Durante seis anos percorreu zonas como Goa, Damão, Diu, Chaul, Ceilão, Maldivas, Malaca, Macau, Timor, Molucas e Ambeno.

Para o autor foi uma viagem que, seguindo os caminhos da alegria, do prazer e da emoção, revela o exotismo e mistério do rosto daqueles antigos espaços do Império Português: coisas e gentes, costumes e tradições, mitos e crenças.

Cândido Azevedo nasceu em Damão. É professor coordenador na Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau. ■

Instituto Politécnico de Macau, Macau, 2010

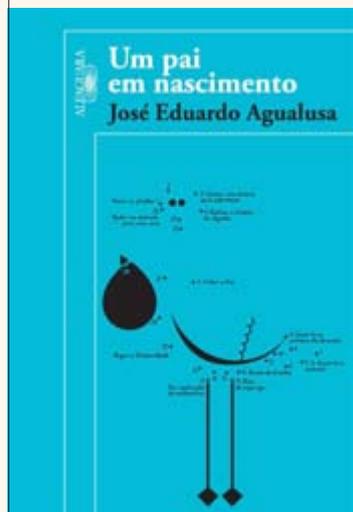


## Um Pai Nascimento

José Eduardo Agualusa

“AQUELA VIDA que irrompeu, assim, aos gritos, para dentro da minha, instalou-se entretanto nela com tal arte, e com tão sábia ternura, que não consigo já imaginar o mundo sem a sua presença... Quer dizer que, finalmente, me vejo a mim próprio como pai? Não sei. A verdade é que ainda me assusta a ideia de o ouvir, um destes dias, chamar-me pai... Papá ainda aceito, parece brincadeira, mas pai?! Pai é uma coisa muito séria!” O encanto, as dúvidas e angústias da paternidade são os temas abordados nesta obra que reúne textos publicados nas revistas Pais & Filhos e na Pública. José Eduardo Agualusa começou a escrever sobre esta temática ainda antes de ser pai, tinha 36 anos, em certa medida para, segundo ele, “tentar compreender melhor aquele processo”. ■

Objectiva, Lisboa, 2010



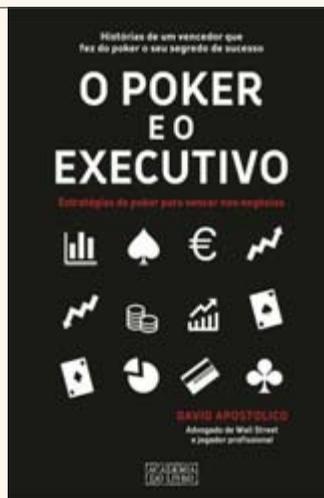
## O Poker e o Executivo

David Apostolico

AO LONGO dos vários anos que passou a jogar póquer, David Apostolico percebeu que quanto mais apurava as suas técnicas na mesa de jogo, mais se apercebia de quão úteis eram nas empresas com que trabalhava. Desde a negociação à relação com o cliente, passando pela gestão da equipa de trabalho, até à aposta em novos negócios, este livro explica, na visão do advogado, como é possível ultrapassar obstáculos através de técnicas aprendidas na mesa de póquer.

David Apostolico joga póquer há mais de vinte e cinco anos. Após a licenciatura na Escola de Direito da Universidade da Carolina do Norte, em 1988, o autor integrou a Winthrop, Stimson, Putman & Roberts, um escritório de advogados da Wall Street, onde se especializou em fusões e aquisições. ■

Academia do Livro, Lisboa, 2010



## O Olho de Hertzog

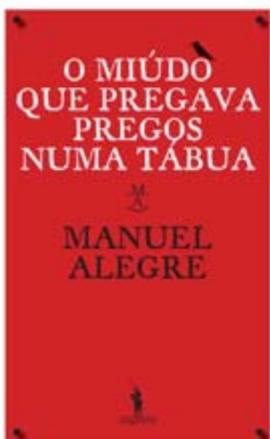
João Paulo Borges Coelho

O QUE PROCURA Hans Mahrenholz, um oficial alemão que se faz passar por empresário e jornalista inglês, nas ruas da Lourenço Marques de 1919, ainda no rescaldo da Grande Guerra? E por que não assume a sua verdadeira identidade? E por que procura desesperadamente um mulato com nome grego e uma longa cicatriz? E como o pode ajudar um dos mais famosos jornalistas dessa cidade, um mestiço assimilado e carismático? Hans Mahrenholz (ou Henry Miller) chega ao norte de Moçambique num zepelim e é largado de pára-quedas, sozinho, em plena selva, com a missão de se juntar ao contingente do general Lettow. Consegue-o. Mas todo o resto da campanha militar é assombrada pela estação das chuvas, a floresta virgem, a malária e os confrontos com os exércitos inglês e português. Quando chega a Lourenço Marques, Hans já não é o herói ingénuo e corajoso que se juntou a Lettow. É uma personagem misteriosa com uma missão igualmente misteriosa... ■

Caminho, Lisboa, 2010

## O Miúdo Que Pregava Pregos numa Tábua

Manuel Alegre



N E S T A HISTÓRIA de infância, de um rapaz que pregava pregos numa tábua e contava as sílabas pelos dedos, Manuel Alegre procurou reflectir como uma pessoa se

torna naquilo que é, explicando como é que um miúdo – que pregava pregos numa tábua – vai crescendo e se tornando ele próprio e nos outros que estão dentro de si. Porque afinal “ninguém sabe ao certo quem é quem nem se o que foi chegou a ser ou é fruto da imaginação ou de algo que alguém contou não se sabe quando nem a quem...”.

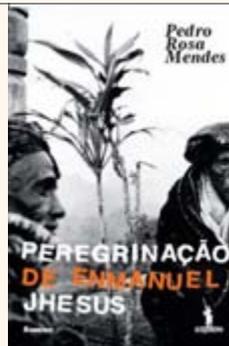
Manuel Alegre diz que esta obra não é uma biografia, mas sente que reflecte parte de uma vivência pessoal, como acontece, aliás, em todos os romances.

O certo é que ao longo da narrativa surgem Águeda e Aveiro, espaços da infância do escritor, mas também a prisão em Luanda, e mesmo uma referência a Amália Rodrigues, para quem Manuel Alegre escreveu vários poemas. ■

Dom Quixote, Lisboa, 2010

## Peregrinação de Enmanuel de Jhesus

Pedro Rosa Mendes



TIMOR-LESTE surge nesta narrativa como cenário principal. Passagens de História, memórias políticas, cadernos da guerrilha, tratados breves de diplomacia, debates teológicos, cenas de artes marciais, cartografia antiga, observações de botânica, notas de geologia, ritos de sagração, sortes tauromáquicas, até um fado perdido (por Amália?) lá em «Outramar»: abundantes são os tesouros que nos acompanham nesta viagem. Uma vertigem de personagens desfilam e falam a várias vozes. Pedro Rosa Mendes nasceu em 1968, em Cernache do Bonjardim. É jornalista desde 1988, fundador do jornal Público (onde trabalhou 11 anos), actual delegado da Agência Lusa em Paris. ■

Dom Quixote, Lisboa, 2010

## Deixei-te o Sorriso em Casa

António Santos

A HISTÓRIA decorre entre a Beira Baixa e Madrid, passando pelos mosteiros ortodoxos da Grécia e pelo deserto marroquino.

Naquela vila templária, na Beira Baixa, ninguém duvidava que Nuno e Isabel, os namorados que colecionavam sorrisos, acabariam um dia por casar. Mas o sonho do casamento acaba depois de Isabel encontrar Nuno num hotel de charme, na Costa do Estoril, nos braços de outra mulher. Nuno foi-se morrendo pelo silêncio dos mosteiros do Monte Athos, na Grécia, e pelas areias do deserto de Ouarzazate, em Marrocos. Mas as coisas não foram assim tão claras.

Porque o tio Deodato, livreiro de alma e coração, desaparece misteriosamente certa madrugada, em Fátima, durante as cerimónias religiosas. Porque Don Juanes, dono de um restaurante de Madrid, tem na cave uma sala secreta, apenas para gente de confiança, conspiradores anti-franquistas, sobretudo. Porque o velho marroquino, preparador de chá, parece sempre surgir do nada, porque Eduardo Guerra Carneiro como que traz mais verdade à narrativa, porque Andresa, muito jovem, se perde na paixão de Nuno e nos duzentos anos do feiticeiro. ■

Porque Don Juanes, dono de um restaurante de Madrid, tem na cave uma sala secreta, apenas para gente de confiança, conspiradores anti-franquistas, sobretudo. Porque o velho marroquino, preparador de chá, parece sempre surgir do nada, porque Eduardo Guerra Carneiro como que traz mais verdade à narrativa, porque Andresa, muito jovem, se perde na paixão de Nuno e nos duzentos anos do feiticeiro. ■

Oficina do Livro, Lisboa, 2010



# Tânia Sales Marques,

## astrónoma

**N**ão consegue precisar a idade em que a escolha foi feita, mas recorda-se bem dessa noite. “Era miúda, estávamos a passear de carro, vínhamos de Coloane para Macau, e o céu estava límpido. Na altura, ainda se viam as estrelas em Macau. Fiquei entusiasmada a olhar para elas.” Perguntou ao pai quem é que estudava o céu. A palavra “astrónomo” ficou gravada na mente e a “ideia fixa” foi levada por diante. Tânia Sales Marques é astrónoma, tem 28 anos, um percurso académico nos Estados Unidos e em Londres, e vontade de se dedicar, um dia destes, à investigação.

Filha de pai macaense e de mãe portuguesa, Tânia Sales Marques nasceu e cresceu entre culturas. Em casa sempre se falou português, mas os hábitos e costumes macaenses estiveram igualmente presentes. “São aquelas tradições como a gastronomia, a língua, ouvir o patuá em casa da minha avó. O meu pai, sendo macaense, acabou por influenciar também a nossa educação”, explica.

O cantonês que fala aprendeu-o cedo, vem dos tempos da escola primária. “Na altura, tinha muitos colegas macaenses que falavam chinês em casa, pelo que me habituei a falar cantonês.” Para a aprendizagem contribuíram também os canais de televisão em língua chinesa. “Quase todas as crianças da minha geração viam os desenhos animados na televisão chinesa. Em casa da minha avó falava-se muito cantonês e eu passava muito tempo lá, via as novelas chinesas.” Embora compreendesse o idioma, houve alturas em que não o falava. Os anos passados fora de Macau também não ajudaram à manutenção do vocabulário. “Hoje em dia já falo muito melhor”, afiança.

Tânia Sales Marques decidiu aos 16 anos que queria ir para os Estados Unidos

estudar astronomia, “o melhor local da época” para quem se interessa pela área. “Fiz o curso, fiquei lá quase cinco anos. Depois passei por Portugal, estive em Inglaterra dois anos e meio e então regressiei a Macau.”

À chegada, colaborou com o Centro de Ciência de Macau, ainda na fase de projecto. Agora, dá aulas de Matemática e Física na Universidade de São José. “Gosto muito do ensino. No Centro de Ciência o ensino era não formal, fazia-se de forma indirecta. Acaba por ser diferente quando estamos envolvidos na evolução de um aluno. Estamos ali diariamente a transmitir conhecimentos, a ensinar a pensar - que é, acima de tudo, o mais importante.”

O facto de ser astrónoma desperta curiosidade entre alguns dos seus alunos, mas não em todos. Trata-se de “uma ciência interessante, mas não são muitas as pessoas que queiram estudá-la a fundo”, constata. Em Macau, existe uma associação que se dedica à astronomia, mas apenas como *hobby*. “Não é uma área de interesse muito comum”, reconhece. A astronomia tem ainda um lado filosófico: “É sempre bom sabermos de onde vimos. Todos nós queremos saber quem somos e porque é que estamos aqui. Através da astronomia, essas questões acabam por ser mais definidas. Aprendemos mais sobre o universo e o nosso lugar nele”.

Em Macau já há alguma pesquisa na área científica que escolheu, mas não especificamente nos assuntos que mais interesse lhe suscitam. Por isso, a jovem astrónoma não descarta a possibilidade de voltar a sair para fazer o doutoramento. Não que seja fácil deixar Macau, mas já o fez uma vez. E regressou. “Macau é a casa. E volta-se sempre a casa.” ■



Onde pode encontrar a Revista Macau

### PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,  
1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

Centro de Promoção  
e Informação Turística

de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo  
da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c  
1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2  
4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62  
3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

### MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22

Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"

Tel: +(853) 2832 3957

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de  
Almeida, 32

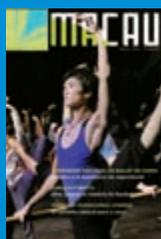
Tel: +(853) 2833 8561



2005-2006



2006-2007



2007-2008

2008-2009

## Edição de Março 2009



Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau

email: contacto@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome: .....

Morada: .....

Telefone: ..... Fax: ..... E-mail: .....

Angola: AOA 970.00

Brasil: BRL 22.00

Cabo Verde: CVE 925.00

Guiné Bissau: XOF 5,340.00

Macau: MOP 100.00

Mundo: USD 13.00

Moçambique: MZN 320.00

Portugal: EUROS 9.00

S. Tomé: STD 188,000.00

Timor: USD 13.00



deltaedições

Não inclui portes de correio. Vendas *online* em [www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp](http://www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp)

[www.revistamacau.com](http://www.revistamacau.com)